

LADI TAMARA BENDA WITIUK

**O PARADIGMA EMERGENTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA :
A BUSCA DA OTIMIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DO
CONHECIMENTO EM FILOSOFIA**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

PUC-PR

CURITIBA

1999

LADI TAMARA BENDA WITIUK

**O PARADIGMA EMERGENTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA :
A BUSCA DA OTIMIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DO
CONHECIMENTO EM FILOSOFIA**

Dissertação apresentada à Pontifícia
Universidade Católica do Paraná, como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Educação, sob a orientação da
Profª Dra. Marilda Aparecida Behrens.

CURITIBA

1999



ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO, DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.

Exame de Dissertação n.º 166

Aos cinco dias do mês de agosto de um mil novecentos e noventa e nove, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação "O PARADIGMA EMERGENTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: A BUSCA DA OTIMIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM FILOSOFIA", apresentada por **Ladi Tamara Benda Witiuk**, ano de ingresso 1996 para obtenção do título de Mestre. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes professores:

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Prof. ^a Dr. ^a Marilda Aparecida Behrens	
Prof. ^a Dr. ^a Sonia Anna Leszczynski	
Prof. Dr. Jamil Ibrahim Iskandar	

De acordo com as normas regimentais a Banca Examinadora deliberou sobre os conceitos a serem atribuídos e que foram os seguintes:

Prof. ^a Dr. ^a Marilda Aparecida Behrens	Conceito <u> A </u>
Prof. ^a Dr. ^a Sonia Anna Leszczynski	Conceito <u> A </u>
Prof. Dr. Jamil Ibrahim Iskandar	Conceito <u> A </u>
	Conceito Final <u> A </u>

Observações da Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Sabbag Zainko
Diretora da Área de Educação
Coordenadora do Curso de Mestrado em Educação

*“Não somos simplesmente o que
agora somos, mas de certo modo
já somos o que desejamos ser”.*

“Vivemos constantemente nos sentindo um estranho no ninho. Podemos estar bem materialmente, realizados afetivamente, mas de vez em quando o coração se inquieta e bate no peito uma saudade de algo que não sabemos bem o que pode ser, uma saudade de um paraíso perdido...”

e então, voamos para longe de nós mesmos”.

AGRADECIMENTOS

- À Professora Marilda Aparecida Behrens, pela peculiar atenção e competência profissional, que soube orientar-me com suas dedicadas leituras e valiosas contribuições, tornando-se amiga quanto aos caminhos a seguir. Ela contribuiu mais do que pode imaginar.
- A todos que acompanharam e colaboraram de forma direta ou indiretamente, com mais uma conquista: minha família, em especial meu filho Dennis, meus professores e meus colegas de trabalho.
- Aos alunos dos primeiros anos dos cursos de Pedagogia e de Matemática de 1998, que participaram do processo de mudança na educação, tornando possível a efetivação desse trabalho.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
1.1 Introdução.....	1
1.2 Definição do problema.....	5
1.3 Justificativa.....	6
1.4 Metodologia.....	7
CAPÍTULO 2 - A PROPOSTA DO ENSINO DA FILOSOFIA MAIS DINÂMICO COM ENFOQUES HUMANISTA E REFLEXIVO	11
CAPÍTULO 3 - O PARADIGMA EMERGENTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: O DESAFIO DA ABORDAGEM PROGRESSISTA, DO ENSINO COM PESQUISA E DA VISÃO HOLÍSTICA DA EDUCAÇÃO, PARA ULTRAPASSAR UM PARADIGMA DE UMA ESCOLA CONSERVADORA	21
3.1 - Abordagem progressista.....	42
3.1.1 - O professor progressista.....	51
3.1.2 - O aluno progressista.....	56
3.1.3 - A metodologia na abordagem progressista.....	59
3.2 - Ensino com pesquisa.....	62
3.2.1 - O professor no ensino com pesquisa.....	69
3.2.2 - O aluno no ensino com pesquisa.....	74
3.2.3 - A metodologia no ensino com pesquisa.....	76
3.3 - A visão holística da educação.....	79
3.3.1 - O professor na visão holística.....	88
3.3.2 - O aluno na visão holística.....	91
3.3.3 - A metodologia na visão holística.....	92
3.4 - A aliança tríplice entre os paradigmas inovadores rumo ao paradigma educacional emergente.....	96

CAPÍTULO 4- O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	99
4.1 A Contribuição dos sujeitos envolvidos.....	111
4.1.1 Conhecimento sobre a metodologia.....	112
4.1.2 Metodologia do ensino com pesquisa comparada com as outras...	113
4.1.3 Continuidade da metodologia proposta.....	124
4.1.4 Formação do futuro profissional.....	129
4.1.5 Rendimento na metodologia proposta.....	136
4.1.6 Exigência para a produção de textos.....	140
4.1.7 A significação da proposta metodológica para a futura formação...	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152
ANEXOS	158
ANEXO 1- Minuta do termo de compromisso para o desenvolvimento da pesquisa.....	159
ANEXO 2- Exemplificação das produções de textos individuais de alunos de Pedagogia e de Matemática.....	167
ANEXO 3- Exemplificação da produção de texto coletivo dos alunos de Pedagogia.....	186
ANEXO 4- Exemplificação do instrumento de avaliação.....	191

RESUMO

Este trabalho apresentou a reflexão e a experiência da proposta do ensino da filosofia de modo mais dinâmico, buscando contemplar um enfoque mais humano e reflexivo da mesma. Com a adoção do paradigma emergente na prática pedagógica, veio junto o desafio de vincular a abordagem progressista, proposta por FREIRE, o ensino com pesquisa, idealizado por DEMO e a visão holística da educação, postulada por CAPRA, SMUTZ, CARDOSO, BRANDÃO e CREMA, para ultrapassar um paradigma de uma escola conservadora. Em cada abordagem, foi enfatizado o desempenho do professor, do aluno e da metodologia, onde foi analisado o processo na busca da construção do conhecimento. A tríplice aliança desses paradigmas inovadores, aplicados e propostos por BEHRENS, tornou possível o desenvolvimento da pesquisa-ação no ano de 1998. A pesquisadora junto aos alunos, do primeiro ano dos cursos de Pedagogia e de Matemática, da FAFI-UVA, propôs um envolvimento que levou ao cultivo do pensamento, à aprendizagem da arte de pensar e à produção do conhecimento em Filosofia, alicerçados numa prática pedagógica inovadora para a formação mais qualificada de profissionais que possam entrar no século XXI. O desafio de vincular esses paradigmas inovadores e a aplicação da metodologia durante todas as etapas da pesquisa, constituiu-se numa alternativa confiável para incentivar tanto professores e alunos a produzir conhecimento novo em filosofia, onde numa relação dialógica, cada um sentiu-se como o principal sujeito do processo de filosofar. Esta evidência comprova a efetivação da propedêutica básica, evidenciada por DEMO (1997), do “saber pensar” e do “aprender a aprender”.

CAPÍTULO 1

1.1 INTRODUÇÃO

A experiência profissional no magistério aliada a um espírito investigador em relação ao conhecimento, tem provocado na autora uma reflexão sobre a sua prática pedagógica no ensino da Filosofia.

O desafio e a preocupação de construir uma ação educativa mais dinâmica tem acompanhado a trajetória dessa profissional. Como docente da disciplina de Filosofia dos primeiros anos dos cursos de licenciatura, na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, vem sentindo a necessidade de pesquisar sobre: ***A abordagem progressista e o ensino com pesquisa numa visão holística na busca da produção do conhecimento em Filosofia.***

Com o intuito de provocar reflexões sobre atitudes vivenciadas pelos estudantes e as necessidades da sociedade neste momento histórico, elencou-se como preocupação essencial do estudo uma caminhada coletiva com os estudantes na disciplina de Filosofia e a necessidade de levá-los a aprenderem a pensar e a se comunicar criticamente.

Com essa finalidade, acredita-se que a Filosofia pode contribuir significativamente nesse processo, pois, desempenha papel imprescindível na formação do educador.

As disciplinas de maneira geral têm sido ensinadas como produto pronto e acabado, num processo essencialmente verbalista e mecânico, reproduzindo o conteúdo, inexistindo a atividade argumentativa e sufocando o potencial crítico dos estudantes.

Em função desse desafio, busca-se uma nova prática educativa em sala de aula, que conduza o estudante à ação - reflexão do cotidiano e que contemple um processo de discussão permanente entre a teoria e a prática. Nesse contexto, objetiva-se analisar as situações concretas do dia-a-dia, possibilitando aliar ao discurso teórico, a prática que possa ser discutida e vivida pelos estudantes, que serão os futuros professores dos ensinos fundamental e médio.

Com o espaço de anúncio e denúncia, acredita-se que o estudante possa ultrapassar a alienação em relação ao seu próprio processo formativo, o inconformismo e a resistência psicológica que entrava o rendimento escolar em relação à disciplina de Filosofia.

Como docente de Filosofia, procura-se produzir o conhecimento mais dinâmico, com atividades que levem o estudante à reflexão, à crítica, à curiosidade, ao questionamento exigente, à inquietação e à incerteza. Com essa perspectiva, a Filosofia num processo questionador constante, pode ser criada e recriada pelos estudantes e pelo professor em sala de aula.

Essa experiência tem criado espaço para que os alunos se manifestem, e, esse fator, deflagrou a necessidade de envolvê-los para repensarem a importância da disciplina de Filosofia. No entanto, tem-se presente que os estudantes, mesmo na disciplina de Filosofia, com uma

abordagem dialógica, encontram dificuldades em entender um processo mais crítico e reflexivo.

A maioria dos estudantes parece ter dificuldades para pensar e acha que a Filosofia é complexa, que está além de seu alcance e a considera irrelevante frente às suas necessidades imediatas ao ingresso no competitivo mercado de trabalho. Esquecem-se que o “sim” para a vida é a grande e bela aventura, porque permite a realização da razão, da verdade e do amor. E foi para tudo isto que o ser humano nasceu.

A necessidade do caráter humanista e crítico no ensino da Filosofia neste mundo “desumanizado pela técnica e pelo consumo”, que “perdeu os valores”, está mergulhado na falta de qualidade de vida. Os estudantes precisam ser desafiados a lidar com conceitos filosóficos, fazendo uma reflexão crítica dos problemas do mundo para descobrir a verdade (FAVARETTO,1993,p.21).

Os referenciais da filosofia humanista e crítica, poderão trazer uma valiosa contribuição para a formação integral do ser humano, que neste século tem sido reduzida ao desenvolvimento individual, que evidencia um ser humano desumanizado e coisificado e a ele se refere como um ente entre objetos que podem ser manipulados e dominados. Neste sentido, o ser humano não chega a ver as coisas e a si mesmo, pois distanciado da realidade, não pode ver o mundo na sua totalidade.

É preciso preparar um ser humano crítico para esse mundo tecnológico em acelerada mudança. Nesse contexto, acredita-se que a abordagem progressista, juntamente com o ensino com pesquisa numa visão holística, seriam um dos meios para contribuir para a formação de

um professor que venha propor metodologias que possibilitem aos alunos uma nova visão de homem e de mundo. Entende-se por *holística*, do grego “holos”, “total”, doutrina que privilegia a consideração da totalidade na explicação de uma realidade (JAPIASSÚ,1996,p.130). Com essa perspectiva social e filosófica, desenvolver potencialidades cognitivas para exercer com competência e sensibilidade as tarefas e responsabilidades que o progresso exige. E, principalmente, preparar-se conscientemente para a futura ação pedagógica, formação essa, que deverá estar articulada com uma concepção filosófica da educação.

A experiência vem ensinando a um número cada vez maior de indivíduos que há problemas que dependem do envolvimento e das ações das pessoas e dependem somente delas, e cuja solução não pode ser transferida para nenhuma organização social, como afirma KOSIK (1976,p.19), em sua *Dialética do Concreto*, “Cada indivíduo pessoalmente e sem que ninguém possa substituí-lo, tem de se formar uma cultura e viver a sua vida”. A visão de um ser humano não empresta suas asas a outro ser humano. Assim, cada um deverá ter uma própria interpretação das coisas, surgindo com isso a consciência crítica. O ser humano passa a ser autor e sujeito do mundo.

Por todos esses motivos, o interesse manifesto em fazer um estudo que fundamenta-se no papel do professor de Filosofia e na sua possível contribuição para uma reflexão conjunta com os estudantes, na busca de uma prática pedagógica desafiadora e transformadora da realidade social.

Como revisão de literatura, optou-se por pesquisar sobre a abordagem progressista, o ensino com pesquisa e a visão holística.

Acredita-se que o objetivo de aprofundamento teórico provocará o envolvimento e o desafio em busca de referenciais teóricos e práticos que possam alicerçar o processo de mudança que almeja-se com esse trabalho. Com essa visão, a da transformação, apropria-se do pensamento de Bertolt Brecht que manifesta a intenção dessa pesquisa, pois: "O que é, exatamente por ser tal como é, não vai ficar tal como está" (KONDER, 1993, p.84).

1.2 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A presente dissertação tem como preocupação central pesquisar sobre o seguinte problema: ***Como alicerçar uma prática pedagógica num paradigma emergente que possibilite uma aliança entre a abordagem progressista e o ensino com pesquisa numa visão holística, na busca da produção do conhecimento crítico e reflexivo no ensino da Filosofia?***

Esta problemática torna-se um desafio para a autora, pois tem conhecimento que mesmo no ensino de Filosofia, os estudantes tem contemplado uma tendência tradicional, que não tem por base um processo de reflexão e construção do conhecimento. Sendo que, deveria transformar-se numa oficina de reflexão .

O Mestrado em Educação da PUC-PR, tem proporcionado a aproximação de referenciais teóricos e práticos que vem subsidiar a prática educativa desta professora, e dar suporte para caminhar coletivamente com seus estudantes na busca de transformação da

metodologia em sala de aula e na construção do conhecimento, com a sustentação de uma filosofia crítica e mais reflexiva.

1.3 JUSTIFICATIVA

A sociedade contemporânea tem desafiado a construção de uma universidade compatível com a exigência dos novos tempos. Uma reflexão prévia e fundamental deverá ser realizada com os estudantes para a renovação de sua ação discente sob o aspecto crítico e reflexivo.

O verdadeiro papel do professor hoje, frente às inovações para o século XXI, é o de buscar metodologias mais avançadas na construção do conhecimento e na preparação de seres humanos pensantes e emancipados, habilitando-os não só para atuarem como profissionais competentes em todas as áreas do conhecimento, mas também prepará-los para influírem sobre a realidade onde vão atuar, numa perspectiva de mudança, a partir de uma visão crítica da realidade.

Segundo JÜRGEN HABERMAS (1982), um dos recentes filósofos da atualidade, pertencente à segunda geração da Escola de Frankfurt, defensor da teoria crítica e da ação comunicativa, acredita que a emancipação através do conhecimento, só é possível se a atitude em relação ao saber for sempre de suspeita crítica, sendo levada a cabo através de uma postura dialética. No entanto, a atitude de suspeita em relação a tal conhecimento deve ser sempre estimulada, tanto na escola, quanto em todas as situações sociais.

Na qualidade de uma das professoras da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, detectou-se em relatos e conversas informais com estudantes desta instituição, a preocupação dos mesmos, do porquê de alguns professores não transformarem sua ação pedagógica em sala de aula numa relação dialógica, interativa e participativa com seus alunos, tornando o aprender mais interessante e prazeroso.

Por esse motivo, a preocupação desta professora em realizar essa pesquisa para colaborar ou até reverter esse quadro. Inicialmente, por meio de um levantamento junto aos estudantes, procurar analisar os fatores que dificultam ao estudante inovar o seu desempenho como acadêmico, e, posteriormente, num trabalho de conscientização e envolvimento numa proposta pedagógica emergente, espera-se que esses estudantes assumam o seu verdadeiro papel, hoje, como sujeitos que fazem e refazem o mundo na reconstrução do conhecimento, responsáveis, participativos e empenhados pela mudança do processo educativo, da sua própria prática e, principalmente para atender às exigências da própria comunidade escolar, na qual está inserido.

1.4 METODOLOGIA

Optou-se nesta pesquisa por um estudo *qualitativo*, que será realizado de forma analítica, crítica e reflexiva onde pretende-se contemplar uma linha dialética. A *pesquisa-ação* foi escolhida porque é um tipo de abordagem qualitativa na qual o pesquisador interage, faz parte do

grupo envolvido e, em conjunto encontra propostas de soluções, pistas e ações que alteram a realidade. Docente e acadêmicos envolvidos, fazem parte do corpo de sujeitos que comungam objetivos comuns na construção do conhecimento.

Este tipo de pesquisa é acoplado a um programa de ação efetiva sobre a solução do problema e é também acompanhada por práticas pedagógicas, gerando uma tensão entre *o que é* e *o que podia ser*, isto é, intervir na dissociação entre os fatos e os elementos valorativos ou normativos, numa investigação ligada a uma ação transformadora e conscientizadora, promovendo a autonomia nos estudantes (THIOLLENT, 1980,p.63-79).

A pesquisa-ação será desenvolvida no cotidiano dos acadêmicos que cursam a disciplina de Filosofia, na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória. Estes compõem o primeiro ano dos cursos de Pedagogia e de Matemática.

Justifica-se a escolha destes dois cursos por representarem acadêmicos que apresentam formação pedagógica diferenciada. E o que se espera é que o ensino da Filosofia com os referenciais desta proposta, venha realmente promover a esses acadêmicos a elaboração do senso crítico na produção do conhecimento de busca científica e venha fazer parte da formação destes futuros professores.

DEMO (1994), de forma inovadora, aponta caminhos que viabilizam a prática pedagógica na universidade, rumo ao próximo milênio. Trata-se de uma visão pedagógica, cujo enfoque propedêutico desafia a construção do conhecimento baseado no processo de "pesquisa e formulação

grupo envolvido e, em conjunto encontra propostas de soluções, pistas e ações que alteram a realidade. Docente e acadêmicos envolvidos, fazem parte do corpo de sujeitos que comungam objetivos comuns na construção do conhecimento.

Este tipo de pesquisa é acoplado a um programa de ação efetiva sobre a solução do problema e é também acompanhada por práticas pedagógicas, gerando uma tensão entre *o que é* e *o que podia ser*, isto é, intervir na dissociação entre os fatos e os elementos valorativos ou normativos, numa investigação ligada a uma ação transformadora e conscientizadora, promovendo a autonomia nos estudantes (THIOLLENT, 1980,p.63-79).

A pesquisa-ação será desenvolvida no cotidiano dos acadêmicos que cursam a disciplina de Filosofia, na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória. Estes compõem o primeiro ano dos cursos de Pedagogia e de Matemática.

Justifica-se a escolha destes dois cursos por representarem acadêmicos que apresentam formação pedagógica diferenciada. E o que se espera é que o ensino da Filosofia com os referenciais desta proposta, venha realmente promover a esses acadêmicos a elaboração do senso crítico na produção do conhecimento de busca científica e venha fazer parte da formação destes futuros professores.

DEMO (1994), de forma inovadora, aponta caminhos que viabilizam a prática pedagógica na universidade, rumo ao próximo milênio. Trata-se de uma visão pedagógica, cujo enfoque propedêutico desafia a construção do conhecimento baseado no processo de "pesquisa e formulação

isso, uma pedagogia do diálogo, não tolera a reprodução, o *status quo* e a conservação. Não se restringe a um único ato pedagógico, mas uma ação contínua, renovadora, inconformada e, portanto conflituosa e transformadora. Pois, indica movimento e se propõe a ser transformadora (MESQUIDA, 1996:mimeo.).

Com esta visão, a pesquisa-ação pretende reduzir o isolamento e envolvê-los em relações de caráter mais coletivo. Pretende ser um tipo de diálogo que favorece a participação dos estudantes e dos professores na resolução dos problemas (FREURY & VARGAS,1983,p.81).

CAPÍTULO 2

A PROPOSTA DO ENSINO DA FILOSOFIA MAIS DINÂMICO COM ENFOQUES HUMANISTA E REFLEXIVO

Históricamente, ou seja, há mais de vinte séculos, aconteceu ao ser humano fazer filosofia.

Segundo MONDIN (1980,p.5), o ser humano que se diz naturalmente “filósofo”, não vive apenas o momento presente, mas busca interrogar e conhecer o porquê das coisas e, principalmente, o porquê da sua vida, propondo-se a obter uma solução para todos os problemas, através de uma análise aprofundada e sistemática. Isto representa o filosofar.

Para os primeiros filósofos, assim como para os filósofos de todos os tempos, a razão é o único instrumento para ler e interpretar a realidade. Segundo MARIAS (1985,p.372-374-379), “na verdade, o ser humano faz isto sempre, porque viver já é entender, interpretar...e, por outro lado, como um conhecimento que é capaz de dar razão da realidade radical que é nossa vida...porque o ser humano que filosofa, se acha numa determinada circunstância e sua perspectiva funciona como um ingrediente do real”. Portanto, a filosofia é uma reflexão profunda sobre toda a realidade, ou seja: sobre o eu, o outro e o mundo. Assim sendo, a produção de conhecimentos tem na filosofia seu mais amplo horizonte.

Vivemos num mundo em que a visão das pessoas está marcada pela busca dos resultados imediatos do conhecimento. No que se refere à Filosofia, o seu possível respeito não aparece de imediato, porque seus efeitos se dão no espírito e na alma de uma pessoa, num segmento da sociedade ou na cultura de uma nação, por isso não é tão evidente. No meio educacional, poucos alunos dão importância para a Filosofia, alguns até arriscam em dizer que todo professor de Filosofia é "mediocre". Existe uma frase folclórica que diz que: "A filosofia é a ciência com a qual ou sem a qual o mundo continua tal e qual", que quer dizer que filosofar é algo inútil.

MEKSENAS (1994,p.40) esclarece que:

Daí a importância da antiga civilização grega clássica (300 A.C.); é a primeira vez que um grupo humano deixa-se guiar apenas pela consciência mítica para ter uma consciência crítica da realidade. Pitágoras foi quem pela primeira vez forjou a palavra filosofia, que pode ser traduzida como sendo a atitude de "amor à sabedoria". Nesse sentido, podemos dizer que a consciência filosófica é um modo de pensar que pretende sempre buscar a verdade.

E no dizer de JASPERS (1965,p.141):

Todo aquele que se dedica à filosofia quer viver para a verdade. Vá para onde for, aconteça-lhe o que acontecer, sejam quais forem os homens que ele encontre e, principalmente, diante do que ele próprio pensa, sente e faz- está sempre interrogando. As coisas, as pessoas e ele próprio devem tornar-se claros a seus olhos. Ele não se afasta de seu contato. Ao contrário, a ele se expõe. E prefere ser desgraçado em sua busca da verdade a ser feliz na ilusão.

Parece oportuno, fazer uma demonstração de como se realiza uma construção do conhecimento em torno da palavra "ilusão" e o seu significado, porque segundo MACHADO (1995,p.41), "...a concepção de conhecimento é sugerida como uma rede de significações, plantada como uma semente em que se depositam muitas expectativas, ...na iluminação

da ação docente”. Portanto, o significado da palavra “ilusão”, costuma ser o engano, a imaginação descabida e a apreensão errada das coisas. O filósofo espanhol MARÍAS (1985), In: MACHADO(1995,p.42), relaciona ilusão e jogo, aproximando os significados de “ter ilusões” e “ter projetos”.

Segundo MARÍAS (1985):

A palavra **ilusão** que aparece em todas as línguas românicas e em algumas comum elemento românico, como o inglês, deriva-se diretamente do latim **illusio**, substantivo procedente do verbo **illudere**, cuja forma simples é **ludere**, derivado, por sua vez, do nome **ludus**. **Ludus** quer dizer “jogo”, mas ação, jogo de fato, diferentemente de **iocus**, jogo verbal, ainda que esta distinção de pronto se vá diluindo (p. 10).

Neste sentido, ter ilusão é estar no jogo, estar desiludido é não ter mais vontade de jogar. Não ter projetos é desistir do jogo, é ir em direção à morte. Ao contrário, quem tem projetos é porque tem também, uma “filosofia de vida”. Sobre o significado de ilusão como projeto, MARÍAS (1985), In: MACHADO (1995,p.44), faz uma analogia com o significado da educação, quando se refere às relações entre professores e alunos, afirmando que:

O mais próprio desta relação é que é intrinsecamente argumentativa...Os projetos vitais atuam, pois, nessa relação. Por isso é normal - ainda que não necessariamente freqüente - que essa relação converta-se em amizade, que pode ser muito profunda e duradoura...o que quero assinalar, o que me move a considerar especialmente a amizade nascida da docência é que um ingrediente seu costuma ser - tem que ser, esperam se a docência mesma é profunda - a ilusão. Se os estudantes não “ilusionados” a chegada do mestre, sua presença, seu ensino, ele não constitui para eles um verdadeiro mestre, no máximo um “docente” ou “professor”. Se o mestre não sente ilusão por sua tarefa e concretamente por seus discípulos, em nível muito alto por alguns, sua função é uma forma deficiente, uma degeneração de uma vocação. Um e outros têm que ter expectativas, antecipar, ter complacência, associar-se a trajetórias (vitais) alheias. Se esta ilusão falta, a autêntica função não se cumpre.

Nas aulas de Filosofia é que a relação professor e aluno tem mais possibilidade de se realizar em sua totalidade, porque ambos refazem e

perfazem o percurso da reflexão filosófica, identificando juntos, o processo pelo qual os filósofos construíram suas idéias. Atualmente, o professor de Filosofia não está mais para ensinar a verdade absoluta, porque esta verdade de como as coisas são, não existe. Como afirma BOHM (1992) In: MORAES (1997,p.77 -78), na realidade se constata hoje:

que não existe nenhuma forma de *insight* final correspondente a uma verdade absoluta, ou mesmo a uma série de aproximações de uma forma de conhecimento final... Portanto é ilusório a natureza da verdade factual... Não há verdade absoluta, permanente, no sentido de uma identidade entre a descrição e a coisa descrita. Não existem dogmas. A ciência é e será sempre de afirmações aproximadas.

DEMO (1994,p.21-22), contribui, citando HABERMAS (1972), que muda a visão de verdade, contra a percepção positivista de algo evidente e apenas lógico. Visto pelo paradigma da comunicação, HABERMAS define verdade como "pretensão de validade" e sendo uma pretensão, cabe argumentar em favor ou contra. A verdade não é propriedade de ninguém e pode sempre ser rediscutida naquilo que depende de consenso para ser válida.

Portanto, o professor de Filosofia de hoje pode tornar suas aulas mais dinâmicas, reflexivas e dialógicas, sem a forma acabada do pensamento, despertando nos alunos a consciência filosófica, fazendo com que sejam desafiados em sua inteligência de seres humanos e, que estejam em constante processo de encantamento e ilusão para a abstração, apropriação, construção e desconstrução do conhecimento da Filosofia. E mais: precisam ser sempre instigados para se aprofundar cada vez mais neste fascinante mundo do conhecimento, com a perspectiva de

auto-transformação e autonomia para interferir na própria realidade. Só assim o professor de Filosofia se torna expectativa na vida de seus alunos.

JASPERS (1965,p.139), afirma que: "A polêmica torna-se encarniçada. Um instinto vital ignorado de si mesmo, odeia a filosofia. Ela é perigosa. Se eu a compreendesse, teria que alterar minha vida. Adquiriria outro estado de espírito, veria as coisas a uma claridade insólita, teria que rever meus juízos. Melhor é não pensar filosoficamente".

Os alunos que não valorizam a Filosofia, possivelmente têm aulas de Filosofia com professores que utilizam metodologias que não conciliam o seu conteúdo a uma funcionalidade mais atuante, exigida pelas necessidades sociais da modernidade. Esses conteúdos são repassados geralmente por professores eruditos, que revelam o seu saber e deixam os alunos embevecidos com sua eloquência, ou o professor ministrador de aulas, que se limita a reproduzir os conhecimentos exigidos pelos programas ou livros didáticos. Se o aluno aprendeu ou não, e como aprendeu, não é o seu problema, pois o que ele faz é dar a sua aula de Filosofia. É o professor que dificilmente vê o aluno como um ser que está aprendendo. E o pior, é que este professor de Filosofia pensa que sabe tudo, porque possui o estigma de que se formou em Filosofia, e por ser professor desta disciplina não precisa estudar mais. De acordo com MARANHÃO (1997,p.16), "Em Filosofia você não se forma, ganha-se o diploma. O estudo tem que continuar".

Um dos mais importantes filósofos da Grécia antiga, Sócrates, afirmava que não existe no mundo conhecimento pronto e acabado e que

se queremos chegar à raiz do conhecimento, devemos, em primeiro lugar, criticar o que já conhecemos.

Nesse sentido, a Filosofia é uma tentativa de entender o mundo racionalmente e de descobrir o porquê das coisas e a possibilidade de modificar a ordem, contribuindo para o desenvolvimento de uma postura que procura sempre questionar as certezas antigas na busca de novas certezas.

No dizer de CARVALHO (1988,p.11):

...uma pedagogia humanista é aquela que não reduz o homem a mero expectador da realidade natural e social, nem tão pouco à mera ação da incidência da ação condutora de outros homens que o transformem em coisa... Quanto mais o homem conhece criticamente, as condições concretas e objetivas do seu aqui e agora - de sua realidade - mais pode ultrapassar esta realidade, transformando-a.

Essa pedagogia humanista leva o homem à consciência crítica da capacidade que ele possui de transformar a realidade em que está inserido. E essa consciência crítica é construída por meio do diálogo, que é a essência da comunicação pedagógica em que o professor e o aluno efetivam sobre a realidade na qual ambos estão inseridos. Na concepção dialética, a Filosofia só se realiza quando há diálogo entre professor e o aluno, trabalhando juntos no ato reflexivo. O professor no papel de questionador, de inquietador, como foi Sócrates, por exemplo.

NÉRICI (1973,p.22), quando aborda as dezesseis funções do ensino superior, destaca a função reflexiva como sendo:

a mais relevante função da universidade, que é a de desenvolver ao máximo a capacidade de reflexão do estudante. O intelectual, o estético, o emocional e o que quer que seja tem de ser tratado em nível superior, de forma racional, sempre

em busca de causas, de constatações, de conseqüências ou de generalizações bem justificadas.

É a Filosofia na universidade que nos leva a refletir sobre a cotidianidade mais simples, como é o encontrar-nos com as pessoas, até a cotidianidade mais complexa, que pode ser a reflexão sobre o sentido da vida e o destino da humanidade. Nós não agimos por agir. Agimos, sim, por uma certa finalidade como: comprar um carro, assumir um cargo, buscar o bem da sociedade, lutar pela emancipação de um povo, procurar dar aulas mais motivadas aos nossos alunos, etc. Tudo isto por quê? Certamente devido ao fato de que a vida só tem sentido se vivida em função de valores dignos e humanizantes. Esta é uma necessidade natural do ser humano, porque ninguém pode agir no "escuro", sem saber para onde vai e porque vai. LUCKESI (1994,p.22) comenta que, o professor de Filosofia deve sistematizar aos estudantes suas aspirações; aspirações essas que dão sentido ao dia-a-dia, à luta, ao trabalho, à ação, porque ninguém vive sem sentido, para o seu trabalho, para sua relação com as pessoas, para o amor, para a amizade, para a ciência, para a educação, para a política, etc.

PARADA (1987,p.7-9), da Universidade Iberoamericana é quem aborda a questão da formação humanista na universidade, quando diz que:

A Filosofia Educativa da UIA define o humanismo como o desenvolvimento integral dos dinamismo fundamentais do homem: criatividade, criticidade, liberdade, solidariedade, integração afetiva e consciência da incondicionalidade e ilimitação do horizonte de nosso atuar... A formação humanista pretende potenciar ao máximo a capacidade de análise crítica: que o sujeito tome clara consciência de quais são as diversas possibilidades que são eferecidas ao seu desenvolvimento.

Ensinar os alunos a pensarem criticamente é tarefa da formação humanista em que o a mais importante não será dar uma solução para cada tipo de saber senão capacitar o sujeito para que a encontre por ele mesmo.

Para PARADA (1987,p.13):

Em um primeiro momento da atividade acadêmica, aprender a pensar quer dizer desenvolver a capacidade de descobrir as relações dos objetos dentro do campo de visão próprio de uma disciplina. Em um segundo momento, aprender a pensar significa desenvolver a capacidade de descobrir relações desse objeto com a totalidade da realidade.

PARADA (1987), identifica a Filosofia como possibilidade para atuar como elemento de crítica do próprio ensino, contribuindo para o trabalho interdisciplinar, não apenas no plano epistemológico, mas também no plano da prática pedagógica de outras disciplinas, articulando-as dialéticamente entre si. Cabe refletir sobre o tipo de Filosofia que seria aplicada aos estudantes dos cursos de licenciaturas de Matemática, de História, de Letras e de outras ciências. Acredita-se que por meio da ação combinada com outras disciplinas, podem ser trabalhadas as mesmas reflexões que são contempladas em Filosofia, por exemplo, os temas básicos como: a Verdade, o Bem , a Justiça e a Transcendência.

A visão humanista de PARADA (1987,p.17 -18), confirma que:

Pela afirmação da Verdade, o homem supera o encerramento em si mesmo para situar-se no âmbito limitado da realidade. Pela conquista do Bem que lhe corresponde, se abre a escolher livremente os valores que dão sentido à sua existência. Pela convivência na Justiça, estabelece uma fecunda relação com seus semelhantes de maneira que a sociedade não seja um impedimento ou um ídolo, onde o bem de cada um coopere com o bem de todos. Pela abertura à Transcendência, o homem intui sua insondável grandeza: o ser um ser relativo e limitado, com relações sempre relativas e limitadas que está irrecusavelmente situado na perspectiva do absoluto e na inquietude do infinito.

O que caracteriza a Filosofia diante das demais atitudes do espírito humano, segundo SEVERINO (1992,p.7), é o estilo próprio do aluno construir seu conhecimento, desenvolvendo uma postura problematizadora na metodologia da reflexão crítica sobre o seu existir. Com esta visão da vivência, refletindo, a Filosofia propiciará ao aluno por si só ou em grupo a descobrir a realidade dos processos e ter condições de questionar. O filosofar é um trabalho com uma linguagem filosófica diferente das demais formas de conhecimento com as quais o estudante está mais acostumado. É uma atividade problematizadora na busca da inteligibilidade daquilo que se apresenta ao olhar interrogativo. PARADA (1997,p.22), afirma que:

...em virtude da unidade que somos, todo nosso atuar se relaciona e infui reciprocamente. As palavras podem ser falsas, mas o natural é que tenham uma íntima correspondência com nosso pensar. Se não dizemos o que pensamos, terminaremos em pensar o que dizemos. A linguagem é o meio vital do pensamento... Pela linguagem, o que pensamos deixa de ser pura entidade mental para converter-se na realidade objetiva que atua e se expõe à ação sobre ela.

A leitura filosófica é um exercício de diálogo em relação ao texto. O leitor interpela e é interpelado. É um encontro do leitor com o texto que fala, que permite que o leitor se transforme na leitura. Isto é diálogo crítico. PARADA (1987,p.26) reforça que: "O importante que destes textos será a potencialidade que eles têm para explicitar e fazer aflorar as inquietudes e perguntas humanas de modo que os alunos possam reconhecê-las como próprias".

Por ser uma atividade reflexiva, a Filosofia não pode apresentar-se como um conjunto determinado de conhecimentos transmissíveis. Segundo

GRANGER (1989), “o ato filosófico é reflexivo e não objetivo”. Para LEBRUN (1976), “a reflexão filosófica reside no ideal de inteligibilidade “que ela difunde””. SAVIANI (1986), esclarece que a palavra reflexão, vem do verbo latino *reflectere*, que quer dizer “voltar atrás”, isto é, o ato de retomar, revisar e analisar o pensamento. É filosofar.

PARA GAARDER (1995,p.395), considera “a Filosofia como o espelho do espírito do mundo”. A Filosofia vista como uma disciplina fria, contemplativa, formal, sistemática, teórica, com esclarecimento e resposta pronta e acabada, é um saber filosófico em repouso. O filosofar é uma atitude natural do ser humano, que pode ser uma aventura do espírito, um saber em contato com a vida, com a realidade dinâmica, com os debates do nosso tempo, com as discussões e diálogos de ordem geral. Filosofia é a arte de pensar bem, de procura, de crítica essencial e decisiva. Filosofia é ter uma visão de mundo. Filosofia é vida!

É dentro desta perspectiva, que a autora está pesquisando em caráter formal e científico, práticas pedagógicas inovadoras na busca da produção do conhecimento em Filosofia, de uma forma mais dinâmica e que também, deve ter os enfoques humanista e reflexivo. Baseando-se nas propostas, espera-se formar seres humanos mais críticos, capazes de desenvolver uma atividade profissional, trabalhando-se o ideal de ser humano, tão necessário para o melhor desempenho da prática pedagógica.

CAPÍTULO 3

O PARADIGMA EMERGENTE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: O DESAFIO DA ABORDAGEM PROGRESSISTA, DO ENSINO COM PESQUISA E DA VISÃO HOLÍSTICA DA EDUCAÇÃO, PARA ULTRAPASSAR UM PARADIGMA DE UMA ESCOLA CONSERVADORA

MORAES (1997), em seu livro *O paradigma educacional emergente*, percorre uma trajetória histórica, cultural e filosófica muito significativa do conhecimento, interpretando e esclarecendo, com competência, a origem da formação do paradigma tradicional e a sua influência nos dias atuais, que impede ainda alguns aspectos da sociedade a se engajar no processo de mudança, que visa a melhoria da qualidade de vida do ser humano neste planeta, rumo ao século XXI.

As mudanças estão ocorrendo em toda a parte, ao redor de nós e em nosso interior, em nossa forma de perceber e representar o mundo. É urgente que nos equipemos com ferramentas para poder pensar estas mudanças, avaliá-las e discutí-las e participar da construção de nossos destinos. Segundo BOHM, In: FERGUSON (1992,p.305), “ Para mudarmos nossa realidade é preciso que alteremos nossos pensamentos mais íntimos”. Para MORAES (1997,p.109):

Para transformar o mundo, é preciso, primeiro, compreender a si mesmo e querer se transformar. Quando o indivíduo conhece a si mesmo, a sua extraordinária capacidade de agir e a manifestação do Divino dentro de si, ele pode atingir sua plenitude, sua dignidade e sua estrutura e colaborar para a criação de uma nova ordem mundial, adequada para si e para os outros, que traga a paz e a felicidade.

No setor educacional, algumas universidades ainda não estão proporcionando uma educação qualitativa e nem grandes pensadores. Atualmente, como o mundo se apresenta com problemas e com crises de paradigmas, não só na área educacional, como nas demais áreas do conhecimento, leva-nos a buscar referenciais inovadores, mais adequados à nova era da humanidade, para o próximo milênio.

Sabe-se que existem professores que se legitimam titulados e que já se aproximaram de abordagens educativas inovadoras, mas que não as aplicam em suas aulas junto aos alunos, permanecendo nas metodologias das tendências conservadoras, por comodismo. O discurso desses professores é um e a prática é outra. Assim como existe aquele tipo de professor que segue conteúdos e metodologias ultrapassadas, que produzem indivíduos desprovidos de senso crítico, seguidores das ideologias desse professor, porque não conhecem outras. Infelizmente, quem perde com tudo isto é o aluno que sabe criticar e espera dialogar com o professor, que não oportuniza um conhecimento fundamentado na troca de saberes, no diálogo e na reflexão. Trata-se de professores que BRUNER chamou de “matadores de sonhos” e ALDOUS HUXLEY, de “maus artistas” (FERGUSON,1992,p.295).

Segundo D'AMBROSIO (1993a), In: MORAES (1997,p.29), o aparecimento das disciplinas como invenção da ciência moderna, acabou originando o afastamento da realidade e com isso o homem foi se transformando em especialista, desaparecendo a preocupação com aspectos importantes do conhecimento e da visão crítica, global e criativa.

Os efeitos do racionalismo científico começaram a ser questionados para saber o porquê das coisas não terem dado certo. Onde e como o modelo comprometeu-se com princípios éticos e morais.

Para os racionalistas, todo o conhecimento é reduzido à razão. Para D'AMBROSIO (1993), In: MORAES (1997,p.30), a adoção de outros modelos para a construção do conhecimento é fundamental.

TOFLER, CAPRA, MORIN, D'AMBROSIO, WEIL, HARMAN, NAISBITT e BOAVENTURA DOS SANTOS, In: MORAES (1997,p.30), afirmam estarmos vivendo um período da presença simultânea de inúmeros desafios, que afetam diferentes aspectos de nossa vida como: educação, saúde, meio ambiente, economia, relações sociais, trabalho, tecnologia e política, provocando sérias ameaças à raça humana e ao planeta, o que tem demandado o resgate do diálogo crítico e criativo entre o ser humano e o mundo da natureza, entre ciência e sociedade.

Segundo CAPRA (1988), In: MORAES (1997,p.30):

o verdadeiro problema está no fato de a maioria dos intelectuais que integram o mundo acadêmico e suas instituições subscrever percepções estreitas da realidade, inadequadas para resolver os problemas do nosso tempo...com base nos enfoques fragmentados...gerados por modelos culturais e conceituais obsoletos e variáveis irrelevantes.

MORAES (1997,p.30-31), esclarece que o desenvolvimento d ciência, da técnica e da tecnologia, não pode ignorar os problemas sociais,psíquicos, éticos e morais, que estão transformando o homem e a mulher em seres individualistas , que desconhecem o significado da ética, da solidariedade, do amor e da compaixão. É preciso gerar um novo tipo de pensamento que perceba o universo em contínua evolução, que respeite

os fenômenos da natureza e que reconheça a vida como um rio que flui naturalmente, conforme o pensamento filosófico de Heráclito, de que “tudo flui, tudo está em movimento e nada dura para sempre” (GAARDER, 1995).

Muitos questionamentos têm sido feitos para se saber qual a razão do paradigma tradicional continuar prevalecendo em nossa realidade e qual é a origem desse desenvolvimento descontrolado da tecnociência. MORAES (1997), constata que tudo isto decorre de várias correntes do pensamento da cultura ocidental, como a Revolução Científica, o Iluminismo e a Revolução Industrial. A estrutura científica que predominava na Europa da Idade Média era a orgânica, baseada no naturalismo aristotélico e na fundamentação platônico-agostiniana. O homem medieval acreditava na realeza do direito divino estabelecida por Deus, denominado teocentrismo.

A visão de mundo orgânico passou para a noção de mundo-máquina, causada pelas mudanças na física e na astronomia, originadas pelas idéias de Copérnico, Galileu e Newton. Na Idade Moderna, o Renascimento reposicionou o ser humano, como senhor do mundo, que podia transformar e explorar a natureza, isto é, “extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos” (CAPRA, 1998, p.51). Como consequência, ocorrem mudanças nas relações humanas do ponto de vista social, político e cultural.

O novo método de experimentação científica, formulado pelo inglês BACON (1561-1626), In: MORAES (1997, p.35), foi denominado “indução científica”, que para se ter o conhecimento dos fenômenos, era necessário basear-se em fatos concretos da experiência para chegar às suas causas.

Mas foi HUME (1711-1776), In: MORAES (1997,p.35), quem esclareceu que nossas idéias são construídas das impressões sensíveis originadas das experiências de nossos órgãos dos sentidos. Tanto Hume quanto Locke (1632-1704), defendiam que só conhecemos aquilo que for registrado em nossa mente pelos órgãos dos sentidos.

O filósofo, médico e matemático francês, DESCARTES (1596-1650), In: MORAES (1997,p.36), considerado o pai do racionalismo moderno, não tinha dúvidas quanto à sua existência ao afirmar sua famosa frase: "Penso, logo existo", deduzindo que a essência da natureza humana está na mente, que está separada do corpo, concluindo que os dois eram coisas separadas. Esse dualismo, vem gerando profundas repercussões no pensamento ocidental, como na biologia, na medicina, na psicologia e na educação. DAMÁSIO, In: MORAES (1997,p.37), confirmou em 1996, que cada músculo, articulação ou órgão interno do corpo, envia sinais para o cérebro através dos nervos periféricos, acreditando que o cérebro e o corpo estão interligados, contribuindo para a medicina e a psicologia, de que as doenças psicológicas provocam doenças no corpo. Atualmente, já sabemos que a noção de saúde envolve a integridade física, mental e espiritual, na busca do equilíbrio holístico.

O inglês NEWTON (1642-1727), In: MORAES (1997,p.37), complementou o pensamento filosófico de Descartes, combinando as descobertas de Kepler e Galileu, explicando que todos os fenômenos físicos estavam reduzidos ao movimento de partículas materiais causados pela força da gravidade.

(Essa visão de um mundo-máquina, que funciona de maneira sempre igual, deu origem ao mecanicismo, no qual os fenômenos seguem leis fixas e imutáveis.) Na Revolução Industrial, a técnica produzida pela ciência, deu origem à automatização do trabalho humano, transformando a sociedade pelo desenvolvimento tecnológico.

Sabe-se que hoje, a valorização das qualidades da matéria, vem transformando a sociedade para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, mas com essa transformação veio junto a perda da sensibilidade, da estética, dos sentimentos e dos valores no ser humano, direcionando sua atenção para tudo que é quantificável, no acúmulo de bens materiais, e o mundo foi ficando cada vez mais árido, morto, incolor, sem paladar, sem cheiro, sem consciência e sem espírito. (O ser humano afastou-se da natureza, alienou-se do trabalho, de si mesmo e dos outros; dividiu-se no conhecimento, tornou-se indiferente às emoções e aos afetos, com a mente técnica e o coração vazio, vivendo individualmente infeliz.) O paradigma dominante da ciência moderna e materializada, criou um mundo em permanente estado de guerras e conflitos, numa competitividade doentia, onde não há cooperação, compaixão e solidariedade entre as pessoas. Compaixão, de acordo com o Dalai Lama (1991), In: MORAES (1997,p.207), traduz o afeto entre os seres humanos, o respeito pelos direitos de outras pessoas, e faz com que seus benefícios se estendam tanto por aqueles que tem fé, quanto por aqueles sem religião.

O momento atual exige uma nova forma de pensar em que os valores humanos e espirituais devem transcender os lucros materiais. Para HARMAN e HORMANN (1990), In: MORAES (1997,p.50): "O significado de

autodesenvolvimento implicaria tudo o que enriquece o indivíduo, incluindo não apenas o desenvolvimento pessoal e profissional, mas relacionamentos de qualidade e prestação de serviços significativos a terceiros”.

O pensamento cartesiano-newtoniano têm influenciado a área educacional, gerando padrões de comportamento preestabelecido absolutizados, que nos ensinam a não questionar, a não criticar, a aceitar passivamente a autoridade, a ter certeza das coisas.

Existem escolas que ainda continuam limitando os alunos por idade, ao espaço reduzido de suas carteiras, em fileiras bem comportadas, imobilizados em seus movimentos, silenciosos em suas falas, impedidos de falar. Os horários e os currículos são rígidos e controlados e a disciplina divorciada da intuição, separando os alunos em ganhadores e perdedores, fazendo com que a submissão e a obediência sejam virtudes que devem ser cultivadas. Reduzidos em sua criatividade, sem poder se expressar, os alunos encontram-se limitados em sua sociabilidade, presos à sua mente racional, impossibilitados de experimentar novos vôos e de conquistar novos espaços e, o mais importante, esquece do direito que cada um tem de ser cada vez mais ele mesmo.

Em vez de processos interativos para a construção do conhecimento, continua-se exigindo dos alunos a memorização, a repetição, a cópia, a ênfase no conteúdo, resultado ou produto, recompensando e seu conformismo, sua boa conduta, punindo “erros” e suas tentativas de liberdade e expressão.

A escola atual continua sendo influenciada pelo universo mecanicista de Newton e pelas regras metodológicas de Descartes; continua dividindo conhecimento em "matérias", transformando o todo em partes, flores em pétalas (FERGUSON, 1992, p.267).

O professor ainda é aquele que transmite o conhecimento acumulado, suas aulas são totalmente expositivas em que os alunos fazem exercícios de fixação, com leituras e cópias como atividades mecânicas e condicionadas, sem consciência de si mesmos. Os alunos são considerados "tábula rasa" LOCKE (1632-1704), como se até então não tivessem experienciado nada. Para FREIRE (1987), esta é uma educação domesticadora, "bancária", que deposita nos alunos informações, dados, fatos, em que o professor é quem detém o saber e um modelo a ser seguido.

Estudos revelam que um grande número de pessoas destacadas em suas profissões, foram educadas em casa desde a infância, criando expectativas, recebendo estímulos e aprendendo com pais e parentes. Isto vem demonstrar que a escola conservadora não está atendendo às expectativas de alunos, que não encontram na educação tradicional, possibilidades para desenvolver suas inteligências múltiplas, de acordo com seus talentos.

MORAES (1997, p.52), afirma que no paradigma tradicional, o aluno é avaliado somente por provas, onde privilegia-se o comportamento, a memória e a capacidade de expressar os conteúdos acumulados. O jovem estuda só para tirar boas notas, com prêmios e punições exibidos nos murais, como conseqüência de uma avaliação classificatória, autoritária e

seletiva e, muitas vezes, humilhante e injusta. Postura injusta e nada ética é quando nas provas, exige-se a cobrança de conteúdos que não foram ensinados pelo professor, demonstrando a força e o poder do seu papel por meio de uma avaliação mau elaborada. Este professor desconhece que com esta atitude desrespeitosa, transmite medo e insegurança ao aluno, que pode sentir-se um fracassado freqüentemente e, que talvez, poderá fazer parte das pesquisas sobre alunos evadidos ou repetentes das escolas.

Para OECH (1995,p.100), esse sistema de avaliação convencional, baseado no princípio da resposta certa, cultiva a maneira de pensar conservadora, que está enraizada e é utilizada pela maioria das escolas, onde aprende-se a acertar sempre o que é possível e que “é proibido errar”. Estes são os professores que têm medo de experimentar coisas novas por medo de fracassar, se privando de inovar sua metodologia. E o nível de inconsciência destes professores é tão grande, que são capazes de pensar que não sabem que este é um dos fenômenos que os afasta de seus alunos.

Segundo FERGUSON (1992,p.268), denomina-se de “doença pedogênica”, as deficiências do aprendizado, causadas pelo professor e que tem início nas salas de aula. Muitas pessoas, hoje, lembram-se com tristeza, de um acontecimento traumático emocional, não resolvido, que ocorreu na escola, por professores desumanizados e desprovidos de ética e que afetaram a auto-estima das mesmas, para sempre.

A educação, na visão *empirista*, de que todo o conhecimento é formado a partir das sensações, recebeu a influência da filosofia *positivista*

de COMTE, In: MORAES (1997,p.52), que surgiu na segunda metade do século XIX, admitindo como sendo a única fonte do conhecimento, tudo que é positivo, observável e experimental.

Do positivismo e da teoria psicológica behaviorista, resultou a pedagogia *tecnicista*, que surgiu na década de 1960, como reflexo do modelo empresarial capitalista e taylorista americano, separando especialistas em setores para planejamento e execução do processo ensino-aprendizagem. Professor e aluno são vistos em segundo plano, para executarem as idéias que os especialistas planejam, controlando assim, toda a ação educacional.

Segundo MORAES (1997,p.53), critica-se a escola pública brasileira e os sistemas educacionais que continua como instituição fechada e obediente, cumprindo as ordens vindas de estruturas centrais do país ou de fora, longe do contexto social. Este fato da escola pública apenas cumprir e pouco “pensar”, tem levado ao descompromisso com a qualidade da educação. Se isto ocorre com a administração da escola, possivelmente ocorre em sala de aula, visualizando uma falta de postura filosófica, pedagógica e administrativa.

A perpetuação do velho paradigma continua com a aplicação dos métodos tradicionais também, na área computacional, onde os alunos aprendem por meio de softwares, tutorais, jogos e simulações, utilizando-se de exercícios de memorização e de repetição, condicionando-se.

A continuidade de propostas, usando as tecnologias com uma visão cartesiana na educação, oferecem o uso da televisão e do computador, como máquinas de ensinar, que servem de transmissores de dados, de

informações e de conteúdos, sem um processo reflexivo de reconstrução do conhecimento, sustenta a fragmentação da ação pedagógica, subestimando as potencialidades do aluno.

Esse modelo educacional cartesiano-newtoniano que continua definindo o comportamento do aluno de entrada e saída, que passa pela linha de montagem e sai como se fosse uma máquina perfeita, precisa ser repensado. Para tal, faz-se necessário articular novas idéias, novos debates, novos estudos, com base em novos paradigmas, para vivenciarmos o alvorecer de uma nova história da educação que se aproxima do século XXI.

Para que a educação passe de reprodução do conhecimento à produção do conhecimento, é preciso romper com o velho paradigma de pensamento conservador para a adoção do paradigma do pensamento criativo. Cabe a contribuição de DEMO (1997,p.43), em que:

A ruptura não é apenas a desconstrução das identidades históricas, mas a salvação daquelas que cabe levar em frente, de tal sorte que romper a história, é a maneira de a continuar, como quer a dialética. Tudo que sucede na história, por mais radical que possa ser, é histórico, ou seja, tem passado, e, por isso, pode ter futuro.

De acordo com MORAES (1997,p.55), *ruptura significa rompimento, suspensão, corte ou cisão*. A ruptura de um paradigma decorre da existência de um conjunto de problemas que originam anomalias ameaçadoras, onde as soluções parecem impossíveis de ser alcançadas, mas que podem possibilitar transformações na forma de compreender as coisas.

XX. DEMO (1997,p.30), afirma que a resistência que os professores da escola básica e da universidade apresentam a processos de mudança, os atinge cada vez mais. Em seu discurso vazio falam de mudança, querem mudar, mas sem se mudar, afastando a própria necessidade de mudança. Enquanto se fala de mudança, que deveria ocorrer nos outros, espera-se que esqueçam de exigir a mudança destes professores, que se acomodam mais uma vez.

Esse desafio de desconstruir o professor, deve partir de dentro dele próprio, como competência humana, integrada com a velocidade dos tempos, rumo ao próximo milênio, para não ficar como “café velho” (DEMO,1996) e como consciência da necessidade de que precisa estudar e conhecer mais, e que segundo BEHRENS (1996), com formação continuada, para constantemente mudar sua prática pedagógica.

Do ponto de vista de DEMO (1997,p.44), de modo particular, a universidade tem mostrado incompetência, pois não tem sabido desconstruir paradigmas ultrapassados de didática, porque continua definindo-se como entidade de repasse copiado de conhecimento ou não sabe desconstruir modelos institucionais que incentivam o separatismo entre as disciplinas ou desconstruir perfis de professores que se confundem com todos os vícios do funcionalismo público ou desconstruir perfis de alunos que já fazem parte de um passado superado.

Uma das primeiras rupturas entre o mundo moderno e o contemporâneo, para que a visão mecanicista originada pelo paradigma cartesiano-newtoniano perdesse o seu poder de influência, ocorreu no final do século XIX, com as descobertas de novas teorias no início do século

XX., que buscavam soluções para os problemas da humanidade, que primeiramente interessavam aos filósofos ou historiadores da ciência.

Em GAARDER (1995,p.435-439), por volta de 1800, o zoólogo francês, LAMARCK (1774-1829), propôs uma teoria da evolução biológica, segundo a qual as diferentes espécies de animais tinham desenvolvido literalmente aquilo que precisavam. Por exemplo, as girafas teriam um pescoço comprido porque, ao longo das gerações tiveram que esticá-lo cada vez mais para apanhar as folhas das árvores. LAMARCK acreditava também, que as características adquiridas pelo indivíduo por meio de seu próprio esforço, eram herdadas depois pelos seus descendentes. Mais tarde, essa teoria foi rejeitada pelo biólogo e pesquisador natural DARWIN (1809-1882), mostrando que o homem era o produto de uma longa evolução biológica, colocando em dúvida a visão bíblica sobre o lugar do homem na criação. No livro *A origem das espécies* (1859), DARWIN demonstrou que as constantes variações entre indivíduos da mesma espécie e as elevadas taxas de nascimento, constituem a matéria-prima para a evolução da vida na Terra. Essa evolução, se deve à seleção natural da sobrevivência dos que melhor se adaptam ao seu meio. Com essa teoria, o mundo passou a vivenciar um novo paradigma da evolução na ciência, de que todo o sistema está em permanente mudança, superando o modelo newtoniano-cartesiano.

Na Física, a segunda lei da termodinâmica deu origem ao *princípio da entropia*, que mede a desordem de um sistema fechado, ao explicar que este tem tendência a crescer ou permanecer o mesmo (GELL-MANN, 1996) In: MORAES (1997,p.57). Segundo JAPIASSÚ (1996,p.83), "A

entropia significa a extinção e a “morte”, por perda de energia, do Universo”. É o que se tem presenciado, atualmente, essa perda de energia no mundo inteiro, perda do sentido da vida, perda de valores, perda da sensibilidade, perda da estética, perda da arte, enfim, perdas irreparáveis, muitas vezes irrecuperáveis, que precisam ser resgatadas pelos seres humanos, que se dizem inteligentes, mas que não sabem pensar bem, não refletem com consciência e nada fazem para mudar e melhorar, tanto sua vida quanto a de outras pessoas, o que resultaria na troca de energias positivas entre todo o Universo.

MORAES (1997,p.57) cita HEISENBERG (1987), que a partir de 1900, a *teoria quântica* descoberta por Planck, deu origem à mecânica quântica, à teoria quântica dos corpos e ao conceito de átomos de energia ou *quantum*, que levantou uma série de questionamentos filosóficos aos problemas relacionados ao método das ciências naturais exatas e à essência da matéria, procurando entender os fenômenos que a envolvem para torná-los inteligíveis. Mas em 1905, Einstein revolucionou o paradigma da ciência moderna com a *teoria da relatividade* da simultaneidade de acontecimentos distantes e com a maneira de conceber a radiação eletromagnética, que caracterizou a teoria dos fenômenos atômicos. A partir das descobertas da teoria quântica e da teoria da relatividade, os conceitos da visão de mundo cartesiano e da mecânica newtoniana, já não mais se sustentavam, pois, o mundo passou a ser concebido em termos de movimento, de energia e de mudança, num *continuum* “espaço-tempo”.

O físico alemão HEISENBERG, em 1927, como cientista, expressou as relações matemáticas do *Princípio da Incerteza*, de que o

comportamento das partículas é totalmente imprevisível e que esta incerteza não é consequência dos defeitos nos mecanismos de medida ou precisão, mas decorrente de um princípio que poderia ser demonstrado experimentalmente (MORAES,1997,p.61). Segundo OLSON (1987) In: MORAES (1997,p.62), esse princípio desafiou a noção de causa e efeito da ciência clássica e do pensamento teológico e social tradicional, dando um novo suporte sobre o livre-arbítrio.

trac O físico-químico PRIGOGINE (1977) In: MORAES (1997,p.65), com sua *teoria das estruturas dissipativas e do princípio da ordem* através das flutuações, tem sido importante para o desenvolvimento da ciência com a inclusão da probabilidade e da irreversibilidade, colaborando assim para a crise do paradigma newtoniano. MORAES (1997,p.69), observa que a teoria de Prigogine:

... nos alerta para o fato de que a vida possui uma capacidade de inovação ilimitada, seja na arte, na ciência ou na sociedade(...) O tempo é construção(...) não podemos ter a esperança de prever o futuro, mas podemos influir nele(...) as visões do futuro e até utopias desempenham um papel importante nessa construção(...) Há pessoas que temem utopias, eu temo a falta delas.

FERGUSON (1980,p.68) In: MORAES (1997,p.68), em seu livro *A conspiração aquariana*, ilustra muito bem a teoria de Prigogine, de que esta “viola a lei dos grandes números(...) as flutuações e o comportamento de um pequeno número de pessoas podem mudar completamente o comportamento do grupo como um todo e que os historiadores já observaram que uma minoria pode remodelar a sociedade”.

Segundo MORAES (1997,p.69), busca-se um novo paradigma para a educação, tendo como referência uma visão de totalidade, que envolve o

processo de construção do conhecimento, junto à necessidade de uma nova visão de mundo, a fim de colaborar para o novo posicionamento do homem e da mulher neste mundo. A teoria da relatividade e a teoria quântica colaboram para se observar o mundo como um todo indiviso. Segundo BOHM (1992) In: MORAES (1997,p.71),” a totalidade é aquilo que é real, e a fragmentação seria apenas a resposta desse todo à ação do homem, guiado pela percepção ilusória que é moldada pelo pensamento fragmentário”. CAPRA (1994), refere-se que no velho paradigma, a dinâmica do todo era entendida com base na propriedade das partes, e o mundo físico era um conjunto de entidades separadas. No novo paradigma, a relação entre as partes e o todo é invertida.

O que se pode entender é que o mundo é uma totalidade indivisa, que está em movimento contínuo, num processo de mudança e transformação, assim como o pensamento humano, como explica DEWEY (1933) In: MORAES (1997,p.74), que: ”o pensamento em si é um processo...ele está em contínua mudança enquanto a pessoa pensa”. E BOHM (1992) In: MORAES (1997,p.75) continua esclarecendo que a pessoa precisa estar aberta para ulteriores mudanças fundamentais de ordem no pensamento. Essas mudanças, ocorrem mediante novos e criativos atos de *insight* e possibilitam o movimento ordenado do pensamento. O fato do conhecimento ser produzido e transformado no pensamento, quer dizer que o conhecimento deve ser compreendido como algo que está em processo, como resposta intelectual, emocional, sensorial, muscular e física da memória, em cada fase da vida, que não pode ser tratado separadamente para não favorecer a fragmentação.

Para o físico atômico BOHR (1995, p.92) In: MORAES (1997,p.76), no modelo tradicional da ciência “a interação dos objetos e dos instrumentos de medida pode ser desprezada ou compensada”. Na mecânica quântica, o ato de observação altera a natureza do objeto. O conhecimento do objeto depende do que ocorre dentro do sujeito, o que leva a crer que cada pessoa organiza sua própria experiência.

No velho paradigma, a ciência clássica exclui o pensador de seu pensar. Atualmente, a ciência está num processo de revisão. Tudo na ciência é limitado, pois depende da maneira do indivíduo olhar, pensar e conhecer as coisas. MORAES (1997,p.78), afirma que é importante reconhecer o pensamento do ser humano como uma forma de *insight*, um modo de ver a realidade e não a cópia verdadeira da realidade como ela é; esse reconhecimento muda a forma de abordar a natureza, a sociedade e o indivíduo, entendendo que nada é fixo e tudo é limitado.

Na ciência moderna, os aspectos qualitativos do objeto não tinham validade científica, pois o desenvolvimento das ciências exatas, se caracterizava pelo estabelecimento das relações numéricas, que segundo BOHR (1995), In: MORAES (1997,p.79-80), era estimulado por métodos matemáticos abstratos. Esse modelo estendeu-se às ciências sociais, de que as leis que regem a sociedade são as mesmas que regem a natureza. Isto provocou a impossibilidade de se quantificar os relacionamentos, as conexões e as transformações dos processos sociais. Para BOAVENTURA DOS SANTOS (1998) In: MORAES (1997,p.80), as ciências sociais não podem estabelecer leis universais, porque os seres humanos modificam o

seu comportamento de acordo com o conhecimento que sobre ele se adquire, o que impossibilita de se produzir previsões.

Para LOZANO (1994) In: MORAES (1997,p.80-81), o paradigma positivista busca os fatos e resultados que são comprovados por dados, utilizando-se da metodologia estatística. É objetivo, reducionista, hipotético, dedutivo, fragmentado, que não considera o contexto e que exige dados exatos. Ao contrário, a corrente filosófica qualitativa, baseada no paradigma de investigação interpretativo ou hermenêutico, busca compreender a natureza humana por meio da observação naturalista. É subjetivo, real, descritivo, indutivo, holista, histórico e considera o contexto.

O que percebe-se que no retrospecto realizado até aqui sobre a origem do paradigma tradicional e que perdura até hoje na vida de muitas pessoas e, especificamente na educação, que não está em consonância com a nova visão de mundo, não traz benefícios adequados à época em que vivemos e nem nos prepara para o século XXI. O que se sabe é que a visão quântica e a teoria da relatividade, nos trazem uma compreensão de mundo holística, sistêmica, que enfatiza o todo em vez das partes.

No novo paradigma educacional emergente, segundo MORAES (1997,p.84-85), o aluno passará a ser visto como aquele ser que aprende, que atua na sua realidade, que constrói o conhecimento, não apenas usando o seu lado racional, mas todo o seu potencial criativo, o seu talento, a sua intuição, o seu sentimento, as suas sensações e as suas emoções. Para que isso aconteça, a educação, as escolas, as propostas curriculares e as práticas educacionais podem possibilitar um novo diálogo criativo do aluno consigo mesmo, facilitando a integração entre corpo e mente,

cérebro e espírito, sujeito e objeto, cérebro esquerdo e cérebro direito, consciente e inconsciente, indivíduo e seu contexto, ser humano e natureza, utilizando a expressão de novas formas de soliedariedade e cooperação nas relações humanas.

A educação em consonância como o novo paradigma educacional, deverá provocar mudanças no pensamento científico e filosófico, tanto dos professores quanto dos alunos. Com a unidade da ciência com a mística, poderá despertar maior consciência espiritual, buscando o Sagrado como fonte existente dentro de cada um, resgatando assim, a identidade do ser humano MORAES (1997,p.109). Para BOHM (1991) In: MORAES (1997, p.106), ciência é a tentativa de compreender a realidade como um conjunto e misticismo seria o contato direto com a realidade em sua unidade.

CAPRA (1993), In: MORAES (1997,p.111) afirma que, "Essa nova visão do mundo, cheia de esperanças implica uma necessária e coerente mudança de valores, que vai da competição para a cooperação, da quantidade para a qualidade, da dominação para a parceria, do consumismo para a conservação". E MORAES (1997,p.111), complementa: "...Uma educação que promova o compartilhamento e o diálogo nesta vida com seres humanos mais iluminados é que será capaz de restaurar a paz em nosso planeta".

Segundo MORAES (1997,p.150-151), para que o aluno tenha a oportunidade de se integrar nessa nova visão de mundo, o perfil do novo professor pressupõe mudanças na visão intelectual e social. Sua ação se transforma ao reconhecer que, além de seus próprios direitos, existem os dos seus alunos, respeitando-os como sujeitos que são capazes de se

auto-organizar, de fazer suas próprias escolhas e construir os seus caminhos. Isto pressupõe novos conceitos do que significa ser aluno e professor e requer mudanças nos papéis desempenhados por ambos.

1997 Uma escola que não prepara o aluno para o desenvolvimento tecnológico e econômico para viver e ganhar a vida no século XXI, num contexto de incertezas e instabilidades, ficará à margem dos acontecimentos históricos. Segundo NASBITT (1990), In: MORAES (1997,p.116-117), a liberdade individual vem assumindo um novo significado com a digitalização, permitindo ao indivíduo trabalhar em qualquer parte do planeta onde deseja morar e a tendência da evolução tecnológica é superar barreiras relacionadas com o tempo, a distância e com os idiomas. Atualmente, o *slogan* é “pensar localmente e agir globalmente”.

Para tal, é preciso repensar a escola, o currículo, as metodologias, os ambientes de aprendizagem, a formação de professores, de modo que a ênfase deverá estar na aprendizagem e não no ensino,na construção do conhecimento e não na instrução. Na verdade, no paradigma educacional emergente, busca-se desenvolvimento da intuição e da criatividade, para criar o que nunca existiu e para dar origem a uma geração capaz de sonhar mais, de sentir mais, de inovar e imaginar mais, uma geração mais sensível aos problemas da humanidade, capaz de encontrar soluções competentes, oferecendo crescimento qualitativo e levando a humanidade a dar sempre um grande salto para a frente. É pelo autoconhecimento que o ser humano pode colaborar para a transformação da sociedade e do mundo em que vive. É esse senso de *eu*, que lhe permite conhecer a sua personalidade.

Aquele *eu* que pensa, que sente e deseja, que ama e odeia, que cobiça, que renuncia e que transcende. Aquele ser que é bom e mau, um ser de polaridades. É a presença do *eu* que faz o homem ou a mulher (MORAES, 1997,p.166-168).

Segundo MORAES (1997,p.174), "Pensar numa educação do futuro apoiada no novo paradigma é ensinar a cada um a medida de suas possibilidades, dar opções de aprender de acordo com as suas capacidades e as suas inteligências, lembrando que cada ser humano é o seu próprio agente de decisão e responsabilidade".

Com todas essas novas formas de ver e compreender o ser humano e o mundo, há também uma necessidade de uma nova consciência espiritual na humanidade, pois segundo BOFF (1993) In: MORAES (1997,p.176), o espírito passou a ser visto como energia vital,não mais separado do corpo, mas como totalidade humana,pois é vida e fonte de energia. Espírito é todo o ser que respira, composto de energia e vitalidade, e a espiritualidade é uma atitude que coloca a vida no seu centro, que celebra a vida, sua expansão e sua defesa.

Educar para o futuro, adotando a espiritualidade, que ensine a humanidade a viver em paz e harmonia, é tarefa do novo paradigma. Essa espiritualidade, que coloca o ser humano em relação com outros seres, pois segundo HARMAN (1996b) In: MORAES (1997,p.209), "Saímos de uma Era Material para uma Era das Relações, baseados na interpretação de Einstein de que massa é energia e na descrição unificada dos fenômenos atômicos trazidos pela teoria quântica". Para MORAES (1997,p.177), uma espiritualidade que reconhece a presença de Deus em

todas as coisas, que O encontra em cada ser, em cada árvore, na terra, no fogo, no vento, no sol e na chuva, que leva o ser humano a uma confraternização universal, a tratar as coisas com ternura e com profundo respeito e veneração. Portanto, como seres espirituais em busca da transcendência, numa viagem individual e coletiva, estaremos dando mais significado à nossa vida e ao nosso trabalho, como professores abertos a aprender cada vez mais, para conhecer esse mundo tão complexo e ao mesmo tempo tão simples.

Partindo de todos esses pressupostos e preparando-se para o próximo milênio com uma nova visão de mundo, esta pesquisadora, como docente da graduação, propõe a aliança entre três paradigmas inovadores, segundo BEHRENS (1998), de uma visão holística com uma abordagem progressista num ensino com pesquisa, para subsidiar a prática educativa, como uma das condições para melhorar e mudar a metodologia e os desempenhos do aluno e do professor, no ensino superior, porque o que não pode acontecer é o professor dizer que vai mudar o seu paradigma educacional e passar mais um século na tentativa de mudá-lo.

3.1 ABORDAGEM PROGRESSISTA

A abordagem progressista assume sua época e suas contradições e se organiza considerando as relações de forças existentes na sociedade. É instrumento das diversas vontades que circulam na sociedade e impulsionam os processos de mudança daí decorrentes (RODRIGUES, 1987).

proc Não nos resta dúvida, pensar na universidade do futuro com as exigências da sociedade de hoje, que apontam para a necessidade de propor uma abordagem progressista na busca de uma transformação social. Mudança representa desejo, vir-a-ser, ideal possível. Representa entender educação como fim e como objetivo.

de A idealização da pedagogia, educação, escola ou abordagem progressista, partiu de SNYDERS, pedagogo francês, que se apoiou na obra pedagógica do educador russo, MAKARENKO. Em sua obra "Pedagogia Progressista", SNYDERS, In: RAYS(1990,p.108), critica o ensino desenvolvido pela Escola Tradicional e pela Escola Nova, onde dizia que a Escola Tradicional dava ênfase aos modelos de educação, mas não dava vida aos mesmos, por estarem muito distanciados da realidade do aluno e a Escola Nova, tinha proposições de atitudes atraentes, através da liberdade, mas que levava o aluno ao espontaneísmo inconsciente, prejudicando o seu próprio desenvolvimento.

No Brasil, os educadores brasileiros e contemporâneos, como FREIRE, SAVIANI, GADOTTI, RODRIGUES, In: RAYS (1990,p.109), e outros, adotaram a pedagogia progressista, como relação dialética entre o ato político e o ato pedagógico.

Com a abordagem progressista, a ênfase não é mais na memorização de fatos ou na repetição de respostas corretas, mas na capacidade de pensar e de se expressar reflexivamente, sobre os problemas e de tomar decisões adequadas.

Neste novo contexto, ocorre a mudança do papel do professor. O professor se libera para ser mais um guia do aluno, um parceiro na

procura da informação e da verdade. A aprendizagem contínua e permanente transforma-se numa tarefa constante na vida profissional e pessoal de todos. E cabe à universidade, capacitar o aluno para isto.

Como afirma FREIRE (1992,p.112): "Enquanto objetos de conhecimento, os conteúdos se devem entregar à curiosidade cognoscitiva de professores e alunos. Uns ensinam e, ao fazê-lo aprendem. Outros aprendem e, ao fazê-lo ensinam".

Na prática de uma tendência progressista, o conhecimento não é centrado no professor, e com isso não há anulação de sua autoridade, pois ela se constrói na competência do professor. No processo educativo, o professor representa um importante papel de articulador e auxiliar para a busca da produção do conhecimento. O aprendizado deixa de ser responsabilidade exclusiva do professor e passa a ser dividida com os alunos, que passam a ser responsáveis também pela dinâmica das aulas.

Segundo FREIRE e SHOR (1992), no livro *Medo e ousadia. O cotidiano do professor*, os professores e estudantes têm se perguntado sobre como seria a estrutura numa sala de aula dialógica e transformadora. E como esse processo poderia vir a competir com o programa padronizado e conservador. Aliados a esses desafios se os professores e os alunos seriam competentes na tentativa de adotar essa abordagem libertadora.

Os estudantes e jovens professores estão tão acostumados a obedecer a ordens que não sabem como administrar as responsabilidades em função de sua própria formação. Não aprenderam como organizar sua própria leitura da realidade. No acesso à literatura não contemplam uma postura crítica ao escolher os autores e ao ler seus textos. Ao conviver com

uma proposta inovadora pensam que falta rigor à abordagem dialógica, pois só aprenderam uma definição de rigor: a autoritária e a tradicional que assenta-se numa estrutura mecânica da educação. Esse fator os desencoraja da responsabilidade de recriarem, a si mesmos e à sociedade.

Essa educação libertadora de que FREIRE e SHOR (1992), estão propondo, é absolutamente rigorosa. O rigor convive com a liberdade. Como é possível ser rigoroso sem ser criativo? Sem liberdade, os alunos só podem repetir o que foi dito. Poucos são experientes para romperem drasticamente com os velhos hábitos de ensino e aprendizagem e iniciarem o uso de um novo método com confiança. Outro obstáculo à confiança na educação transformadora assenta-se nos anos experimentais da década de 60. Nesse período, alguns professores por não entender os pressupostos da educação libertadora, confundiram liberdade com licenciosidade gerando uma classe permissiva e desestruturada dessa nova educação "libertadora". Essa imagem de licenciosidade, ao invés de ponderada liberdade, permitiu que professores conservadores julgassem que criatividade, experimentação e ruptura com a tradição, significavam ausência de seriedade e rigor .

A contribuição de FREIRE e SHOR (1992) ressaltam que uma experiência dialógica que não se baseia na seriedade e na competência é pior do que uma experiência "bancária", onde o professor simplesmente transfere conhecimento ao aluno na busca do novo. FREIRE (1992) alerta que conhecimento requer disciplina! O conhecimento é um processo que exige muito dos professores e alunos. Segundo a forma tradicional de ensino, a realidade não está aí para ser interpretada ou mudada, mas para

ser descrita e observada. FREIRE (1992), demonstra aos estudantes que existe outro modo de ser rigoroso que é aquele pelo qual o aluno faz mais que observar e tenta interpretar a realidade. Então, o aluno começa a notar cada vez mais, na sua observação, que o objeto não é algo em si mesmo, mas está dialeticamente se relacionando com outros que constituem uma totalidade.

Dentro deste contexto, FREIRE (1992) coloca também, que a leitura séria é parte do rigor na sala de aula dialógica. Os estudantes precisam ler e ter acesso aos clássicos de qualquer disciplina. Realmente estudar, ler com seriedade, criticamente alguns livros. Assim, seu rigor e sua posição política levam-no a ajudar os estudantes, mostrando o caminho da leitura crítica e reflexiva. Ler com os alunos, sem lhes dizer que os está ensinando a ler, a saber o que significa ler criticamente. O que você exige de si mesmo para ler; que é impossível passar para a página seguinte sem entender o que está nesta página; que se você não entende alguma palavra tem de consultar um dicionário, se o dicionário comum não ajuda, tem de consultar um dicionário filosófico, um dicionário sociológico, um dicionário etimológico. Para FREIRE (1992), ler um livro é uma espécie de pesquisa social permanente. Seu relato mostra o professor aprendendo, inventando o conhecimento, durante a aula, junto com os estudantes. O próprio hábito de estudo se desenvolve. Transforma a aula num estudo crítico da realidade social. A relação professor e aluno é re-criada.

O que se ouve muito dos professores na expressão de SHOR (1992), é que eles estão sempre correndo para “dar a matéria” para “dar o programa”. Os docentes e os estudantes são oprimidos por essa corrida

até o fim do semestre. São pressionados a usar certos livros didáticos, ou a ministrar certos tópicos obrigatórios com um número expressivo de aulas e com classes numerosas. Os professores que se afastam desse procedimento, temem ficar mal com seus alunos se estes forem mal em testes padronizados ou nos cursos seguintes. Nesse complexo sistema educacional, a sua reputação poderia decair e poderia ser despedido. A idéia de analisar uma quantidade pequena de material numa abordagem pedagógica que ultrapasse a visão tradicional, defronta com a preocupação em cumprir um rol de conteúdos propostos no currículo que acaba angustiando o professor .

Ao ser interrogado por FREIRE (1992), SHOR concorda que o professor tenha que "soltar-se". Aprendendo a explorar o material diante dos estudantes e com os estudantes. Isso assinala um momento criativo, pois o conhecimento está acontecendo ali mesmo. O professor torna válido o ensino ao aprender criativamente com os alunos durante o processo.

O objetivo democrático da educação libertadora diz FREIRE (1992), pode levar à irresponsabilidade, se os estudantes percebem essa proposta metodológica como licenciosa. O educador responsável tem que ser um professor, liderando como docente e aprendendo como aluno. Criando um clima aberto em muitos sentidos, mas nunca, um ambiente de *laissez-faire*. Pelo contrário, a proposta precisa ser construída num clima democrático. E só se aprende democracia fazendo democracia e contemplando ações que estabeleçam limites. O importante é que o professor nunca transforme a autoridade em autoritarismo. O professor pode tornar-se autoritário de maneira manipuladora e até sentimental, bajulando os estudantes com

passeios por estradas floridas, mas não sabendo quais os pontos essenciais para desenvolver o processo educativo. O professor não discute nenhuma proposta com os alunos, portanto, não possibilita que eles conheçam o seu mapa.

Na sala de aula dialógica, como salienta FREIRE (1992), o educador continua sendo diferente dos alunos, mesmo quando se praticam relações democráticas em classe. O professor dialógico é mais velho, mais informado, mais experiente na análise crítica, e mais comprometido com o sonho político do que seus alunos. O professor é diferente não só por sua formação, mas também porque lidera um processo de transformação que não ocorreria por si só .

Em sua obra "Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido", FREIRE (1992), insiste na necessidade imperiosa que tem o educador e a educadora progressista de se familiarizar com a sintaxe, com a semântica dos grupos populares, de entender como fazem e refazem sua leitura do mundo. Precisam estar atentos para a cultura de resistência que se vai constituindo e sem a qual não podem defender-se da violência a que estão sendo submetidos .

Com esta perspectiva, FREIRE(1992), esclarece que o educador ou a educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa, não centra essa prática educativa nem no educando, nem na sua própria prática, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes. O ato de ensinar e de aprender, o de conhecer, fazem parte da natureza educativa. Não há educação sem ensino, sistemático ou não, de certo conteúdo. Quem

ensina, ensina alguma coisa, que é o conteúdo, a alguém, que é o aluno.

Jamais existiu qualquer prática educativa sem conteúdo.

Progressistas coerentes têm o direito de saber melhor o que já trilharam em seu caminho, afirma FREIRE (1992), ao lado de outro direito, o de participar da produção do saber que ainda não existe. O que não é possível, na prática democrática, é que o professor ou a professora imponha aos alunos a sua "leitura do mundo". O seu papel, ao propor sua "leitura do mundo", é salientar que há outras "leituras de mundo", diferentes da sua e às vezes antagônicas a ela.

FREIRE (1992,p.117 -118), afirma que :

O diálogo entre professores ou professoras e alunos ou alunas que não os torna iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas. Os professores não são iguais aos alunos por *n* razões entre elas porque a diferença entre eles os faz ser como estão sendo. Se fossem iguais, um se converteria no outro...O diálogo,por isso mesmo não nivela, não reduz um ao outro...Ambos se tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto do educador ou da educadora não freia a capacidade de criticamente também pensar ou começar a pensar do educando.

As reflexões que FREIRE (1992,p.119), faz em torno da aula expositiva e do professor, são essas que critica:

Há aulas que são puras transferências do conhecimento acumulado do professor aos alunos... Há outro tipo de aula que também anula a capacidade de pensar criticamente do educando... São exposições que "domesticam" ou fazem com que os educandos "durmam" embalados. Mas há uma terceira posição que considero profundamente válida, que é a em que o professor ou professora... desafia os estudantes que, perguntando-se e perguntando ao professor, participam do aprofundamento da exposição inicial... Finalmente, acho que há ainda um outro tipo de professor que não considero bancário. É aquele professor muito sério que, diante dos estudantes de um curso, se põe numa relação com o tema, com o conteúdo, que ele trata, numa relação de profundo respeito e afetuosa até, quase amorosa e tanto pode ser o objeto de análise um texto seu como o texto de outro autor. No fundo, testemunha aos educandos como ele se "aproxima" de um certo tema , como pensa criticamente.

Uma das tarefas da educação popular progressista, ontem como hoje, é procurar, por meio da compreensão crítica explicar como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza. A esperança que nos move é a de poder transformar a sociedade.

Há educadores autoritários que se consideram progressistas e proprietários do saber que simplesmente acreditam que sua função é estender aos educandos ignorantes os conhecimentos propostos. São estes que sempre descobrem no respeito que os radicalmente democratas revelam aos educandos, sinais de licenciosidade. E, são estes também, que continuam não entendendo o que significa partir da leitura do mundo. Mas também ninguém, numa perspectiva democrática, deveria ensinar o que sabe sem preocupar -se em dialogar para ver o que os alunos já sabem e em que nível pode caminhar com este grupo.

FREIRE(1992,p.135-136), apresenta uma contribuição significativa sobre a ação docente ideal. Aquela prática pedagógica que possa ter como parâmetro as seguintes indagações :

... que conteúdos ensinar, a favor de que ensiná -los, a favor de quem, contra que, contra quem. Quem escolhe os conteúdos e como são ensinados. Que é ensinar? Que é aprender? Como se dão as relações entre ensinar e aprender ? Que é o saber de experiência feito? Podemos descartá-lo como impreciso, desarticulado? Como superá-lo? Que é o professor? Qual é o seu papel? E o aluno, que é? E o seu papel? Não ser igual ao aluno significa dever ser o professor autoritário? É possível ser democrático e dialógico sem deixar de ser professor , diferente do aluno? Significa o diálogo um bate-papo inconseqüente cuja atmosfera ideal seria a do "deixa como está para ver como fica"? Pode haver um séria tentativa de escrita e leitura da palavra sem a leitura do mundo? Significa a crítica necessária à educação bancária que o educador que a faz não tem o que ensinar e não deve fazê-lo? Será possível um professor que não ensina? Que é a codificação, qual o seu papel no quadro de uma teoria do conhecimento? Como entender a relação teoria - prática sem que a frase vire frase feita?

Com esses desafios, o professor ao optar por uma abordagem progressista, precisa tornar -se reflexivo sobre sua própria ação docente.

3.1.1 O Professor Progressista

O uso abusivo das aulas expositivas do professor, à situação de simples ouvinte do aluno, a ênfase sobre a repetição do que foi ensinado, a exigência de silêncio como sinônimo de atenção tem ocultado toda uma realidade do aluno como pessoa, em sala de aula. Na maioria das vezes, o aluno não se relaciona com o professor, nem com colegas de âmbito de classe e se mantém numa atitude silenciosa ou de grande demora em expressar suas opiniões diante do público.

É comum dizer que os alunos que são ouvintes passivos não possuem conhecimentos básicos que permitam desenvolver o programa previsto, que apresentam insegurança afetiva, baixo rendimento escolar ou ainda, que algo está errado com o professor.

Supõe-se que este tipo de professor, como afirma FREIRE (1997,p.100), "... em função do passado autoritário, nem sempre com segurança por uma modernidade ambígua, oscila-se entre formas autoritárias e formas licenciosas. Entre uma certa tirania da liberdade e o exacerbamento da autoridade ou ainda, na combinação das duas hipóteses".

Para o professor que se interessar em trabalhar na abordagem progressista, torna-se fácil ouvir seus alunos e constatar que apresentam frequentemente uma atitude silenciosa quando são solicitados a falar sobre

suas leituras, conhecimentos anteriores e opiniões pessoais. Estabelecendo projetos coletivos, criativos, desafiadores e significativos, que demandam discussão e reflexão, os alunos serão instigados à construção do conhecimento na resolução de problemas reais, para que se tornem críticos, criativos, transformadores e reflexivos.

A tarefa de ensinar e a de saber o conteúdo do ensino é algo comum ao professor progressista e ao conservador, porque ambos são competentes. Este é um ponto que os identifica e, ao mesmo tempo os diferencia. Diferenciam-se, porque muda o tratamento dado por um ou por outro aos objetos que são ensinados e apreendidos, isto é, muda a metodologia. Enquanto o conservador oculta a razão de ser dos problemas sociais, o progressista busca desocultar a razão destes problemas.

O professor progressista não separa a apreensão do conteúdo da realidade, como se o contexto escolar fosse isento de conflitos sociais. Segundo FREIRE, In: DAMKE (1995,p.123): "O educador libertador não espera que o despertar ocorra de modo espontâneo. No diálogo com os educandos, compromete-se com a humanização recíproca e na construção da autonomia de todos e de cada um". E FREIRE(1997,p.134), ainda acrescenta:

... uma das minhas tarefas centrais como educador progressista seja apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou na inteligência do objeto e para que sua curiosidade compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada seja mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de de conhecer implica..., mas é preciso enfatizar, que ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de inteligir e comunicar o inteligido.

Quando o professor entra em uma sala de aula deve estar aberto à indagação, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tem - a de ensinar e não a de transferir conhecimento. Como afirma FREIRE(1997,p.25), "...ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção" .

O educador democrático, na sua prática docente deve reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua autonomia, em que aprender criticamente é possível, mas para que isto aconteça, exige-se a presença de professores e alunos criadores, instigadores, inquietadores, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível, porque os alunos pressupõem que o professor já teve ou continua tendo experiência da produção de saberes e que estes não podem ser simplesmente transferidos aos alunos e, que faz parte da sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo, para tornar-se um professor verdadeiramente crítico. E FREIRE (1997,p.42), reforça: "A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a prática de entender,desafiar o educando com quem se comunica,produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado" .

Neste contexto, o bom professor é aquele que, quando fala, consegue trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é um desafio após o outro. O diálogo do aluno é com o pensamento,porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, suas dúvidas e suas incertezas, afinal busca-se o

conhecimento científico das coisas, porque temos incertezas, dúvidas. O conhecimento é feito de incertezas. CHAÚÍ (1980,p.39), tem uma abordagem significativa sobre esta questão: “O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais e transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador”.

O autêntico professor progressista não pode esquecer do que FREIRE (1972,p.37), prega sobre a importância do diálogo: “No diálogo como fenômeno humano, encontra uma realidade que se identifica com ele: a palavra “. Assim, a palavra é o instrumento do diálogo e que toda palavra dialógica é, pois, ação e reflexão. A sala de aula dialógica será sempre contemplada pela livre expressão de todos os alunos, onde todos terão oportunidade de falar. Vale lembrar o filósofo grego Sócrates, como o mestre da maiêutica, aprendia em comum junto aos discípulos, pois ambos eram igualmente críticos. Segundo FREIRE (1973), “O diálogo nutre-se de amor, de humildade, de esperança, de fé e de confiança. É por isso que apenas ele permite a comunicação”.

RIOS (1993,p.70), contribui afirmando: “...a tarefa do professor é estabelecer o diálogo do aluno com o real, não com ele, professor, especificamente. Porque é por meio da relação professor-aluno que o objeto que é o mundo apreendido, compreendido e alterado, numa relação que é fundamental; a relação aluno-mundo; propiciada pela relação professor-mundo”.

MIZUKAMI (1986,p.99), também contribui: “O diálogo é desenvolvido, ao mesmo tempo em que são oportunizadas a cooperação, a

união, a solução em comum dos problemas. Os alunos participarão do processo juntamente com o professor”.

O diálogo evidencia-se na prática pedagógica progressista, pois o professor é o mediador que cria condições para junto aos alunos, seja superada a consciência ingênua e que estes possam perceber as contradições da sociedade em que vivem. O ato de conhecer, segundo FREIRE (1987), dá-se num processo social e o diálogo é uma mediação deste processo. Na teoria freireana o diálogo aparece como uma condição para o conhecimento, isto quer dizer que sem diálogo não há educação.

O papel do professor progressista é desafiar a curiosidade ingênua do aluno. E essa tarefa cabe à “curiosidade epistemológica”, denominada por FREIRE (1995), que é a passagem do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico. É assim que a prática educativa progressista se afirma como desocultadora de verdades escondidas, estimulando a capacidade criadora e a consciência crítica do aluno, pois quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mais epistemológica ela se torna.

Na visão de RAYS (1990,p.121), “O professor progressista é um guia, um orientador no processo educativo, trabalha junto ao aluno, sua realidade concreta. Abre perspectivas a partir dos conteúdos... Para tanto, deverá possuir competência técnica, domínio dos conteúdos e de métodos que se adequem a transformação e elaboração do conhecimento”.

A competência técnica não pode ser confundida por “saber bem” ou “fazer bem” com “conhecer o bem”, “fazer o bem “. Percebe-se muito bem isto no magistério, na questão do “professor bonzinho”, que se relaciona

“bem” com seus alunos, mas deixa de lhes ensinar os conteúdos. Por esse motivo, a qualidade da educação tem sido prejudicada por educadores irresponsáveis, preocupados só em “fazer o bem”. Essa visão equivocada da competência precisa ser negada para o verdadeiro sentido da prática educativa. Para tal, é preciso incluir nas dimensões técnica e política, a dimensão ética, para que os educadores questionem criticamente sua prática educativa, sobre o que é conhecimento e como saber utilizá-lo para beneficiar seus alunos.

Assim, de acordo com BEHRENS (1996), o professor progressista, deve ser crítico, exigente, reflexivo e transformador, coerente no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa e em sua própria prática.

Nessa abordagem progressista, evidencia-se o professor que domina o saber teórico, respeitando o saber daqueles que vai ensinar na busca de uma relação desafiante e dialógica. É rigoroso, baseando sua autoridade na competência humana, sendo convincente na defesa de seus sonhos, considerando o sonho de seus alunos como agentes de mudança.

3.1.2 O Aluno Progressista

É interessante observar que a experiência discente é fundamental para a prática docente que se terá amanhã. É vivendo a liberdade de aluno que se prepara para assumir o exercício da autoridade de ser professor. Como aluno, hoje, que se sonha como ensinar amanhã ou como aluno que já ensina hoje, deve-se ter como objeto da curiosidade as experiências que

vêm tendo com vários professores e as suas próprias, se as têm com seus alunos. Isto significa que o aluno é reflexo de seus professores.

FREIRE (1997,p.100-101), quer dizer com isso: "...que não se deve pensar apenas sobre os conteúdos programáticos que vêm sendo expostos ou discutidos pelos professores nas diferentes disciplinas, mas ao mesmo tempo, a maneira mais aberta, dialógica, ou mais fechada, autoritária, com que este ou aquele professor ensina".

O aluno torna-se "algo mais" porque está aprendendo, está conhecendo, porque mais do que observar, está mudando. Se o aluno não muda quando está conhecendo o objeto de estudo, não está sendo rigoroso. O conhecimento requer disciplina, é um processo que exige muito dos estudantes, que os faz sentir cansados , apesar de felizes.

Ninguém pode conhecer pelo professor, assim como não se pode conhecer pelo aluno. O que se pode fazer, na perspectiva progressista, ao ensinar certo conteúdo ao aluno, desafiá-lo a perceber na própria prática de que ele é sujeito capaz de saber, como produtor de sua inteligência do mundo, e não apenas daquela transferida pelo professor. FREIRE (1997,p.140-141), reforça a sua idéia, de que: "Todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, vá assumindo a autoria também do conhecimento do objeto".

Como aponta MISUKAMI (1986,p.86-87):

... que o aluno chegará a ser sujeito social através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais ele reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la. Será graças à consciência crítica, que ele assumirá cada vez mais esse papel de sujeito, escolhendo e decidindo, libertando-se e não como instrumento de ajuste à sociedade.

Segundo FREIRE (1969), o aluno inicia a construção de sua consciência crítica em contato com outros alunos e com o educador, num contexto de realidade que os determina geográfica, histórica e culturalmente.

O fundamental, nesta tendência progressista, é que professor e alunos saibam que a postura deles é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não passiva, enquanto fala ou enquanto ouve. Ao contrário do professor autoritário, que se recusa a ouvir os alunos e que se nega a participar da afirmação do educando como sujeito do conhecimento, porque a evolução do mundo exige cada vez mais indivíduos auto-afirmados para o uso da iniciativa e não indivíduos alienados de como funciona a sociedade da qual estão inseridos.

FREIRE (1992), propõe para que o aluno possa desenvolver sua consciência crítica e iniciativa nesta tendência pedagógica, precisa experimentar a fazer a leitura crítica e reflexiva de um livro ou texto sozinho, para entender o que significa ler por conta própria. Não é fácil, por isso, de vez em quando, o professor pode ler com os alunos um capítulo de um livro, desafiando-os para que leiam os outros capítulos sozinhos e, assim tornarem-se leitores críticos e preparados para o questionamento em classe com o professor que dispõe do diálogo para abrir-se ao pensar dos alunos.

Uma pedagogia voltada para a sala de aula dialógica, transforma a educação numa pesquisa social e transforma a relação entre professor e alunos num constante diálogo. Ao fazer isto, os alunos aprendem a participar, a discutir criticamente, a interpretar e a transformar a realidade

e, com a ajuda do professor, fazem a leitura do mundo com sua própria visão.

Ouvindo cada aluno falar sobre sua realidade, suas experiências de vida, o professor caminha com eles na busca de uma compreensão crítica, e ao mesmo tempo científica. Essa pesquisa da vivência dos alunos, transporta-os para além do conteúdo proposto, despertando-os para observar melhor a realidade à sua volta e atentos aos acontecimentos fora dos limites da instituição de ensino. Nas condições de verdadeira aprendizagem, os alunos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, engajando-se com o professor no ato de conhecer.

No paradigma progressista, segundo BEHRENS (1996), "o aluno é responsável, participativo, crítico e questionador. E o diálogo é a palavra mais importante desta concepção pedagógica".

3.1.3 A Metodologia na Abordagem Progressista

Na perspectiva progressista, a metodologia na visão de BEHRENS (1996), estimula o professor e alunos a uma relação dialética: ação/reflexão/ação, que permite uma educação libertadora, transformadora, envolvente, organizativa, na produção de conhecimento significativo, e que na ótica de FREIRE (1992), possa transformar o sonho de alunos e professores, em ousadia.

Nesta metodologia, o professor pode dar uma aula expositiva, mas ela é transformada numa aula expositiva que estimula o pensamento crítico do aluno, numa dimensão dialógica, que utiliza o diálogo entre professor e alunos como uma troca recíproca de saber. E um dos elementos desencadeadores do processo dialógico é a problematização, a que FREIRE (1995), se refere, e que leva os alunos à reelaboração e produção de conhecimentos, à possibilidade de irem se exercitando na prática de pensar criticamente e de tirar suas próprias conclusões dos fatos.

Para FREIRE, In: DAMKE (1995,p.82): “O papel do professor adquire relevância nessa concepção de educação. Sua tarefa principal é problematizar. À medida que dialoga, cabe ir chamando a atenção para pontos obscuros ou ainda ingênuos, bem como para as descobertas que estão sendo feitas pelos sujeitos envolvidos na situação gnosiológica”.

Entende-se que problematizar significa questionar determinadas situações, a partir de alternativas que levem à compreensão do problema em si e de caminhos para a sua solução. FREIRE (1995), descobriu que “tudo pode ser problematizado” e que “o desafio é fundamental na constituição do saber”, porque os cientistas ou filósofos não sistematizariam seu pensamento se não fossem desafiados a fazê-lo.

Dentro dessa metodologia progressista, a busca do conteúdo programático é o ponto de partida para o diálogo. Tais conteúdos devem estar relacionados às experiências dos alunos. Conhecer, previamente, a visão de mundo dos alunos é possível organizar um conteúdo programático mais significativo; isto é, busca relacionar esses conhecimentos prévios com o conteúdo a ser estudado. Cabe também, aos alunos e ao professor,

discutirem, dialógicamente, a compreensão da realidade. Quanto mais essa realidade for discutida, maior será a necessidade de aprofundar e de adaptar o conteúdo programático e os temas a serem estudados.

FREIRE (1997,p.33-34), questiona: "porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se pode associar a disciplina, cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida".

Na sala de aula dialógica, quanto mais confiança os alunos tiverem no professor, enquanto autoridade que dirige um curso, que pode manter a disciplina, que tem bom domínio do conhecimento e de como obter mais conhecimento, mais confiança os alunos terão nas suas intervenções. FREIRE (1995,p.81) afirma "...É que há um diálogo invisível, prévio, em que não necessito de inventar perguntas ou fabricar respostas. Os educadores verdadeiramente democráticos não estão --- são dialógicos. Uma de suas tarefas substantivas em nossa sociedade é gestar esse clima dialógico".

Outro elemento para uma sala de aula dialógica alcançar o objetivo proposto, é no trabalho realizado em grupo, porque todo o grupo é um lugar de ação e reflexão a novas ações. No trabalho em grupo não se pode esquecer que a palavra é um direito de todos os participantes. Quando, durante as aulas, um aluno tenta impor a sua palavra, está tolhendo um direito do outro. Qualquer palavra imposta, não pode ser aceita pelo grupo porque é contra a liberdade do grupo, é anti- democrata e é sinal de opressão de idéias. A liberdade de expressão do grupo é a sua capacidade

de agir isento de vínculos impostos. É a rebeldia, a forma de ser manipulado por aqueles que querem negar o direito de livre expressão. Essa rebeldia, no seu sentido transformador, segundo FREIRE (1971), "é um sintoma de ascensão; é uma introdução à plenitude", isto é, a política do grupo é a do amor, da compreensão, do humanismo. Todo aluno precisa se rebelar a tudo que impede sua vocação de sujeito, porque se não houver uma sã rebeldia, nada se muda, nada se transforma.

A ação para mudar é um processo dialógico em que se comunicam sentimentos e conhecimentos que fazem o professor reagir emitindo mensagens que provocam o aluno a mudar a situação pedagógica. A comunicação entre ambos, materializa a mudança. Mudar a identidade histórica e material de cada indivíduo só é possível quando essa mudança é produto da transformação do outro e do mundo, ao mesmo tempo.

Adotando a abordagem progressista, o professor poderá aperfeiçoar sua prática pedagógica, avaliando-a permanentemente e buscando alternativas transformadoras para inová-la sempre, não só provocando mudanças na educação, na perspectiva de contribuir para a formação de alunos que vejam a realidade com espírito crítico, mas possibilitá-los a compreender a sua relação com o mundo, numa visão de conjunto, na transformação do contexto histórico em que estão inseridos.

3.2 ENSINO COM PESQUISA

A Universidade precisa repensar o seu papel, hoje. E uma das formas é desenvolver o ensino com pesquisa para a formação de cidadãos

aptos a exercerem funções especializadas em todas as áreas do conhecimento. A cidadania da Universidade está na pesquisa, porque ela é a mola mestra da Universidade. O mundo moderno não autoriza um profissional a ter somente sucesso e competência, se não for um pesquisador e um estudioso permanentemente.

As contribuições que DEMO (1994), traz para o Ensino com Pesquisa, tem acentuado a validade desta proposta metodológica no meio universitário atualmente, que garante uma nova postura do professor e do aluno.

Diferentes esforços têm sido evidenciados para que a relação ensino com pesquisa concretize-se, em especial no ensino superior. Mas a relação ensino com pesquisa só se dá quando o professor estabiliza-se como investigador e traz para a sala de aula os resultados de seus estudos. E, talvez, uma das maiores dificuldades para relacionar ensino com pesquisa é a de que o ensino tradicional, prescritivo, e a pesquisa são realizados com lógicas diferentes. O ensino tradicional é construído de certezas valorizadas, tanto pelo professor quanto pelo aluno, protegendo a idéia de que a teoria vem antes da prática. Já a pesquisa admite uma lógica totalmente diferente. A dúvida é permanente e o erro é importante no processo da construção do conhecimento, que é sempre provisório e que se refaz a cada momento. E na pesquisa, a prática, que é a leitura do campo social e científico em que acontece o fenômeno, sempre antecede à teoria.

O conhecimento não pode permanecer como aparência intelectual no professor e no aluno. Sua finalidade é a teorização das práticas, como

ponto de partida para a crítica e auto-crítica. E só por meio da teorização que se pode refazer toda a prática, assim como toda a prática também reconstrói o conhecimento, desde que volte à teoria. O resultado desta experiência, será a compreensão das precariedades da aula copiada e das didáticas reprodutivas, o que permite rever e refazer propostas alternativas na Universidade.

DEMO (1994), In: BEHRENS (1996,p.48) valida que "...o professor moderno reduzirá seus espaços de aula teórica e criará projetos desafiadores em conjunto com os alunos, provocando-os a acessarem os bancos de dados, a Internet, a pesquisa em livros e periódicos, impulsionando-os a aprenderem a aprender".

E mais, que o professor, seja capaz de transmitir sua linha de pesquisa, para que o aluno se sinta motivado a praticar o seu processo educativo, a partir da pesquisa como princípio educativo, pois o professor faz seu perfil profissional, não porque dá aula, mas porque tem produção própria.

BEHRENS (1996,p.47), esclarece que: "Para o professor, esta nova caracterização do seu papel deverá vir acompanhado da capacidade de saber fazer pesquisa e de tornar a pesquisa uma atitude cotidiana, ter competência de elaboração própria, saber teorizar e saber sedimentar a prática com referenciais teóricos consistentes".

Com esta perspectiva, caracteriza-se o professor na modernidade, que precisa assumir cotidianamente o papel de pesquisador, ao mesmo tempo que propicie ambiente que instrumentaliza o acadêmico para a emancipação. O domínio dos conhecimentos, a elaboração própria,

expressar-se com desenvoltura, acessar informações e instrumentalizar-se eletronicamente, são alguns pressupostos para que o professor possa readquirir sua credibilidade nos meios acadêmicos, optando pela proposta metodológica do Ensino com pesquisa e do “aprender a aprender”.

Em sua obra “Educar pela pesquisa”, DEMO (1996), coloca a pesquisa como condição essencial na produção de conhecimento próprio. Propõe que o profissional da educação maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana. Pois, educar e pesquisar são processos coincidentes. Defende que o aluno não vai à escola só para assistir aula, mas também para pesquisar e que, sua tarefa é tornar-se parceiro de trabalho e não ter o aluno como ouvinte domesticado. .

A pesquisa precisa ser internalizada como atitude cotidiana, não apenas como atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais. Ao contrário, representa a maneira contributiva de andar na vida, todo dia, toda hora. Seu distintivo mais próprio é o questionamento reconstrutivo. Por reconstrução entende-se o conhecimento inovador e sempre renovado, que significa interpretação própria, formulação pessoal, elaboração trabalhada, saber pensar e aprender a aprender. .

DEMO (1996), afirma que a pesquisa afastada do compromisso educativo é a expressão típica da mera qualidade formal. Para o professor, pesquisa é coisa peregrina, no aluno, tem sido vista como pretensão descabida ou equivocada. As alegações para assentar o ensino na cópia e na produção são as mais variadas, como a má preparação na educação básica e o desinteresse dos alunos. No caso dos alunos que freqüentam o

ensino noturno, as justificativas que os professores apresentam é a de que o processo precisa restringir-se à sala de aula, porque seus alunos trabalham durante o dia ou porque sua profissão não exigiria pesquisa. Aliada a esses fatores, existem ainda a precariedade dos ambientes educativos, destituídos de bibliotecas e de redes de informação. Com essas atitudes evasivas o aluno fica condenado a escutar aulas copiadas, tomar nota e fazer prova.

O pesquisador afastado do ensino, também ignora sua importância educativa, porque se vê como produtor do conhecimento, cercado de questões metodológicas teóricas e práticas, terminando sua tarefa na conclusão do relatório da pesquisa. Geralmente entende-se como professor especial, tão especial que já não quer mais o contato com os alunos, e passa a formar uma espécie de elite acadêmica. Não lhe ocorre ser educador. Constroem pesquisas que não preocupam-se em ter como ponto de referência a formação de sujeitos capazes, críticos e criativos, democraticamente organizados e aptos a superarem a condição de massa de manobra.

Para DEMO (1996), no processo de pesquisa está o genuíno contato pedagógico, transformado em ambiente de trabalho conjunto, implicando na qualificação do e pelo conhecimento e sua humanização constante e radical. Ao mesmo tempo, solidifica-se a pesquisa como razão central de ser da universidade, além de ser a base da transformação de mero ensino em educação.

Não cabe mais a noção de ciência como estoque de conhecimentos disponíveis, pela via da simples transmissão. Assim, mais que o aprender,

é o "aprender a aprender", que faz o bom profissional. O autêntico profissional, portanto, não é aquele que executa sua profissão e não é mais alguém que tem na cabeça um lote especial e bem guardado de habilidades e conhecimentos, mas sobretudo quem sabe pensar e refazer sua profissão, pela sua renovação constante, diante de um mundo que entrou num ritmo avassalador de mutação.

DEMO (1994), afirma que o aluno está cristalizado com a imagem de que vai à universidade assistir aulas e fazer provas e se passar estará formado. O processo pedagógico tradicional assenta-se na mediocridade acadêmica que se resume à aula copiada e que apenas ensina a copiar. O professor que nunca produziu conhecimento próprio, a precariedade da biblioteca e de outros apoios didáticos essenciais, a oferta noturna encurtada, a presença artificial da pesquisa, a própria estrutura física apenas de salas de aula, tudo isso colabora pesadamente para estabelecer a cópia como base de sustentação de práticas pedagógicas conservadoras e autoritárias. Ensinar a copiar é destruir qualquer competência, já que copiar é o contrário de inovar.

Essa relação autoritária emerge entre professor e aluno, à medida que um apenas ensina e outro apenas aprende. Para este aluno, estudar significa memorizar, decorar e colar. O desrespeito se completa quando, ao final do semestre ou do ano letivo, 90% da turma não passa e o professor que reprova a maioria dos alunos, deveria considerar-se reprovado, pois mostra que não se coloca a serviço do desempenho do aluno.

A concepção moderna de professor, segundo DEMO (1996), caracteriza-se como orientador do processo de questionamento

reconstrutivo no aluno supondo que detenha esta mesma competência. Nesse sentido, o que mais define é a pesquisa. Na universidade, pesquisa é profissão. Sem pesquisa não há vida acadêmica. O pesquisador profissional será aquele dedicado à reconstrução do conhecimento sistematicamente. O pesquisador propedêutico é aquele que se sustenta na pesquisa como método de atualização permanente e de reconstrução do conhecimento.

O professor universitário deveria ser pelo menos um "pesquisador propedêutico", assumindo o papel de orientador da pesquisa no aluno. Assim desfaz-se a expectativa do aluno de comparecer para escutar aula, colocando em seu lugar o compromisso do questionamento reconstrutivo e do trabalho conjunto.

Neste contexto, a tarefa essencial do professor e do aluno é praticar o questionamento reconstrutivo, como propedêutica e como base profissional, com o objetivo de cultivar a competência de sujeito, capaz de projeto teórico e prático próprio. Busca-se superar tanto a condição de um professor que apenas ensina, como de um aluno que apenas aprende, pois ser inteligente é aprender, não ensinar. Usa-se a transmissão do conhecimento como insumo necessário, procura-se facilitar o repasse pelas vias modernas da instrumentação eletrônica e dos apoios como biblioteca sempre atualizada. Mas o cerne da questão encontra-se na capacidade questionadora reconstrutiva como distintivo da pesquisa. Somente assim atinge-se o desafio da competência, que sempre inclui a gestão da autonomia do sujeito.

A contribuição que DEMO (1992) propõe, é de que:

A competência que a escola deve consolidar e sempre renovar é aquela fundada na propriedade do conhecimento como instrumento mais eficaz da emancipação das pessoas e da sociedade. Neste contexto, mera transmissão é pouco, embora como insumo seja indispensável. Em termos emancipatórios, competência jamais coincidiria como cópia, reprodução, imitação. torna-se essencial construir atitude positiva, construtiva, crítica e criativa, típica do “aprender a aprender”.

Cabe o alerta de BEHRENS (1996,p.47), que:

A premissa verdadeira e inquestionável é que um professor universitário não pode parar de estudar. Com uma formação contínua e permanente e com uma produção significativa terá mais oportunidade de reivindicar melhores salários e de ser respeitado dentro da profissionalização...O docente precisa deixar de ser um repetidor de receitas para empreender projetos pedagógicos, com simulações de problemas aproximados da realidade que desafiem os alunos a serem criativos, autônomos e críticos.

BEHRENS (1996), reforça a questão da pesquisa, que para o professor, esta nova caracterização do seu papel, deverá vir acompanhado da capacidade de fazer pesquisa e de tornar a pesquisa uma atitude cotidiana, ter competência de elaboração própria, saber teorizar e saber sedimentar a prática com referenciais teóricos existentes. Como construtor do conhecimento novo, poderá readquirir sua credibilidade nos meios acadêmicos e ultrapassar as críticas, tornando-se competente, criativo, produtivo e transformador da realidade.

3.2.1 O Professor no Ensino com Pesquisa

O professor não pode mais definir-se pela aula, pelo mero ensino, porque isto é decorrência. O que faz o professor é a capacidade de elaboração própria, que lhe permite ensinar. O professor só pode ensinar

aquilo que pesquisa. Caso contrário, apenas ensina a copiar. Ensinar a copiar não é ciência e muito menos educação.

Segundo BEHRENS (1996), "o professor torna-se figura significativa no processo, quando percebe que é o "orquestrador" da construção do conhecimento e propicia ambiente que instrumentaliza o aluno para a emancipação".

Com esta perspectiva, DEMO (1991,p.14), sugere: "Quem ensina carece pesquisar; quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina, jamais o foi".

No ensino com pesquisa, o papel do professor é o de proporcionar ao aluno vários direcionamentos para que este tenha várias opções para buscar a transformação do conteúdo em aprendizado. O professor se transforma em orientador, procurando confrontar as diversas visões, levando o aluno à síntese das hipóteses levantadas, deixando de ser o sujeito do processo para ser o mediador do desenvolvimento global do aluno.

O professor competente é aquele que se renova continuamente. Nenhum professor está pronto em algum momento de sua carreira, do mesmo modo, uma pessoa não pode ser humana sozinha, esta pessoa não pode ser competente sozinha. A qualidade de seu trabalho não depende apenas dela, define-se na relação com os outros, que além de ser construída, é também compartilhada.

Se a dimensão do poder é constituinte da competência, a verdade é que não somos nem completamente sem poder, nem completamente capazes de criar nossa realidade. O que sentimos não depende apenas de

nós, mas também da realidade que nos rodeia. Nosso poder depende em parte do que fazemos e, em parte, do que os outros fazem em resposta a isso. Segundo BEHRENS (1996), "... a realidade que se impõe para o século XXI, se caracteriza como a "Sociedade do Conhecimento" (DRUKER,1989). O ensino superior exige dos professores e alunos a produzirem conhecimento, porque "quem tem o conhecimento tem o poder".

Na busca da competência humana, o professor precisa visualizar que o aluno torna-se neste processo, o sujeito do seu próprio aprendizado, pois o mesmo encontra em sala de aula apenas um local de debates, onde recebe problematizações e, parte para a busca de soluções dos problemas, o que não ocorre no ensino tradicional, onde a opinião do professor é soberana e incontestável. Na visão de DEMO (1994, p.33), "...O desafio essencial da Universidade e também da educação moderna é a pesquisa, definida como princípio científico e educativo".

Educar pela pesquisa supõe um processo de permanente recuperação da competência do professor, que exige recuperação constante, porque é da lógica do conhecimento inovador. O professor precisa ser sobretudo um pesquisador constante na sua área, com proposta própria, elaborada e sempre reelaborada. A capacidade de argumentar, fundamentar, raciocinar, questionar, deve estar presente em todas as fases.

O conhecimento se adquire ao longo de muitos anos, se constrói no tempo e representa a mágica que pode mudar o rumo do ensino. O professor tem o privilégio de encontrar no conhecimento sua

instrumentação de mudança. É um ser humano que tem condições de chegar a ser cada vez mais competente, se saber pensar, saber inovar e saber se renovar, pois se a prática pedagógica apresenta erros ou imperfeições, há necessidade de mudar, como DEMO (1997,p.17), afirma que: "Para mudar, é mister desfazer alguma coisa e, na medida da radicalidade, desfazer tendencialmente tudo. O que pode ser visualizado como novo é a perspectiva de que o conhecimento, em vez de produzir certezas, é marcadamente uma estratégia de as desmontar...de lidar criativamente com a incerteza".

Diante desse contexto, a reflexão é de que o conhecimento é constituído por incertezas, porque se professores e alunos conhecessem tudo e tivessem certeza de tudo, esgotando a aprendizagem no conhecimento empírico, não haveria necessidade da busca do conhecimento formal e científico, ou como sugere DEMO(1997), no ensino com pesquisa.

Como explica CUNHA (1996,p.122):

O ensino tradicional é construído de certezas ...O professor,para ser "seguro", tem de ter respostas para todas questões...Não admite erro,nem seu, nem do estudante...Sua principal função é transmitir conhecimentos historicamente produzidos...Já a pesquisa admite uma lógica totalmente diferente. A dúvida é sua companheira permanente e o erro é considerado importante no processo de construção do conhecimento. O conhecimento é sempre provisório, um processo que se refaz a cada momento.

Para BEHRENS (1996):

... o primeiro pressuposto para o paradigma do ensino com pesquisa é de que o professor precisa assumir cotidianamente o seu papel de pesquisador ... Com recursos bibliográficos e tecnológicos e em especial a informática, o docente pode construir projetos que levem os alunos a levantarem problemáticas que ele vai enfrentar como profissional e instigá-lo a buscar referenciais (seja de livros, de

profissionais da área, da Internet, dos vídeos, dos cd-rom) e discutí-los com o grupo de colegas e com o próprio professor. Esta modalidade de pesquisa e reflexão crítica podem instrumentalizar os estudantes para escreverem textos próprios.

O que se observa é que muitas vezes termina-se o ano letivo com um número muito grande de insatisfações; em seguida, começa-se um novo ano letivo, fazendo as mesmas coisas, repetindo-se as mesmas práticas, como se fosse esquecer tudo o que não deu certo no ano letivo anterior. A verdade é que este é um professor incompetente e irresponsável. Já o professor competente deixa de ser o repetidor e questiona-se, compreendendo o seu papel, o papel do aluno e qual a relação que ambos têm com o conhecimento. Estas questões competem à ética da performance do professor. Como DEMO (1997), usa esta analogia: "...que é mister faxinar nossa vida de professor todo fim de ano, como fazemos com nosso quarto de trabalho".

Segundo CUNHA(1996), para mudar, o professor precisa primeiro ter consciência da situação, precisa estar inconformado e insatisfeito com o trabalho que desenvolve. Precisa entender que o desprestígio da sua profissão está na falta de clareza de um saber específico para o seu exercício. Recuperar a profissionalização significa lançar-se na construção do novo, consolidando uma prática pedagógica conseqüente.

É aqui que entra a questão da desconstrução do professor a que DEMO (1997,p.30), explica: "... desconstruir o professor, não tanto como movimento que venha de fora -virá de fora se não acordarmos em tempo-, mas sobretudo como competência humana integrada na velocidade dos

tempos, inclusive para poder recuperar condições mínimas de humanizar os processos inovadores”.

O desafio da desconstrução do professor quer dizer que é preciso desfazer tudo o que se aprendeu, não no sentido de romper com o passado violentamente, mas de superar tudo aquilo que não deu certo em sua ação docente, para então passar para um novo processo de conhecimento inovador, que se reconstrua num sentido evolutivo.

Para a adoção desta proposta pedagógica, o professor precisa saber que é por meio da pesquisa que se busca o novo e que a prática sempre vem antes da teoria, porque segundo DEMO (1997), “Ser inteligente é aprender, não é ensinar”.

Na educação, não há máquina que substitua o professor. Se isto acontece, é porque o professor o merece. Atribuindo ao professor o papel de “formador de formadores”, DEMO (1993) In: BEHRENS (1996,p.84), valida a razão da presença dos docentes no processo pedagógico, como vanguardista do desenvolvimento ao produzir ciência e tecnologia com criatividade, criticidade e espírito transformador. O “aprender a aprender” projeta o professor como orientador construtivo e participativo.

3.2.2 O Aluno no Ensino com Pesquisa

Para estimular a pesquisa no aluno é fundamental que exista em sala de aula um ambiente positivo, um lugar coletivo de trabalho, participação ativa, presença dinâmica, comunicação fácil e motivação à flor da pele. Mas é essencial que se desfaça a imagem do aluno como alguém

que comparece para escutar, tomar nota, receber ensinamentos, fazer provas e passar de ano.

A proposição metodológica de “aprender a aprender” que DEMO (1992), traz para o ensino com pesquisa e que BEHRENS (1994), adotou, é a de que o aluno precisa parar de memorizar, copiar e repetir conteúdos desagregados da realidade e do enfrentamento que o espera como profissional. Cabe lembrar que o mundo moderno não autoriza um profissional a ter sucesso e competência, se não for um investigador, um pesquisador permanente em sua área.

CUNHA (1994,p.191-192), ilustra que:

O ensino reprodutivo dá ênfase à repetição e à memória. Nele o aluno é induzido a não questionar, a perseguir um único caminho para aprender e a repetir o professor e o livro. Os métodos privilegiam a concepção de que o professor é a principal fonte de informações e, pela palavra, passa aos estudantes este estoque que acumulou. Não há lugar para a dúvida neste paradigma de ensino e sim a prática das certezas...Aliás, os próprios alunos trazem a expectativa de que este é o comportamento adequado ao professor...Entende que aprender não é estar em atitude contemplativa ou absorvente frente aos dados culturais da sociedade, mas sim estar envolvido na interpretação destes dados.

Para BEHRENS (1996,p.86-87):

Os alunos, ao invés de utilizarem o caderno universitário com a prescrição de “receitas”, deverão freqüentar mais as bibliotecas, laboratórios, grupos de estudos e acessar os recursos tecnológicos de informática e eletrônica. Conciliar ensino com pesquisa e computadores como instrumental para a modernidade tem sido objeto de estudo de professores interessados em apontar caminhos para que os estudantes sintam o desejo de continuarem aprendendo como um processo para a vida toda... A pesquisa a que DEMO se refere, não é restrita a laboratórios, mas atividade cotidiana em que o aluno é desafiado, torna-se dono do problema, fica perturbado, estimulado, instigado a buscar ajuda na literatura e, como profissionais da área, a acessar recursos tecnológicos, a montar o mosaico das informações, a discutir e criticar, e com isto construir seu próprio conhecimento BEHRENS (1996:mimeo.).

DEMO(1996), propõe que: “Quem passa a vida escutando aulas copiadas e fazendo provas reprodutivas, não alcança a competência que o mundo moderno exige”. Realmente, a modernidade exige tendências pedagógicas inovadoras e o ensino com pesquisa é uma delas, que não se restringe em copiar e decorar, mas de desenvolver a capacidade de dominar e renovar a informação para a produção de novos conhecimentos, onde professores e alunos são considerados parceiros na construção do conhecimento. O ensino com pesquisa, segundo CUNHA(1994,p.192), “...valoriza a ação, a reflexão crítica, a curiosidade, o questionamento exigente, a inquietação e a incerteza, características básicas do sujeito cognoscente”.

O que se visualiza para a Universidade do ano 2000, são alunos autônomos e criativos. Mas isto só acontecerá se o acadêmico perceber o espírito científico e transformador no seu professor hoje, porque assim se sentirá motivado e vai gostar de ser o seu seguidor e colaborador no rumo à pesquisa.

3.2.3 A Metodologia no Ensino com Pesquisa

Para ser um pesquisador permanente, a metodologia do ensino com pesquisa, proposta por DEMO(1996), instrumentaliza professores e alunos para a emancipação, porque, segundo DEMO(1997,p. 237):

Pesquisar é primeiro duvidar, perguntar, criticar, dizer não. É querer saber, por não aceitar a ignorância...Ou seja, é passo fundamental da formação do sujeito histórico que se nega a continuar como objeto. Assim, pela pesquisa não fazemos apenas discursos científicos, mas igualmente elaboramos o caminho da cidadania

dos alunos, à medida que motivamos o saber pensar, o aprender a aprender, o questionamento lógico e político da realidade.

O “aprender a aprender” que DEMO(1996) propõe, aparece como fio condutor na abordagem do ensino com pesquisa e que vale a pena ilustrá-la com alguns de seus pressupostos, escritos por BEHRENS (1996,p. 89-90), para serem seguidos pelo professor que queira obter competência pedagógica:

- atuar em parceria com os alunos, estimulando-os à pesquisa para a busca do conhecimento;
- incentivar para que o aluno vá buscar informações nos meios de informática, de multimídia e de telecomunicações ou nos recursos disponíveis na comunidade escolar, para subsidiar a sua pesquisa e a construção de textos próprios;
- estimular o uso da biblioteca, dos laboratórios, para que os alunos pesquisem, estudem, discutam e critiquem, ” aprendendo a ler de modo questionador ”, construindo argumentos e textos, e discutindo com seus pares os caminhos alcançados;
- valorizar mais a elaboração própria do aluno, a construção coletiva, superando a reprodução e fazer a apresentação dos textos produzidos, expressando-se com fundamentação;
- repensar a sala de aula como local de trabalho conjunto, em que o professor é visto como o orientador do processo e não uma figura autoritária;
- interessar-se pelos alunos, conhecendo suas expectativas, propiciando um clima de receptividade, de confiança e de respeito mútuos;

- discutir criticamente com os alunos a relação da prática com os conhecimentos teóricos e qual a finalidade desses conhecimentos;
- criar para o aluno e com o aluno um ambiente acadêmico inovador, transformador e participativo, que o auxiliará a ser um sujeito capaz de questionar, inovar e renovar-se, continuamente, acrescentando o que DEMO(1997), propõe: “Que viver é essencialmente renovar-se”, e salienta, que:

Conhecer é sobretudo refazer-se permanentemente, o que lançou sobre a competência humana o desafio de constante atualização, com base na capacidade de não só questionar, mas principalmente questionar-se. A propedêutica moderna também recomenda vivamente esta maneira de ver, ao ajuntar filosofia, linguagem e matemática como fundamentos do “saber pensar”.

Neste contexto, a filosofia refere-se ao saber pensar, ao método científico, à crítica da ciência e do humanismo; a linguagem sinaliza a importância de comunicar e comunicar-se, além de indicar o mundo da cultura e da arte, a matemática é a única língua universal que representa a lógica abstrata, o tratamento estatístico da realidade, o mundo da informática e da eletrônica na vida diária.

Esta propedêutica do conhecimento moderno, deve ser comum a todos os cursos da universidade, pois leva o aluno a saber pensar e a aprender a aprender. Nesta abordagem, o aluno não vai à universidade para escutar discursos dos professores, mas vai para construir conhecimento junto com o professor, por meio da pesquisa, o que inclui elaboração própria, teorização das práticas e atualização constante, tanto do professor, quanto dos alunos.

3.3 A VISÃO HOLÍSTICA DA EDUCAÇÃO

A necessidade de uma educação para o progresso da humanidade e o desenvolvimento do ser humano total, evidencia-se neste angustiante momento planetário e nos desafios que se enfrenta no mundo globalizado em que vivemos. GUSDORF(1997), diz que sempre que o ser humano entra em conflito com o Ocidente, ele procura o Oriente. Nas palavras de BUARQUE(1994,p.37):

Com a redescoberta do pensamento oriental, com a aceitação de formas alternativas de pensar, o Ocidente começa a contestar seu materialismo como objetivo e como método de pensar. Surge uma valorização do uso da intuição, do sentimento, da globalidade. Ressurge uma prática de espiritualidade sem complexo de inferioridade. O holismo se afirma como uma prática intelectual...A universidade ensina todos os nomes de todos os rios, mas anula nos alunos a capacidade de emocionar-se ao ver um deles. Ensina por que a economia se desequilibra, mas leva cada aluno a ignorar que há nomes por trás do desemprego criado.

Para BUARQUE(1994,p.39), também, " esta globalização ainda não se deu na universidade que continua reagindo, devido a uma visão antiquada e por comodismo de muitos professores e alunos que não querem sair da forma de pensar na qual foram formados".

Para o ser humano moderno ser competente e criativo, precisa viver rupturas em sua área, se humanizar e buscar inspiração não só nas teorias que estudaram, mas também no sentimento e sensibilidade que vem das artes, no entendimento crítico que vem do conhecimento da filosofia e da intuição e da inteligência emocional, atividades estas de uma pessoa renascentista e necessárias para o profissional de sucesso.

Segundo CAPRA(1993,p.14):

Para descrever esse mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece. Precisamos, pois de um novo "paradigma"---uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores...da concepção mecanicista para a holística da realidade, já são visíveis em todos os campos e suscetíveis de dominar a década atual.

A palavra "holístico" está se infiltrando na terapia, na filosofia e na educação e a visão holística da educação veio para contribuir na construção de uma sociedade mais justa, mais pacífica e em constante evolução. Essa educação é mais humana do que a educação tradicional, porque busca a educação do ser humano como um todo. Na busca da percepção do todo, a visão holística considera a intuição e o sentimento como vias de construção do real e não somente a razão e a sensação como vinham sendo trabalhados no ensino tradicional. A integração razão e sentimento, Ocidente e Oriente, lado esquerdo e o lado direito do cérebro, ciência e espírito, são fundamentais na educação holística.

CARDOSO(1995,p.38-40), esclarece que a visão holística foi concebida pelas tradições espirituais do Oriente e tem também, suas raízes nos filósofos do Ocidente. No Oriente, encontram-se o *hinduísmo*, que mantém unidas as pessoas e o universo; o *budismo*, em que tudo no universo está inter-relacionado e o *taoísmo*, em que o *Tao* é um processo de constante mutação com duas polaridades, o *yin* e o *yang*.

No mundo Ocidental, os primeiros filósofos gregos pré-socráticos ou filósofos da natureza (GAARDER,1995), viam na *physis* ou natureza, o princípio como essência do mundo. O elemento *água* de Tales, o *apéiron*

de Anaximandro, o *ar* de Anaxímenes e o *pensamento* de Heráclito, de que nada é estático, tudo flui naturalmente.

Mais tarde, o filósofo italiano, renascentista e *pan-en-teísta* cristão, Giordano Bruno, afirmou que não havia distinção entre matéria e espírito, e que o cosmo é a expansão infinita de Deus e, segundo BOFF, In: CARDOSO (1995,p.39), tudo está em Deus. Para o *panteísmo* tradicional, todos os seres vivos, ou não, são apenas parte de Deus.

No filósofo e matemático alemão, o racionalista Leibniz, encontra-se o conceito holístico de substância (mônada), que é um microcosmo e expressa o universo como um todo. Na teoria clássica do tudo-em tudo.

O filósofo francês, Bergson, resgatou a metafísica e fez da intuição, um método filosófico. Já o jesuíta, antropólogo e paleontólogo francês, Teilhard de Chardin, explicou a evolução, desde a matéria até a consciência humana.

O psicólogo humanista moderno, Carl Rogers, teve a idéia de que a fonte central de energia no organismo humano, que o impulsiona para a auto-realização e o psicanalista e psiquiatra, Carl Jung, oferece as mais valiosas teorias aos holistas. Uma delas é de que o *self* (si mesmo), é um reflexo particularizado do *self* universal.

Outros filósofos e psicólogos sucederam-se, contribuindo para a compreensão da visão holística.

Resgatada neste final de século, por pensadores holísticos, a educação holística não pretende ser a chave das respostas para os problemas da humanidade. Ela é uma abertura para o novo, um meio para

as possibilidades de realização do ser humano e pista para o professor que pretende pensar criticamente e trabalhar holisticamente a educação.

A postura holística é adotada quando se vê a totalidade indivisível da pessoa humana. O desenvolvimento harmonioso do corpo, intelecto, sentimento e espírito, constituem as dimensões que caracterizam o ser humano como um todo e este, também participa de outros planos de totalidade, que é o comunitário, o social, o planetário e o cósmico. Assim como o filósofo Platão dizia: "Todas as idéias constituem uma rede".

CAPRA (1993,p.87), afirma que o que resultou da física quântica, é que: "O universo é visto como uma teia dinâmica de eventos inter-relacionados. Nenhuma das propriedades de qualquer parte dessa teia é fundamental; todas elas decorrem das propriedades das outras partes do todo, e a coerência total de suas inter-relações determina a estrutura da teia". Isto quer dizer, que na teoria quântica, os fenômenos atômicos são determinados por suas conexões com o universo como um todo.

Neste contexto, com a educação holística, o professor vai se preocupar como o aluno como um todo, procurando desenvolver nele todas as inteligências múltiplas (GARDNER,1994) e sua inteligência emocional (GOLEMAN,1995), cuidando de um detalhe muito importante que, sem a sensibilidade humana, a inteligência não faz sentido. Portanto, para ser um profissional do futuro, o futuro que já está aí, é imprescindível ser equilibrado consigo mesmo, com os outros e em consonância com o universo cósmico, do qual ele faz parte, possibilitando às gerações futuras, uma vida digna e equilibrada, pois o profissional do futuro, não será aquele que tem somente muitos títulos, diplomas e cursos, ou aquele que só se

dedica ao trabalho, mas aquele que souber transformar todo o seu conhecimento em uma prática coerente e equilibrada, conciliando sua vida pessoal e familiar com a profissional, cuidando da sua saúde mental e corporal e cultivando o seu espírito em busca da realização pessoal e da felicidade, fim último da educação holística, porque o profissional que é feliz, trabalha melhor e produz mais, como diz ORTEGA Y GASSET: “Eu sou eu, mais as circunstâncias”.

Para que a educação holística se efetive, é necessário que se tenha a verdadeira compreensão de quem somos, onde estamos e para onde vamos, conduzindo os alunos à descoberta de sua própria sabedoria e do pequeno Universo que já habita em cada um de nós.

Os conceitos de não separatividade, de correlação, de teia, de interconexão cósmica, do holograma e do holomovimento, demonstram que o ser humano faz parte da dinâmica do universo.

Ser humano e universo, encontram-se em indissolúvel diálogo e cumplicidade profunda. Chega, enfim, o momento de transcendermos os conceitos materialistas da educação e assumirmos o grande desafio, o de incluir no processo educacional, a dimensão do coração. A física quântica soterrou a milenar dicotomia espírito/matéria.

Nesta proposta educacional, o currículo reconhece o valor do desenvolvimento das outras inteligências múltiplas (GARDNER, 1994), além da linguística e da lógica matemática, oferecendo uma visão holística do conhecimento humano e do universo natural que o ser humano habita, proporcionando a visão do todo .

A contribuição de WEIL(1991), In: BRANDÃO & CREMA(1991), no livro “O novo paradigma holístico”, tem esclarecido bem em que consiste este paradigma holístico. Inicialmente, *paradigma*, em grego, significa exemplo, modelo ou padrão. Foi KUHN (1970), quem fez uso sistemático do termo “paradigma”, em ciência. Uma revolução científica é, antes de tudo, uma revolução de paradigma. A transição de um paradigma para outro se caracteriza por uma crise. Crise, para os orientais, representa dois significados: possibilidade e mudança. Assim sendo, a crise é uma pré-condição necessária para o aparecimento de novas teorias .

KUNH (1994,p.225), In: MORAES (1997,p.31), continua esclarecendo de que: ”paradigma significa a constelação de crenças, valores e técnicas partilhadas pelos membros de uma comunidade científica”.

Segundo MORIN, In: MORAES (1997,p.31), ”...um paradigma significa um tipo de relação muito forte, que pode ser de conjunção ou disjunção, que possui uma natureza lógica entre um conjunto de conceitos-mestres”. MORAES(1997), acredita que a interpretação de MORIN sobre o conceito de paradigma, vai além da teoria de KUNH, oferecendo uma idéia mais completa da evolução do conhecimento científico, que se modifica e que se transforma mediante rupturas que ocorrem de uma teoria à outra.

Mas KUHN, In: BRANDÃO (1991,p.16), afirma que: “ a novidade geralmente aparece só para o ser humano que, conhecendo com precisão o que deveria esperar, está em condição de reconhecer que algo está errado. A anomalia aparece como o pano de fundo fornecido pelo paradigma”.

Para BRANDÃO (1991,p.16), o paradigma newtoniano-cartesiano reinante, está provocando uma crise no mundo. De um lado, temos a falta do alimento e conforto, que traz fome e miséria física ao Terceiro Mundo, do outro, temos a miséria psicológica que acompanha o excesso de alimento e conforto nos países desenvolvidos, onde crescem a solidão, a indiferença, a violência sob todas as formas, onde se conclui que o conforto não traz a felicidade.

Esta crise de separatividade, traz conseqüências danosas para a harmonia, tanto interna quanto externa do ser humano: o apêgo e a possessividade, que trazem consigo e o medo de perder o que se julga possuir.

E continua BRANDÃO (1991,p.18), de que na educação, a fragmentação do ensino aumenta, fazendo das universidades atuais, torres de Babel. O intelecto é confiado às escolas e o caráter, sentimentos e valores, ainda estão nas mãos da família. O conhecimento se torna uma mercadoria a ser adquirida e armazenada na memória. O hemisfério cerebral esquerdo passa a predominar sobre as áreas intuitiva e criativa do hemisfério direito. E o produto final dessa fragmentação, é um tecnocrata ou burocrata frio, insensível e egoísta.

O termo "holismo", segundo CARDOSO (1995,p.40), apareceu pela primeira vez em 1926, no livro editado em Londres e escrito por um general sul-africano, o filósofo Ian Christian Smuts, sob o título: *Holism and Evolution*, que lida com conceitos primários de matéria, vida, mente e personalidade.

BRANDÃO (1991,p.20-21), confirma que: "... até hoje, matéria, vida e mente se encontram completamente separados...essa fragmentação atinge também a nossa própria estrutura individual onde corpo, emoções e mente se encontram em freqüentes conflitos...Toda a obra de Smuts tende a restabelecer a unidade fundamental subjacente à matéria, à vida e à mente".

SMUTZ(1926), In: BRANDÃO (1991,p.21), faz uma revisão dos conceitos destes três domínios, em que, "a matéria é uma estrutura de unidades de energia que envolve com velocidades imensas no espaço-tempo, e os vários elementos emergem do número e da combinação das unidades num átomo" .

Da mesma forma que o átomo tem uma força interna responsável pelo agrupamento estruturante, também se identifica uma força estruturante e reparadora na célula e nos organismos. É este agrupamento de conjuntos, que leva SMUTZ (1926), In: BRANDÃO (1991,p.22), a definir o que é *holismo*: "Holismo (de holos=tudo), é o termo para este fator operativo fundamental, referente à criação de conjuntos no universo". E a contribuição mais importante da obra de SMUTZ (1926), In: BRANDÃO (1991,p.24-25), é quando ele sugere substituir o conceito de " vida" pelo de "tudo", como ele mesmo expressa: "O conceito de vida é vago demais para ser objeto de definição e de redução a um conteúdo determinado; ao mesmo tempo, e talvez, justamente por esta razão, ele é suscetível de ser hipostasiado em uma substância ou força separada do organismo que a assinala".

A mente, para SMUTZ (1926), In: BRANDÃO (1991,p.26), "é um órgão do todo. É tão velha quanto a própria vida, mas seu pleno desenvolvimento teve que esperar o da própria vida... Assim, através do seu poder de experiência e conhecimento, a mente passa a dominar suas próprias condições de vida, a assegurar a liberdade e a controlar o sistema de regulação do qual ela nasceu".

O ponto fulcral da evolução, para SMUTZ (1926), In: BRANDÃO (1991, p.27) é a personalidade. Ela é construída sobre as estruturas da matéria, da vida e da mente neste movimento holístico do universo...Acima das hereditariedades orgânica e psíquica, que proporciona o potencial de aprendizagem, o holismo que influencia esta hereditariedade, se manifesta sob forma de individualidade, isto é, a qualidade de cada pessoa é única e individual. Para SMUTZ, In: BRANDÃO (1991,p.27):

A personalidade é uma ginasta espiritual cujo objetivo é a liberdade e a harmonia da vida interior pelo refinamento e sublimação...Se este objetivo é assegurado pela personalidade, todo o resto será uma dádiva a mais: paz, alegria, graça, bondade e todas as dádivas da vida...O sofrimento, a dor e a tristeza, servirão para acelerar o progresso holístico da personalidade, serão assimilados e transformados na alquimia espiritual da personalidade e alimentarão a chama da alma pura e livre.

No sentido teleológico da existência humana, SMUTZ (1926) In: BRANDÃO (1991,p.28), cita Goethe: " O motivo da vida é a própria vida " e, afirma que: "o Todo não conhece outra finalidade além ou fora dele mesmo. O objeto do movimento holístico é simplesmente o Todo". Com esta afirmação, SMUTZ (1926), In: BRANDÃO (1991,p.30), resume toda a sua obra: "O emergir e o auto-aperfeiçoamento de totalidade na Totalidade é o processo lento mas sem falhas e a finalidade deste universo holístico".

3.3.1 O Professor na Visão Holística

Com tantos progressos científicos e tecnológicos, o professor pode encontrar-se fragmentado em sua base, dissolvido em seu interior. É preciso que a sua “essência” de ser humano seja resgatada, bem como a sua consciência e tudo aquilo que está diretamente relacionado à ela, que representa o pensamento inteligente, isto é, o conhecimento em direção ao seu holismo.

BEHRENS (1996, p.72) enfatiza este ponto, de que o professor precisa: “...procurar avançar com visão holística, desencadeando ações que visem a globalização; procurar afastar-se da visão parcelarizada no ato educativo, superando a fragmentação”.

Para CREMA (1998), os educadores não devem atuar como agentes propagadores de uma mentalidade fragmentária do mundo, mas tem de agir para despertar a espiritualidade nos seres humanos .

Segundo este psicólogo e antropólogo, no século XVII, a ciência , em nome da racionalidade se desligou dos aspectos subjetivos da vida humana, tal como a espiritualidade. As conseqüências dessa ruptura ainda são sentidas hoje e têm reflexos diretos na educação, pois o ser humano passou a ser visto somente como matéria, um corpo biológico. Dessa visão surgiu a idéia de que as pessoas devem aproveitar a vida ao máximo, afinal, o corpo um dia morre. Mas se as pessoas não chegam à sabedoria, é porque o próprio modo de pensar têm amarras, que devem ser quebradas. E para que isto aconteça, temos que renovar a nossa forma de

trabalhar com o nosso aluno, para que ele perceba o mundo em sua plenitude e se integre com o universo que o cerca.

No documento da GATE (Global Alliance for Transforming Education) EDUCACION 2000: una Perspectiva Holística (1991,p. 4), o novo papel para os educadores na visão holística , é o de que:

...Sostenemos que la enseñanza es esencialmente una vocación que requiere una mezcla de sensibilidad artística y de una práctica científicamente basada. Muchos de los educadores de hoy se han dejado atrapar por la competición del profesionalismo: credenciales e certificación controladas en forma rígida, jerga y técnicas especiales y una separación a nivel profesional de los temas espirituales, morales y emocionales que están inevitablemente conectadas al desarrollo humano.

Dentro desta perspectiva holística, o professor deve facilitar a aprendizagem do aluno, que é um processo orgânico e natural, necessita da autonomia para estabelecer ambientes educativos apropriados para as necessidades de seus alunos, em particular, para que estes ambientes possam chegar a ser um lugar de verdadeiro encontro humano entre professor e aluno.

Segundo CARDOSO (1995,p.64):

...o centro energético que impulsiona o processo de aprendizagem está no encontro entre educador e educando... o encontro entre eles é um fluxo contínuo de energias complementares... a relação educador-educando não pode ser apenas no plano intelectual, mas também no plano da sensibilidade, sentimento e emoções. O equilíbrio entre o intelectual e o afetivo é fundamental na prática de um ensino.

Para ser um professor com visão holística, é preciso que cultive o próprio conhecimento interior e a sua criatividade. Quando o professor se abre ao seu próprio ser interior, está aberto também a um processo de

aprendizagem e de criação com o seu aluno. Tendo o aluno como o centro das atenções, respeitando as suas necessidades, diferenças e atitudes, o professor deve considerar que cada aluno é um indivíduo no contexto da família, da escola, da sociedade, da comunidade global e do cosmos .

CREMA, In: CARDOSO (1995,p.65-68), analisa o educador holocentrado, isto é, o educador que atua a partir da totalidade e do encontro com o educando e que procura desenvolver as seguintes características:

Inclusividade: ser inclusivo é estar aberto a tudo que há fora e dentro de nós: um sorriso, uma lágrima, um olhar ou um simples gesto;

Inocência: o adulto-criança é aquele que consegue reconquistar o paraíso perdido da inocência;

Espaço interior: facilitar o autodesenvolvimento do educando, para que ele possa mover-se e expressar a canção do seu eu;

Flexibilidade: é possível fluir naturalmente, porém com rota no processo ensino-aprendizagem;

Plena atenção: estar sempre atento ao momento presente da aprendizagem do educando;

Humor: é fundamental manter um ambiente de alegria e de ludicidade na classe. O sorriso, entretanto, é a expressão simples de felicidade por estar vivo;

Vocação: a atividade docente não se reduz a uma simples ocupação,mas redescobri-la como papel existencial;

Paciência: respeitar o ritmo da própria vida e o ritmo de aprendizagem de cada educando;

Humildade: ser autêntico, ser o educador que realmente é.

O professor holístico vai desenvolver a espiritualidade no educando e fazê-lo perceber que ele faz parte de um todo. Esta percepção se dá com o intelecto e com o coração. Todos fazemos parte do Ser cósmico, que está além da própria história humana. Assim, o professor está respeitando a diversidade cultural dos alunos, sem impor-lhes uma verdade única sobre o sentido da existência humana.

3.3.2 O Aluno na Visão Holística

Segundo CARDOSO (1995,p.65):

cada aluno é um hólon: uma totalidade única, com capacidades e necessidades específicas para os quais o professor deve estar sempre atento.A educação proporciona ao educando um encontro consigo mesmo,no sentido de realizar-se humanamente desenvolvendo suas potencialidades pessoais... Daí porque uma educação holística promove o encontro com o outro.

Na visão holística, cada aluno é reconhecido como ser único e valioso. Isto significa aceitar as diferenças individuais e estimular em cada aluno o respeito e a apreciação pela diversidade humana. Cada aluno é criativo em forma inerente, tem necessidades e talentos únicos de tipo físico, emocional, intelectual, emocional e possui uma capacidade ilimitada para aprender.

As pesquisas e as experiências mostram que qualquer grupo determinado de alunos necessita aprender de forma distinta, por meio de atividades e de estratégias diferentes. Para GARDNER (1994), In: MORAES (1997,p.104):

Cada indivíduo é uma forma de expressão de um conjunto de inteligências que cooperam harmoniosamente entre si no desenvolvimento de tarefas simples e complexas...Cada pessoa se expressa e se relaciona com o mundo de uma determinada forma, de uma maneira única, em razão do perfil de inteligência que possui...Se existem diferentes mentes, é fácil compreender a existência de diferentes formas de aprender...A educação precisa desenvolver a compreensão de que não apenas as habilidades básicas relacionadas com a leitura, a escrita e o cálculo precisam ser desenvolvidas,mas também os vários outros potenciais intelectuais de nossas crianças, para que talentos não sejam desperdiçados, pois a multiplicidade e diversidade das capacidades humanas é que constituem a grande riqueza para a humanidade...na busca de soluções criativas, capazes de colaborar para a solução de problemas enfrentados,para que possamos criar um futuro diferente, bem melhor do que o presente.

Na ótica holística, respeita-se a inteligência emocional (GOLEMAN,1995), e as inteligências múltiplas (GARDNER,1994),

aproveitando os pontos fortes dos alunos, como por exemplo, o cinestésico, o musical, o visual-espacial, o interpessoal, o transpessoal, a naturalística, para complementar os aspectos trabalhados nas escolas com mais frequência, como o lingüístico e o lógico-matemático. Isto porque a inteligência emocional e as inteligências múltiplas desenvolvidas, darão mais capacidade aos alunos de enfrentar situações diversas e imprevisíveis da vida diária, evitando o estresse, fazendo uma pausa nas atividades frenéticas e nas pressões e estímulos, ocasionados pelas novidades da vida contemporânea. Na educação holística, a parte mais importante de uma pessoa em sua vida interior subjetiva é a individualidade de sua alma.

Este tipo de educação holística deve conectar o educando com o funcionamento integral da sociedade, por meio do verdadeiro contato com a vida social e econômica da comunidade. Deve familiarizar o educando com seu próprio mundo interior por meio da arte, de diálogo sincero e de momentos de reflexão silenciosa, pois sem este conhecimento do ser interior, todo conhecimento externo é superficial e sem sentido. Portanto, se todos estamos conectados a todos e a todos os demais, então cada ser humano pode fazer a diferença.

3.3.3 A Metodologia na Visão Holística

Segundo o documento da GATE (Global Alliance for Transforming Education) EDUCACION 2000: Una Perspectica Holística (1991, p.9-10-59), a educação holística não possui um currículo ou uma metodologia

determinados, mas um conjunto de proposições que “favorece a espiritualidade do indivíduo, a justiça social, a paz e o desenvolvimento sustentado”.

A educação é uma relação humana, dinâmica e aberta, que cultiva uma consciência crítica de muitos contextos na vida dos educandos como: moral cultural, ecológico, econômico, tecnológico e político.

Todas as pessoas possuem potenciais múltiplos que somente agora estamos compreendendo. A inteligência humana se expressa por meio de diversos estilos e capacidades, e que devemos respeitar. Portanto, o pensamento holístico inclui modos de conhecer intuitivos, criativos, físicos e no contexto.

A aprendizagem é um processo ativo que dura toda a vida e todas as situações da vida podem facilitar o aprender. É tanto um processo interno de auto-descoberta, com motivação própria, assim como uma atividade cooperativa, que presta apoio e estímulo ao espírito humano. E o currículo holístico é interdisciplinar e integra as perspectivas globais da comunidade.

Para CARDOSO (1995,p.62 e 63), o que se observa neste paradigma holístico que não é importante a adoção de uma determinada metodologia, mas a sensibilidade do professor em cada momento que ocorre o fenômeno do aprender e a interação de dois caminhos metodológicos: o teórico e o vivencial. O teórico, que supera o currículo escolar fragmentado em disciplinas separadas, na busca da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, onde os professores atuam num trabalho comum de diálogo, não apenas para o aluno atingir uma

visão científica mais abrangente das disciplinas, mas da vida em si. Quanto ao vivencial, JUNG, In: CARDOSO (1995,p.63), pesquisou as quatro funções psíquicas: pensamento e sentimento, sensação e intuição, que podem ser utilizadas na aprendizagem do aluno, para o seu desenvolvimento integral, por meio das estratégias vivenciais de exercícios de concentração, relaxamento e meditação; exercícios rítmicos com instrumentos musicais, canto e percussão; exercícios artesanais de tecelagem, desenho, pintura, escultura e arranjos de flores e de exercícios que integram corpo e mente, como dança, expressão corporal, dramatização, Tai Chi, yoga, capoeira, caminhadas ecológicas e práticas lúdicas, como as brincadeiras infantis.

No paradigma holístico, pretende-se que o aluno desenvolva a capacidade de transformação pessoal, com conhecimentos incorporados não só pelo intelecto, mas pela sensibilidade e pela intuição, na busca da sabedoria, que transforma os conhecimentos em experiência, a teoria em vivência, o saber em ser e a ciência em ética.

O ensino, na visão holística, ser feliz é a finalidade última do saber. Os conteúdos buscam um equilíbrio do desenvolvimento harmonioso do aluno em todas as suas dimensões: corpo, intelecto, sentimento e espírito.

Na dimensão do corpo, além dos tradicionais exercícios físicos, os exercícios de concentração e relaxamento, a respiração e a alimentação adequadas, exercícios de artes manuais, enfim, todos os exercícios integradores corpo-mente podem ser utilizados no processo de aprendizagem.

Na dimensão do intelecto, se o aluno compreender a estrutura fundamentada de cada matéria de estudo, vai aprender a pensar e a aprender a aprender, buscando o equilíbrio entre o generalismo e a especialização, estimulando o pensamento global da realidade para adquirir a habilidade especializada no futuro.

Quanto ao sentimento, o objetivo essencial da abordagem holística é o desenvolvimento da capacidade de amar no aluno, trabalhando sua auto-estima, estimulando-o a conhecer seus sentimentos, para saber expressá-los construtivamente em suas relações na escola, na família e na comunidade.

A educação espiritual ou a prática da espiritualidade por meio da meditação, não é a de se desligar da vida, mas celebrá-la em comunhão com todos os seres do universo, despertando no aluno o mistério da vida, presente na natureza, nas pessoas e nos acontecimentos do cotidiano. A ausência da dimensão espiritual, segundo a GATE (Global Alliance for Transforming Education, 1991), "...é um fator crucial na conduta autodestrutiva. O abuso das drogas e do álcool, a sexualidade vazia, o crime e a desintegração da família, tudo isto provém de uma busca errada de conexão, mistério e significado e um escape do sofrimento por não ter uma fonte autêntica de realização".

Educar holisticamente, portanto, é estimular no aluno o desenvolvimento harmonioso das quatro dimensões: física, intelectual, emocional e espiritual. O ato de aprender é um processo de auto conhecimento em busca da realização plena do ser humano, no sentido ético último, que é a felicidade.

3.4 A ALIANÇA TRÍPLICE ENTRE OS PARADIGMAS INOVADORES RUMO AO PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE

O professor, o aluno e a metodologia construídos com o referencial teórico em cada um dos paradigmas inovadores propostos por BEHRENS (1998), como: **abordagem progressista**, no **ensino com pesquisa** e na **visão holística da educação**, juntamente, fazem parte das propostas do paradigma educacional emergente, que podem contribuir para a aprendizagem compatível com as exigências do próximo milênio e, aqui, especificamente, para a produção do conhecimento da Filosofia no ensino superior. O que se percebe, é que esses três paradigmas apresentam abordagens possíveis e que podem ser aplicadas na graduação, visualizando um aluno que seja participante da construção do seu próprio conhecimento.

Segundo MORAES (1997,p.199-201), se uma das metas da educação é levar o aluno a produzir conhecimentos, o processo atual deve levá-lo a desenvolver uma atitude construtiva para a produção do conhecimento.

Com as transformações que estão ocorrendo no mundo e no meio a tantas incertezas, a educação aqui e agora, precisa prever que os alunos e os professores necessitam aprender a aprender e aprender a pensar (DEMO,1994), utilizando-se de metodologias adequadas de **ensino com pesquisa**, dominando as diferentes formas de acesso à informação e desenvolvendo a capacidade crítica e a habilidade para produzir mais

conhecimento, que possibilitarão a autonomia e o posicionamento como sujeitos diante da vida (MORAES, 1997, p.144-145).

O que se observa nestes paradigmas inovadores é que o papel do professor não o anula, mas o dignifica, tornando-o importante na relação professor-aluno, porque um aprende com o outro, num diálogo permanente, porque segundo MORAES (1997, p.161), daqui para frente, só será possível pensar o sujeito dentro de um coletivo, de que a nova educação deve estar centrada no “sujeito coletivo”. Assim, como afirma LÉVY (1994, p.170), que “a consciência é individual e o pensamento, coletivo”. Na **abordagem progressista**, a interação entre o professor e aluno é a prática de uma educação voltada para o coletivo e, FREIRE (1987), também tem uma contribuição competente sobre a visão do coletivo, de que ninguém evolui sozinho, separado dos outros, mas tudo está relacionado, num constante diálogo do sujeito com o mundo, ao interagir com as pessoas, colocando o mundo em movimento, transformando-o.

A **visão holística da educação**, com as teorias quântica e da relatividade e com o paradigma emergente, considera o indivíduo como um *hólon*, num todo constituído de *corpo, mente, sentimento e espírito* e que favorece o desenvolvimento da intuição e da criatividade, condições que possibilitam momentos de relaxamento e de iluminação inesperada em sala de aula. É um dos problemas de nossa educação atual, segundo MORAES (1997, p.165-167):

é que ela valoriza muito os processos racionais e pouco os procedimentos intuitivos, artísticos e criativos...Os criativos e inovadores são aqueles que dão saltos, que perturbam a tranquilidade e a sonolência dos que vivem no chamado

status quo. São os insurgentes que mergulham no caos, para criar algo novo, uma nova consciência que conduz a um mundo novo. São eles que alargam as fronteiras da consciência humana, que incomodam, ao divergir do conforto da realidade que oprime, ao divergir da mesmice, ao pretender inovar.

A aliança entre esses paradigmas emergentes e inovadores propostos, respondeu aos anseios da pesquisadora e dos alunos envolvidos na pesquisa, tornando possível uma prática pedagógica muito significativa, que foi desenvolvida com momentos intercalados de reflexão e dinamismo.

SINGER (1993,p.349-350), contribui com uma reflexão filosófica, em relação a tudo que foi trabalhado nesta pesquisa e, principalmente, sobre o sentido da vida para o ser humano:

Muitos poucos, dentre nós seriam capazes de encontrar a felicidade ao decidir, deliberadamente, desfrutar da vida sem se preocupar com alguém ou alguma coisa, os prazeres que então obteríamos pareceriam vazios, e logo nos fartaríamos deles. Procuramos um sentido para as nossas vidas que vá além dos nossos prazeres, e encontraremos alegria e satisfação em fazer as coisas que consideramos dotadas de sentido. Se nossa vida não tiver nenhum sentido, além, da nossa própria felicidade, é provável que, ao conseguirmos aquilo que julgamos necessário à nossa felicidade, constatemos que a felicidade em si continua a esquivar-se de nós...Quando todos os nossos interesses já tiverem sido realizados, vamos nos sentar e ser felizes para sempre? Conseguiríamos ser felizes desse modo? Ou decidiríamos que o nosso objetivo ainda estava por consumir-se, que ainda precisaríamos fazer algumas coisas antes de sentar e desfrutar de nossa conquistas?

CAPÍTULO 4

O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A escolha da Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória, como campo para o desenvolvimento da pesquisa, se deve ao fato de ser o local de trabalho da pesquisadora, como docente, que recebeu todo o apoio e incentivo da direção e vice-direção desta instituição.

Foram envolvidos na pesquisa, para se trabalhar a produção do conhecimento na disciplina de Filosofia, 42 alunos do primeiro ano do Curso de Pedagogia e 38 alunos do primeiro ano do Curso de Matemática, num total de 80 participantes, matriculados na disciplina de Filosofia, disciplina essa ofertada nos primeiros anos da graduação e ministrada pela pesquisadora, o que facilitou a viabilidade do processo de realização da pesquisa.

Inicialmente, esses alunos foram convidados para participar da pesquisa-ação junto à professora, no papel de pesquisadora, fazendo parte do processo.

Optou-se pela *pesquisa qualitativa*, porque é um tipo de pesquisa que ajudou a pesquisadora a ter uma visão mais clara do que estava realizando, a fim de obter uma interpretação do ambiente acadêmico, conhecendo os problemas existentes com os alunos, propondo soluções e

oportunidades para mudar e melhorar o desempenho dos estudantes por meio da aplicação dos paradigmas pedagógicos inovadores.

A pesquisa qualitativa, segundo ANDRÉ & LUDKE (1986,p.11-13), possui as características fundamentais, que são:

A pesquisa qualitativa tem o seu ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento(...)Os dados coletados são predominantemente descritivos(...)A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto(...)O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador(...)A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Para melhorar o desempenho da pesquisa qualitativa, buscou-se o auxílio da pesquisa-ação, para que numa ação conjunta pudessem trazer contribuições durante o desenvolvimento da pesquisa e após a sua realização. Como afirma THIOLENT(1996,p.14), de que “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo”.

DEMO(1989,p.231), cita THIOLENT(1986), em que: “Ainda, na intenção original da pesquisa-ação não está a colocação genérica e dispersa de qualquer ação social, mas ação conscientemente política, no sentido de aliar conhecimento e mudança”.

Tendo em vista que não haviam convivido com a pesquisadora no início do processo, os alunos pareceram surpresos, demonstrando que nunca haviam participado de nenhuma pesquisa-ação em sala de aula. Percebeu-se, então, a necessidade de esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa e a importância de que todos se fizessem presentes em todas

as aulas, bem como, em todas as etapas em que a mesma iria se desenvolver e da possibilidade de ajustes e adaptações no seu decorrer.

A pesquisa, portanto, desenvolveu-se em 4 etapas, nos dois primeiros bimestres do ano letivo de 1998. Na **1ª etapa**, a pesquisadora apresentou a contextualização da disciplina de Filosofia, que foi baseada no livro: “O Mundo de Sofia”, um romance da história da Filosofia, de Jostein Gaarder, onde está implícita, segundo DEMO (1997), a pedagogia do “saber pensar”. Em seguida, apresentou também aos alunos uma nova proposta metodológica que iria fundamentar a pesquisa. Esta proposta era subsidiada pelos paradigmas emergentes: abordagem progressista, ensino com pesquisa e visão holística da educação, em busca da produção do conhecimento em Filosofia.

Como a maioria dos alunos trouxe o estigma de que as aulas dadas em Filosofia são “maçantes”, houve reação negativa pelos mesmos, o que quis dizer que a nova proposta não foi aceita de imediato. Naturalmente, toda situação nova gera “ansiedades” e “expectativas” e, para esses alunos não foi diferente. Alguns acadêmicos do 1º ano de Pedagogia, no início, fizeram resistência para adotar a metodologia do ensino com pesquisa, mesmo depois que assistiram a uma palestra sobre a visão holística, também, voltaram-se contra esta proposta. Mas, aos poucos, foram se juntando aos outros que já a haviam aderido, por curiosidade, talvez. Um número pequeno de alunos, mas expressivo, do 1º ano de Matemática, mostrou-se interessado na proposta. Particularmente, esses alunos eram mais voltados para a “ludicidade”, uma das características fortes em favor da visão holística.

Na mesma oportunidade, para esta pesquisadora verificar em que grau de reflexão, os estudantes se encontravam, solicitou-se que, individualmente, escrevessem sobre “A Alegoria da Caverna”, de Platão. Após, esse exercício acadêmico, intelectual e filosófico, foi feita uma análise em que verificou-se, que a grande maioria encontrava muita dificuldade para pensar e escrever sobre o texto. Uns revelaram à pesquisadora, em conversa informal, que nunca tinham sido exigidos para refletir durante as aulas de Filosofia e outros, que nunca tinham se aproximado da disciplina de Filosofia.

À medida que os acadêmicos dos dois cursos se aproximavam e percebiam as transformações positivas que esta proposta metodológica proporcionava neles, na execução dos trabalhos propostos, mais surpreendentemente iam aderindo-a.

Na **2ª etapa**, como na proposta metodológica da abordagem progressista de FREIRE (1992), consta da leitura séria que faz parte da aula dialógica, a pesquisadora propôs aos alunos do 1º ano de Pedagogia e de Matemática, a leitura crítica e reflexiva dos quatro primeiros textos do livro: “O Mundo de Sofia”. Os textos foram estudados um de cada vez, durante as aulas de Filosofia. A pesquisadora leu com os alunos sem lhes dizer que estava ensinando-os a ler. Quando não entendiam o significado de uma palavra ou de um termo filosófico, recorreu-se aos dicionários de língua portuguesa e de Filosofia. Orientou-se que não passassem para a leitura da página seguinte, sem entender o que estava escrito naquela página. No começo das leituras, os alunos sentiram-se sonolentos e entediados, mas perceberam que se não participassem ativamente das

leituras, não entenderiam o conteúdo do texto e seriam prejudicados na sua aprendizagem. Este tipo de leitura mostrou a pesquisadora aprendendo junto aos alunos, transformando a sala de aula numa oficina de reflexão, constatando-se que o professor precisa estar permanentemente disponível para aprender.

Os temas abordados foram divididos em quatro textos, que ficaram à disposição na central de fotocópias da faculdade, para que os alunos tivessem acesso, caso não pudessem adquirir o livro "O Mundo de Sofia".

Os textos foram assim distribuídos:

Texto 1 - **O Jardim do Éden** e sub-temas: 1.1. A cartola; 1.2. O que é Filosofia?; 1.3. Uma estranha criatura.

Texto 2 - **Os Mitos** e sub-temas: 2.1. A visão mitológica do mundo; 2.2. Os filósofos da natureza; 2.3. O projeto dos filósofos; 2.4. Os filósofos da natureza; 2.5. Três filósofos de Mileto; 2.6. Nada pode surgir do nada; 2.7. Tudo flui; 2.8. Quatro elementos básicos; 2.9. Um pouco de tudo em tudo.

Texto 3 - **Demócrito** e sub-temas: 3.1. A teoria atômica; 3.2. O destino; 3.3. O destino; 3.4. O oráculo de Delfos; 3.5. A ciência da História e a Medicina.

Texto 4 - **Sócrates** e sub-temas: 4.1. A filosofia em Atenas; 4.2. O homem no centro; 4.3. Quem foi Sócrates; 4.4. A arte do diálogo; 4.5. Uma voz divina; 4.6. Um curinga em Atenas; 4.7. O conhecimento do que é certo leva ao agir correto; 4.8. Atenas.

A pesquisadora trabalhou com as leituras críticas concomitantemente com a exposição oral do conteúdo programático

proposto, analisando e refletindo com os alunos sobre os temas, trazendo-os para a aplicabilidade e realidade da vida cotidiana.

Durante as leituras, os alunos fizeram as suas anotações e comentários. Com as perguntas filosóficas que foram extraídas dos primeiros textos do livro trabalhado, os alunos, mais especificamente os de Pedagogia, anotaram e depois entregaram as respostas, por escrito, para a pesquisadora. As perguntas que mais freqüentemente esses alunos responderam, foram: 1. Quem é você?; 2. Se tivesse outro nome, será que só por isso seria também uma outra pessoa?; 3. Será que era mesmo o nascimento que determinava a aparência de uma pessoa?; 4. O que era uma pessoa?; 5. Será que havia uma vida após a morte?; 6. De onde vem o mundo?; 7. De onde vinha o universo?; 8. Alguma coisa poderia ser eterna?; 9. Esta idéia não era tão absurda quanto a noção de que o mundo sempre existiu? ; 10. E o próprio Deus? Teria ele próprio se criado a partir do nada absoluto?; 11. Existe alguma coisa que interesse a todos?; 12. Qual é a coisa mais importante da vida?; 13. Como devemos viver?

Após a elaboração das respostas refletidas pelos alunos de Pedagogia, este exercício filosófico culminou num exercício acadêmico de aproximação, de diálogo e de encontro num grande grupo, onde cada um ouvia e cada um falava, expressando as suas opiniões e argumentando seu ponto de vista. Antes deste exercício, a pesquisadora preparou um ambiente de descontração e de desinibição, deixando para que cada aluno tivesse a oportunidade de se manifestar, sem sentir-se humilhado, oprimido ou ironizado em relação aos outros. Isto criou um clima de respeito e de cumplicidade entre todos os participantes. Os alunos gostam de

professores bem educados, bem humorados, inteligentes e modernos, que se comunicam com eles com delicadeza. Assim, se sentiram estimulados para atender as solicitações desta pesquisadora.

Segundo BUZZI (1997,p.7): "A arte de pensar que nos atira ao encontro e à participação, que nos lança no mundo, é diálogo, é colóquio. Pensar é dialogar, é colocar! Nada é melhor que a conversação disciplinada em sala de aula para aprimorar as habilidades do pensamento".

Quanto aos alunos de Matemática, que numa das primeiras aulas de leitura se manifestaram contra, pois não estavam aceitando a nova metodologia, dizendo que a mesma "se arrastava", a pesquisadora propôs uma verificação, em dupla de alunos, sobre a leitura do primeiro texto da obra "O Mundo de Sofia", em forma de perguntas pré-estabelecidas, algumas com respostas objetivas e outras descritivas, que exigiam a opinião pessoal de cada um da dupla. Este exercício, infelizmente não pôde ser compartilhado em grupo, tal como a turma de Pedagogia realizou.

Considerando que no 1º ano de cada curso, os alunos ainda não possuíam nenhuma orientação sobre a metodologia da pesquisa, a pesquisadora orientou sobre como produzir textos, construção lógica do trabalho e como fazer uma análise comparativa. Assim como foram reforçados alguns princípios da metodologia científica, obedecendo as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e orientações de como fazer resumos, resenhas e sínteses.

Em seguida, foi proposto aos alunos do curso de Pedagogia, para que fizessem um resumo, em trio, sobre “Os Mitos e os filósofos da natureza”, tema trabalhado anteriormente, em sala de aula.

Todos os trabalhos realizados no 1º bimestre pelos alunos, tanto individual quanto coletivamente, das duas turmas, seguiram os critérios da avaliação pretendida, dando a todos a oportunidade de se preparar para o trabalho de maior fôlego, a produção de texto proposta para o final do 2º bimestre.

Na **3ª etapa** da pesquisa, organizada em 4 fases, foi proposto aos alunos dos dois cursos, uma produção de texto individualmente, na forma de análise comparativa sobre dois filósofos.

A **1ª Fase**, foi para apresentar a minuta do termo de compromisso para a realização da pesquisa, seguida das orientações para a sua elaboração, como: a) descrição da análise comparativa; b) objetivos; c) extensão; d) formato; e) avaliação; f) estilo; g) prazo de entrega; h) bibliografia básica de Filosofia.

Propôs-se que, primeiramente, cada aluno lêsse todas as obras e os textos básicos indicados e disponíveis no centro de fotocópias da faculdade, ficando livres para consultar livros de Filosofia de outros autores, para complementar o trabalho. Depois, produzissem um texto individual, elaborando uma análise comparativa entre os dois filósofos, Platão e Aristóteles, focalizando as quatro categorias: 1. Vida e obras; 2. Pensamento filosófico; 3. Onde se encontram; 4. Onde se diferenciam.

Após as explicações e exemplos apresentados, foram indicadas as obras e os textos básicos para nortear a pesquisa: ARANHA, Maria Lúcia

de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993. (Sobre Platão, p.95-96 e sobre Aristóteles, p.97-99); COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia. Ser, Saber e Fazer**. São Paulo: Saraiva, 1996. (Sobre Platão, p.106-110 e sobre Aristóteles, p.110-114); GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (Sobre Platão, p.93-109 e sobre Aristóteles, p.120-137); HRYNIEWICZ, Severo. **Contribuições da Filosofia à História da Psicologia**. Rio de Janeiro: Santelena, 1996. (sobre Platão, p.57-70 e sobre Aristóteles, p.73-83); PEREIRA, José Otaviano. **Aristóteles: O equilíbrio do ser**. São Paulo: FTD, 1994; RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Platão: Ousar a utopia**. São Paulo: FTD, 1994.

Vale a pena lembrar que, após ter proposto o trabalho, tanto os alunos de Pedagogia, quanto os de Matemática, manifestaram-se contrários à pesquisa individual, porque estavam sobrecarregados com trabalhos de outras disciplinas até o final do bimestre e também, porque a maioria trabalhava durante o dia e não tinha tempo para ler e nem fazer este trabalho. Com a questão tempo levantada, ficou decidido que os alunos poderiam utilizar as aulas seguintes de Filosofia, para aquela finalidade. A reação dos alunos foi favorável, que ajudou a fortalecer o sentimento de responsabilidade para a realização da pesquisa.

Na **2ª fase**, a pesquisadora proporcionou para cada uma das turmas, o espaço para a realização da leitura dos textos básicos, em sala de aula, onde foram organizados grupos de estudo para a localização de cada categoria, fazendo rascunhos para sistematizar a futura produção de texto individual. A pesquisadora trabalhou em parceria com os alunos onde,

teve a oportunidade de rever os procedimentos e de acompanhar a largada inicial dos trabalhos.

Como não era suficiente a carga horária da disciplina, para a efetivação da pesquisa, propôs-se a sua continuidade em outros horários para a consolidação da produção de texto em tempo hábil, na data prevista.

A **3ª fase**, se caracterizou pela entrega dos textos produzidos pelos alunos individualmente. Dos 43 alunos que freqüentavam o 1º ano de Pedagogia, somente um aluno não entregou o trabalho, porque desistiu do curso e dos 38 alunos do 1º ano de Matemática, só 8 não entregaram a produção de texto. Depois da pesquisadora ter lido e avaliado todos os textos, os mesmos retornaram aos alunos, com as anotações das correções que deveriam ser feitas e que foram esquecidas de serem colocadas durante a realização do trabalho, principalmente na redação do texto digitado no computador, uma das exigências da pesquisadora, apresentou algumas deficiências, em se tratando do fato de que para muitos alunos era o primeiro texto seguido de normas científicas. As dificuldades mais apresentadas e que não foram muito observadas pelos alunos foram referentes a textos muito longos, fugindo do número limite de páginas, alguns trabalhos sem a capa com os dados essenciais para identificação do acadêmico, série, curso, disciplina, título do trabalho, data e professor. Na digitação, a maioria dos alunos, não justificou a margem, à direita, nem no espaço duplo; não colocou a bibliografia com as normas da ABNT e nem as obras em ordem alfabética. Outros não seguiram as categorias propostas e alguns fizeram meras cópias dos textos indicados,

não produção própria. O que se constatou, que um número expressivo de alunos, destacou-se pela competência e qualidade dos trabalhos elaborados, mostrando que esta prática da pesquisa precisa ser ainda muito estimulada no meio acadêmico.

Para incrementar a produção de texto realizada sobre Platão e Aristóteles, a pesquisadora apresentou uma fita de vídeo para os alunos assistirem sobre Civilizações Perdidas-Grécia, tempos de supremacia (DISCOVERY CHANNEL, 1998). Nessa oportunidade, os alunos puderam se transportar à época retratada, revivendo a vida dos dois filósofos, como se estivessem lá.

Tudo isto vem comprovar que os professores da academia, precisam se preocupar mais em instigar nos alunos o ensino com pesquisa desde os primeiros anos de cada curso, para que no processo de ensaio e erro, fiquem mais preparados e motivados para o trabalho científico, uma das exigências do ensino superior.

Na mesma ocasião em que os trabalhos retornaram aos alunos, com as observações feitas pela pesquisadora, propôs-se às duas turmas, a construção do texto coletivo sobre os dois filósofos pesquisados. Para esse evento, foi solicitado aos alunos que trouxessem para a aula seguinte, recortes do texto individual em categorias, sobre cada um dos filósofos .

Portanto, a **4ª fase** do trabalho efetivou-se apenas com os alunos de Pedagogia, porque trouxeram suas contribuições individuais, enquanto que os alunos de Matemática não trouxeram, deixando de vivenciar mais uma experiência acadêmica, que foi proposta para as duas turmas.

A atividade para a construção do texto coletivo, iniciou-se com cada aluno colando a tira de papel com a sua contribuição e o seu nome escrito, nas enormes folhas de papel pardo afixadas no quadro de giz, divididas em seis categorias, que ficaram assim distribuídas: 1.Vida e obras de Platão; 2.Vida e obras de Aristóteles; 3.Pensamento filosófico de Platão; 4.Pensamento filosófico de Aristóteles; 5.Onde se encontram; 6.Onde se diferenciam.

Depois que todos colaram suas contribuições, como estavam presentes 36 alunos, foram formados seis grupos com seis componentes. Em seguida, a pesquisadora distribuiu uma categoria para os grupos divididos e orientou os procedimentos deste trabalho. Dentro de cada grupo, um relator foi escolhido para ler todas as tiras de papel e assim, chegarem num consenso para a elaboração da síntese de todas as contribuições da categoria. Escolheu-se, o redator para escrever o texto do grupo. Todas as vezes que a presença da pesquisadora era solicitada, para as orientações, os alunos eram prontamente atendidos.

A seguir, a pesquisadora reuniu todos os textos construídos por todos os grupos e propôs para que um aluno digitasse no computador um único texto coletivo, produzido por eles mesmos.

No momento em que foi comunicado aos alunos de Pedagogia, que o texto coletivo deles, iria fazer parte da dissertação desta pesquisadora, todos ficaram com seu ego recompensado, sentindo-se valorizados e reconhecidos pelo esforço e empenho demonstrados em todas as etapas da pesquisa. Que esta oportunidade dada a eles, sirva de estímulo para que também desenvolvam pesquisas em suas profissões.

A avaliação do 2º bimestre, seguiu os critérios estabelecidos, que constavam na minuta do termo de compromisso para o desenvolvimento da pesquisa na disciplina de Filosofia, distribuída a cada aluno no início do ano letivo e, que se baseou no trabalho individual, no trabalho coletivo e no desempenho pessoal. Levou-se em consideração, também o “todo” dos alunos, baseado na visão holística, visando a avaliar a participação em todas das atividades desenvolvidas em sala de aula.

Na **4ª e última etapa**, que foi caracterizada pelo encerramento e a avaliação da pesquisa, foi solicitada a colaboração de todos os alunos envolvidos para que pudessem contribuir, respondendo a um questionário com respostas abertas e fechadas, expressando a experiência vivenciada em todo o processo.

E, finalmente, a última etapa, foi destinada à sistematização e à interpretação dos dados, manifestados pelos alunos no questionário, para o encerramento da pesquisa.

4.1 A CONTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS ENVOLVIDOS

O final do processo desta pesquisa culminou com a aplicação do questionário, para que a pesquisadora pudesse analisar a efetivação da abordagem progressista, do ensino com pesquisa numa visão holística, na busca da produção do conhecimento na disciplina de Filosofia, nos

primeiros anos dos cursos de Pedagogia e de Matemática, da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória.

Foram preparados 80 questionários. Dos 42 alunos de Pedagogia, compareceram 38 e, dos 38 alunos de Matemática, compareceram 21 para responder o questionário, num total de 59 alunos, que se manifestaram sobre o processo metodológico proposto.

Os questionários recebidos, foram numerados em ordem crescente e identificados com as letra P, para alunos do curso de Pedagogia, e letra M, para alunos do curso de Matemática. Em seguida, a pesquisadora organizou os depoimentos.

4.1.1 Conhecimento sobre a metodologia

Ao serem indagados sobre: **“Se já conheciam a metodologia de ensino proposta na disciplina de Filosofia”**, dos 38 sujeitos de Pedagogia, 14 responderam que *sim* e 24 que *não* conheciam. Dos 21 sujeitos de Matemática, 8 responderam que *sim* e 13 que *não* conheciam. Esse resultado comprovou que os professores dos ensinos fundamental e médio não tem se preocupado em desenvolver ensino com pesquisa, porque desconhecem que isto seja impossível, na área de Filosofia, por exemplo, ou porque os alunos não aprovariam a proposta.

4.1.2 Em relação à **metodologia do Ensino com Pesquisa comparada com as outras, como a tradicional**, os alunos foram solicitados a apontar os aspectos positivos e negativos.

Aspectos Positivos

Quanto à **metodologia adotada nas aulas de Filosofia**, com aulas dialógicas, com exposições orais mais dinâmicas e reflexivas levaram o aluno a pensar, ao senso crítico, a se interessar e a aprender mais, dando possibilidade para a efetivação da relação professor x aluno, foram significativos os depoimentos dos alunos de Matemática:

“Maior aprendizado em consequência do interesse dos alunos”.(sujeito 1M)

“A matéria fica mais interessante e nos leva a gostar mais das aulas. As aulas ficam menos maçantes e com isso o aluno consegue um nível de aprendizado maior”. (sujeito 3M)

“Mais contato com os alunos sem aquela tradicional aula que a professora chega na sala e enche de matéria para a prova”.(sujeito 5M)

“Uma melhor exposição da matéria dada. Mais facilidade em entender certos pontos”.(sujeito 6M)

“É positiva no sentido de que o aluno aprende mais, entende com mais facilidade”. (sujeito 7M)

“Modo agradável de adquirir conhecimentos, bom relacionamento professora-alunos e alunos-professora, visão mais clara sobre Filosofia e melhor entendimento de questões difíceis de serem analisadas”.(sujeito 12M)

“Nós, alunos participamos mais das aulas.não ficamos somente copiando matéria do quadro, vamos procurar entender de uma forma diferente a matéria, nos entregamos à filosofia procurando achar as respostas e não copiá-las como fazem os métodos tradicionais”.(sujeito 13M)

“Há vários aspectos positivos, pois as aulas foram muito bem aproveitadas, de maneira de fácil compreensão para os alunos, havendo interesse pelo menos em mim”.(sujeito 14M)

“Com este método as aulas se tornaram mais agradáveis, pois copiar matéria não é muito bom, só estaremos enchendo caderno e não aprendemos quase nada”. (sujeito 17M)

“A aula se torna mais participativa, há mais contato professor aluno, os conteúdos são assimilados com maior facilidade”.(sujeito 18M)

“Na versatilidade da aula, pode-se aprender mais se prestar atenção na aula”. (sujeito 20M)

Os depoimentos dos alunos de Pedagogia também foram muito significativos, porque apresentaram muitos **aspectos positivos em relação à metodologia Ensino com Pesquisa** e que mereceram ser destacados:

“As aulas foram bastante participativas, que nos fizeram pensar, questionar, debater, pesquisar e isso tudo fez a gente crescer. É um trabalho gostoso de fazer”.(sujeito 3P)

“É mais dinâmico acabamos nos interessando em saber sempre mais”. (sujeito 4P)

“Através dessa metodologia fomos estimulados a pensar criticamente sobre os assuntos filosóficos, mas não só como algo histórico e distante, mas como algo que faz parte da nossa realidade e de nosso cotidiano. Colaborou para que refletíssemos mais sobre nossa vida, nosso eu e nossa formação”.(sujeito 10 P)

“Entender um pouco do assunto. Elaborar e compreender melhor textos filosóficos”. (sujeito 11P)

“Maior participação dos alunos, mais descobertas, maior aproveitamento”.(sujeito 17P)

“Entender o assunto sem ter que ficar decorando, ser massacrado, ficar aulas e aulas copiando matéria, decorar e fazer prova. Acho muito válido esse método que estás usando”.(sujeito 18P)

“Prende mais a atenção do aluno, exige mais o que é muito válido para uma boa aprendizagem”.(Sujeito 28P)

“Os assuntos são bem interessantes e a maneira de estudar se torna mais fácil”.(sujeito 32P)

“O aluno se esforça mais, procura entender melhor a matéria que está estudando”.(sujeito 35P)

“Primeiramente estou achando extremamente diferente esta forma de aprender, pois é o aluno que constrói o seu conhecimento. Me sinto motivada. Pois será a minha pesquisa que irá constituir a minha aprendizagem. As aulas tornam-se mais interessantes e motivadoras, visto que é a partir de meus estudos, minhas opiniões é que será efetivada a minha aprendizagem”.(sujeito 38P)

Nesses depoimentos, refletiu que os alunos perceberam a sua responsabilidade no “aprender a aprender”(DEMO,1993) e na construção do próprio conhecimento e não com a matéria copiada e decorada para fazer prova. Os depoimentos dos alunos sobre **a importância da pesquisa como metodologia de aprendizagem** os levou a ler mais, estimulando o pensamento crítico. Puderam ser destacadas algumas contribuições dos alunos de Matemática:

“Leva os alunos a pesquisar, pensar, a ver e analisar as coisas de modo crítico e até aprimorar o hábito de ler e compreender”. (sujeito 8M)

“Faz com que o aluno busque os conhecimentos e que não fique somente na expectativa do professor, que somente repassa o conteúdo do livro no quadro”. (sujeito 9M)

“Pesquisando, estamos lendo e com isto descobrimos algumas coisas e nos interessamos por outras. É bem melhor do que ganhar tudo pronto, assim sabemos que não precisamos procurar, pois alguém fará o trabalho e nos entregará pronto. Pesquisando estaremos procurando e é claro que com isto estaremos aprendendo algo”. (sujeito 11M)

“O aluno aprende por si só. Todo o esforço que ele fez para aprender, torna o aprendizado mais gratificante e dificilmente será esquecido. Entender o assunto o qual foi pesquisado nos dá uma sensação de poder, de independência. Nos dá a certeza que somos capazes de alcançar nossos objetivos”. (sujeito 16M)

Nestas contribuições dos alunos de Matemática, percebeu-se que estes apreciaram a aplicação da metodologia do Ensino com Pesquisa, pois participaram da **construção do próprio conhecimento**. Outras manifestações de alunos de Pedagogia mereceram destaque:

“Com as pesquisas o aluno tem que ir atrás do assunto, tem que se aprofundar, tendo como base o que o professor já disse em sala de aula”.(sujeito 1P)

“A análise comparativa foi ótima, talvez difícil por ser a primeira experiência, mas foi muito válida”.(sujeito 2P)

“Creio que se aprendeu muito pelo fato de você ter pesquisado, procurado e principalmente ter elaborado o conteúdo (escrito). Creio que valeu. Pode se considerar que Platão e Aristóteles estão “no papo”, porque juro, eu não tinha o maior interesse em saber sobre esses filósofos. Agora sei”.(sujeito 5P)

“Maior aprendizagem visto que comparamos diversos autores que falavam sobre o mesmo assunto”.(sujeito 7P)

“Esta metodologia é muito válida na aprendizagem final. Acho que pesquisando e lendo é que se aprende, meio na “marra”, mas no geral foi muito proveitoso”,(sujeito 8P)

“Melhor aprendizagem devido ter mais fontes de pesquisa”.(sujeito 12P)

A postura da mudança se evidenciou nestes alunos de que por meio da metodologia do Ensino com pesquisa, **aprenderam mais**, pois tiveram que fazer mais leituras, para elaborar a análise comparativa dos dois filósofos, como em outros depoimentos, que se destacaram:

“Em relação à pesquisa, o aluno compreende melhor o conteúdo pesquisado e com isso aprende mais facilmente. A professora dando uma explicada com certeza facilita mais”.(sujeito 13P)

“Incentiva a pesquisa, o raciocínio. É bom sabermos que estamos descobrindo coisas diferentes a partir da nossa própria leitura e pesquisa. Eu acho bom, pois filosofia tradicional é bastante cansativa”.(sujeito 15P)

“Ao fazer a pesquisa, você aprende muito mais, já que é você quem tem que procurar os assuntos. O trabalho em grupo foi bom para trocar opiniões com os outros integrantes”.(sujeito 16P)

“Através das pesquisas realizadas, tanto individual como em grupo, procuramos compreender o sentido do tema proposto”.(sujeito 19P)

“Desenvolver a noção de pesquisa, resumo, entendimento e textos grupais”.(sujeito 22P)

“Nos forçou a nos desempenharmos mais, pesquisarmos e lermos muito e isto é bom”.(sujeito25P)

Com a leitura de vários autores, para a elaboração de textos, tanto individual quanto coletivamente, os alunos perceberam **a importância da leitura** e a autonomia para continuar pesquisando durante sua vida de estudante. Outras contribuições à respeito, destacaram-se:

“O aluno vai em busca das pesquisas, com isso o aprendizado fica mais amplo e claro, também fica mais fácil a compreensão e não fica somente na” decoreba”.(sujeito 26P)

“Quando realizamos o trabalho de pesquisa torna-se possível uma aprendizagem mais detalhada sobre o assunto e a compreensão do assunto torna-se necessária para posterior elaboração do texto e comparação”.(sujeito 27P)

“Estimulação para busca de novos conhecimentos”.(sujeito29P)

“Que nós temos que “ir atrás” do que queremos conhecer, e pesquisando, aprendemos mais, pois lemos vários livros buscando encontrar um que entendamos melhor. Precisamos ler para poder tirar as nossas próprias conclusões, faz com que aprendamos a pensar melhor sobre o que escrevemos e entendemos”.(sujeito 31P)

“Você aprende mais porque pesquisa e aprende o assunto de vários aspectos, ativa seu pensamento, criticando e analisando o assunto em questão”.(sujeito 33P)

“A produção de texto individual foi muito proveitosa e a coletiva também, pois tivemos a oportunidade de conhecer os pontos de vista de nossos colegas e compará-los ao nosso, resultando num trabalho maravilhoso”.(sujeito 34P)

Considerando os depoimentos sobre a pesquisa aliada à leitura, observou-se que os alunos se manifestaram positivamente a respeito, pois as perceberam como atividades prazerosas e exigentes, que os conduziu à auto-aprendizagem. Segundo FREIRE (1986,p.106): “Ler um livro é uma espécie de pesquisa permanente”. Sobre a aula dialógica, em que houve mais participação dos alunos, oportunizando o conhecimento entre o grupo, propiciando a discussão crítica, os debates e os seminários em sala de aula, novamente apareceu a efetivação da relação professor X aluno, com mais o componente relação aluno x aluno. Com referência ainda aos **aspectos positivos**, quanto a indagação sobre **a metodologia Ensino com Pesquisa, comparada com as outras, como a tradicional**, destacaram-se os depoimentos dos alunos de Matemática, primeiramente:

“Todos podem dar a sua opinião em relação ao tema debatido, fazendo com que cada aluno se solte um pouco mais”.(sujeito 2M)

“O aluno participa mais das aulas, fala, debate. Dessa maneira as aulas se tornam menos cansativas e mais produtivas”.(sujeito 4M)

“Uma relação mais profunda entre professor e aluno. Diálogo e debates de alunos e alunos e professor”.(sujeito 5M)

“Há uma melhor participação da sala em geral, onde todos dão a sua opinião, discordam com algo, aprendem melhor pois o interesse pelo assunto motiva e conseqüentemente torna a aula melhor e mais produtiva”.(sujeito 10M)

“...podendo fazer exposição de idéias, sendo que quando eu cursava o Magistério as aulas eram trabalhadas no caderno e depois cobrada em provas, não podendo fugir daquilo que estava no caderno”.(sujeito 14M)

“Faz com que os alunos participem mais das aulas, dando suas opiniões, provocando debates, fazendo com que a aula seja mais interessante”.(sujeito 19M)

“Liberdade de expressão, possibilidade de visualização dos diversos pontos de vista dos colegas, ambiente amigável e com participação dos colegas + introspectivos, o que não pode acontecer com a pessoa que abraça essa profissão”.(sujeito 21M)

Em seguida, os depoimentos dos alunos de Pedagogia sobre a metodologia Ensino com Pesquisa que também, expressaram o seu parecer favorável em **relação ao diálogo entre os alunos**, durante os seminários e debates realizados na sala de aula dialógica, confirmando que:

“Os seminários realizados em sala de aula permitem melhor conhecimento dos colegas e os assuntos em questão são bem assimilados”.(sujeito 6P)

“Durante os textos, os temas abordados foram debatidos e trazidos até a nossa realidade.A linguagem foi acessível aos alunos”.(sujeito 9P)

“Dá mais liberdade ao aluno, tanto em expressar-se com palavras, como na escrita”.(sujeito 14P)

“...no debate das questões que conseguimos compreender e relacionar o campo filosófico com nossas atividades diárias”.(sujeito 19P)

“É muito bom, pois assim aprendemos mais, nos entrosamos melhor e perdemos a timidez. O trabalho em grupo é muito significativo, pois assim trocamos experiências”.(sujeito 20P)

“Os debates, trabalhos coletivos evidenciam o tema em estudos”.(sujeito 21P)

“São interessantes, pois é a forma o qual o aluno aprende mais, debate, coloca suas opiniões e idéias”.(sujeito 24P)

“Envolve a participação dos alunos, exposição de opiniões, leitura comentada, valorização dos trabalhos feitos pelos acadêmicos”.(sujeito 36P)

Muito significativos foram os depoimentos dos alunos de Pedagogia, que lembraram de fazer referências sobre o **livro trabalhado “O Mundo de Sofia”**, que valeu a pena destacar:

“Foi ótimo ter lido “O mundo de Sofia”, fazendo comentários válidos sobre a filosofia, também só assim alguns lêem o livro”.(sujeito 2P)

“Na leitura do livro, confesso que ele não chega a me prender por completo”.(sujeito 5P)

“Pela primeira vez gosto de filosofia, o método é legal, a professora e o livro “O Mundo de Sofia são espetaculares”.(sujeito 9P)

“Gostaria que continuasse, principalmente com o livro “O Mundo de Sofia”. Achei um livro sensacional, uma forma prazerosa de se estudar filosofia e melhor compreendê-la”.(sujeito24P)

“O livro lido também é muito interessante e nos prende muito, deixando-nos assim com vontade de não parar de ler (O mundo de Sofia)”.(sujeito25P)

“O estudo do livro de Sofia da forma como foi feita, foi interessante”.(sujeito 34P)

Esses alunos sentiram a necessidade de expressarem espontaneamente a sua opinião em relação ao livro lido, **“O Mundo de Sofia”**, aliado à filosofia, visto que não foram indagados para tal no questionário, uma questão que passou despercebida pela pesquisadora e que seria de grande importância para a pesquisa.

Aspectos negativos

No geral, ao serem indagados sobre os **aspectos negativos da proposta metodológica**, foi um pequeno número de alunos que encontrou alguns pontos negativos. Estes, estavam relacionados às aulas, que no início eram cansativas e sonolentas, devido a leitura reflexiva e crítica dos primeiros textos extraídos do livro “O Mundo de Sofia”, realizada em sala

de aula. É que os alunos não estavam habituados a fazer este tipo de atividade, que exigiu deles muita concentração, mas que mais tarde se adaptaram e aprovaram essa metodologia. Segundo FREIRE (1989,p.101): “O conhecimento é uma coisa que exige muitas coisas de nós, que nos faz sentir cansados, apesar de felizes”. Manifestaram-se os alunos envolvidos dos cursos de Matemática e de Pedagogia:

“O fato de ouvir muita leitura, pois nos deixa sonolentos”.(sujeito8M)

“As aulas podem tornar-se um pouco cansativas”.(sujeito 9M)

“Às vezes se torna cansativo”.(sujeito 17M)

“Nesta disciplina creio que não tive nada de negativo. O pior é quando o professor só dá trabalho, trabalho, pesquisa, pesquisa e não dá aula. Um aluno sem base, não aprende pesquisando. Isto não ocorreu na sua aula. Está de parabéns”.(sujeito 1P)

“Desinteresse de alguns, por achar a leitura chata”.(sujeito2P)

“O trabalho de leitura do livro foi, a meu ver, muito pouco aproveitado, pois acho que os alunos se dispersam quando participam da aula de uma forma passiva”.(sujeito 7P)

As críticas dos alunos sobre a **leitura reflexiva**, demonstraram que poucos possuíam o hábito da leitura, não só em âmbito escolar, mas na sua vida cotidiana. Isto fez com que a dificuldade para a concentração durante a leitura aumentasse, pois para esse exercício foi preciso pensar e muitos alunos não queriam pensar, queriam que o professor pensasse por eles, para reproduzir o conhecimento pronto e acabado, sem provocar transformações em suas mentes. Assim como, alguns alunos se utilizavam da pesquisa apenas para realizar “trabalhos escolares”, não para aprender, como destacaram as manifestações:

“Acho que no começo as aulas foram muito cansativas por serem 3 aulas seguidas num dia só”.(sujeito 8P)

“Excesso de leitura”.(sujeito 9P)

“Não encontrei aspectos negativos, porém as aulas tornaram-se um tanto cansativas, pois se prenderam muito na leitura do livro de Sofia”.(sujeito 12P)

“É cansativo ficar somente lendo”.(sujeito13P)

“É um pouco difícil à princípio, por ser uma maneira nova de aprender, porque antes eu usava a pesquisa apenas para trabalhos e não para aprendizado”.(sujeito 31P)

Quanto à falta de **tempo disponível para realizar a pesquisa, tempo para ler todos os textos** e a **falta de livros** para pesquisar, foram apontados também como aspectos negativos, que alguns alunos das duas turmas manifestaram:

“É a falta de tempo para podermos ler tudo o que temos vontade(devido as atividades que desempenhamos)”.(sujeito 4P)

“O tempo foi muito curto, porque eram muitos xerox para ler”.(sujeito 5P)

“Falta de material em nossa biblioteca, falta de tempo para as pesquisas”.(sujeito17P)

“É que às vezes toma mais tempo e nós estudantes, trabalhamos o dia todo, não temos muito tempo para pesquisa”.(sujeito 18P)

“Às vezes o tempo disponível é curto; é preciso muito esforço por parte do aluno”.(sujeito 21P)

“A falta de tempo para quem trabalha, às vezes pode prejudicar em experiências posteriores”.(sujeito 23P)

“Por enquanto, não achei algum aspecto negativo”.(sujeito 26P)

“A leitura dos textos para a realização do trabalho ficou um pouco em cima da hora, pois teria sido melhor ainda se pudéssemos pesquisar outros materiais e mais detalhadamente”.(sujeito 34P)

“Deveria ser dado um tempo maior para a execução do trabalho”.(sujeito 35P)

Uma das dificuldades do ensino noturno na graduação, é que a maioria dos alunos trabalhava durante o dia, à noite vinham cansados para a sala de aula, sem apresentar a pesquisa solicitada pelo professor, por

falta de tempo. Foi preciso que houvesse conscientização e interesse por parte destes alunos, que se estavam aprendendo, teriam que encontrar tempo para a pesquisa, porque sem pesquisar não haveria aprendizagem. Por outro lado, poderiam pedir para que terceiros fizessem a pesquisa por eles, um ponto negativo não **para a metodologia do Ensino com Pesquisa**, mas para o aluno que perdeu uma das oportunidades proposta para aprender, como os depoimentos relacionados à questão:

“Não tem nenhum aspecto que seja negativo”.(sujeito 5M)

“Muitos alunos não fazem, pedem para alguém fazer.Isto devido a falta de tempo. Esse método deve ser desenvolvido em sala de aula, ou seja, fazer a pesquisa individualmente durante as aulas. Com isto o professor terá a certeza de que todos pesquisaram”.(sujeito 11M)

“De um modo geral, não houve pontos negativos”.(sujeito 12M)

“Não acho que tenha aspectos negativos, pois a metodologia que está sendo aplicada vem nos mostrar uma nova metodologia de ensino onde o aluno procura as respostas”.(sujeito13M)

“Não houve pontos negativos”.(sujeito 14M)

“O aluno sofre pesquisando, gasta tempo com coisas inúteis, que às vezes não servem para o assunto em questão.Como temos preguiça de pensar, é chato ficar pesquisando sozinho para chegarmos a uma conclusão”.(sujeito 16M)

O que se percebeu nestes depoimentos, é que aos poucos os alunos foram elucidando a **importância da pesquisa**. Alguns ainda não estavam conscientizados ou não amadureceram como acadêmicos que freqüentavam o ensino superior e que ainda estavam com a mentalidade de receber tudo pronto e acabado como no ensino tradicional, não aceitando a nova proposta por ser mais exigente, como nestes depoimentos, ainda sobre os aspectos negativos:

“Maior alvoroço dos alunos na elaboração dos textos”.(sujeito1M)

“A não adaptação de alguns alunos, chegando a criticar este método de ensino”.(sujeito 4M)

“...e o mais grave, um certo grupo que só atrapalha, tirando a atenção e até o raciocínio num dado momento, pois estes comportam-se como crianças”.(sujeito 8M)

“Proporciona a algazarra na sala de aula”.(sujeito 20M)

“Falta de maturidade de alguns da turma”. (sujeito 21M)

Dentre as manifestações dos alunos de Matemática, destacaram-se as dificuldades em se trabalhar com essa metodologia, a de **pesquisar** e a de **escrever**, criando barreiras para a sua realização, o que veio demonstrar um certo comodismo por parte dos alunos pertencentes aos cursos de ciências exatas, que não estão familiarizados com letras e palavras, mas com números. Possivelmente, ignoram a união da teoria e da prática, mas preferem a prática à teoria, pois na teoria é preciso pensar e, parar para pensar é uma preocupação para esta área do conhecimento. É importante que fique claro que a prática deve propiciar ao aluno a visão do cotidiano da futura profissão. Os alunos de Pedagogia, também contribuíram com seus depoimentos:

“Não vejo pontos negativos para quem está disposto a estudar e pesquisar. Porém exige mais horas de dedicação”.(sujeito15P)

“Muitos alunos não compreendem o sentido dessa nova metodologia e além de perderem seu tempo vindo à faculdade só pela questão da presença, prejudicam também a sala com suas conversas paralelas”.(sujeito 19P)

“Na tradicional o desenvolvimento é menos aproveitado”.(sujeito 30P)

“Não seriam pontos negativos, só tenho dúvidas com relação à avaliação deste método de pesquisa”.(sujeito 38P)

Em compensação, percebeu-se nestes depoimentos, que a maioria dos alunos de Pedagogia, possuía um **senso de responsabilidade** mais elevado em relação à metodologia do Ensino com Pesquisa, percebendo

que quem estava disposto a **estudar e pesquisar**, precisava de mais **horas de dedicação**.

4.1.3 Quando os alunos foram questionados **se acham válido dar continuidade a essa nova metodologia de ensino, especificamente no ensino da Filosofia, nos próximos bimestres ou se acham melhor retornar à tradicional**, dos 59 alunos no total que responderam que sim, só um aluno, respondeu que não. Quanto às justificativas, percebeu-se nos depoimentos das duas turmas que à medida que os alunos mais se aproximavam da nova metodologia, por ser mais exigente e porque as aulas eram mais interessantes, mais gostavam dela, como se destacaram as seguintes manifestações concernentes à questão:

“Não será a mesma monotonia das aulas de outras matérias, que geralmente são todas iguais”.(sujeito 1M)

“Pois as aulas são mais animadas, há uma conversação entre todos, debates. É muito interessante”.(sujeito 2M)

“Com este sistema as aulas ficaram muito mais interessantes, que com o sistema tradicional”.(sujeito 3M)

“Nós estamos em uma faculdade, não no ginásio, onde os professores só sabem dar matéria”.(sujeito 5M)

“Acho que seria melhor continuar com esta metodologia, pois torna a matéria mais interessante de ser estudada”.(sujeito 6M)

“Torna as aulas mais dinâmicas e faz com que o aluno tenha mais interesse em buscar conhecimentos”.(sujeito 9M)

A **nova metodologia** proposta na disciplina de Filosofia, foi aprovada pelos alunos que a preferiram, conforme o depoimento nº 9M, de que “torna as aulas mais dinâmicas e faz com que o aluno tenha mais

interesse em ir buscar conhecimento”, porque os **paradigmas inovadores** trouxeram perspectivas para o profissional do futuro, habilitando-o para conquistar o seu espaço na profissão escolhida. Outras manifestações se destacaram:

“Se retornamos à metodologia tradicional, vamos morrer de tédio”.(sujeito 11M)

“Porque a disciplina torna-se agradável e faz com que conheçamos melhor a filosofia”.(sujeito 12M)

“Porque a nova metodologia é mais ampla e exige muito mais do aluno”.(sujeito 13M)

“Porque com essa metodologia ficou uma matéria mais “gostosa” de ser trabalhada, com certeza conseguindo atingir meus objetivos”.(sujeito14M)

“Eu acho bom que continue, pois a metodologia tradicional é muito cansativa e bate sempre na mesma “tecla” sem despertar a capacidade de filosofar”.(sujeito19M)

A nova visão da Filosofia mudou o estigma que foi formado a seu respeito ao longo dos anos e, como consequência, trouxe as manifestações dos alunos, pedindo a continuidade da nova metodologia proposta para que fosse sempre estimulada pelos paradigmas emergentes e inovadores. Nesse enfoque, destacaram-se outros depoimentos:

“Porque assim como o tempo evolui, alunos evoluem, matérias podem ser dadas de forma “evolutiva”, e não como no tempo da “palmatória”.(sujeito1P)

“Eu acho válido dar continuidade, pois achei um método diferente e agradável de trabalhar”.(sujeito 2P)

“Eu acho válido continuar nessa nova metodologia, pois quando se participa, produz textos, etc, a gente interioriza os conhecimentos, aprende”.(sujeito 3P)

“Porque as aulas não são monótonas e distantes como as de forma tradicional”.(sujeito10)

“Devemos sempre buscar algo novo para não tornar as aulas cansativas e monótonas”.(sujeito12P)

“Porque para mim esse método foi bom, pois eu aprendi muito mais do que com o tradicional”.(sujeito13P)

A decisão da **continuidade à nova metodologia de ensino** demonstrada pelos alunos, deixou claro que esta forma diferenciada de se trabalhar a Filosofia, proporcionou maior envolvimento e interesse do aluno para aprender esta disciplina, do que no paradigma tradicional. Outros depoimentos contribuíram para esta visão:

“Para que aprendamos Filosofia de uma maneira leve e gostosa”.(sujeito14P)

“Achei a disciplina dentro desta metodologia muito interessante, as aulas não são cansativas e os alunos sentem-se entrosados com a matéria”(sujeito17P)

“Tudo o que é realizado com métodos diferentes desperta-nos curiosidade para saber qual o novo passo a ser dado. E nesses passos geralmente erramos e como sabemos, o erro é importantíssimo para nosso desenvolvimento pessoal, enriquecendo nossos conhecimentos”.(sujeito 19P)

“Pois assim eu consigo assimilar melhor o conteúdo”.(sujeito 20P)

“É interessante continuar este trabalho para que se possa conhecê-lo melhor”.(sujeito 21P)

Esses depoimentos foram relevantes porque se tratou do **envolvimento dos alunos com a disciplina de Filosofia**, pois perceberam que nesta metodologia mais atual conseguiram, não só produzir conhecimento, mas reconheceram que o erro possibilita o desenvolvimento pessoal e amplia seu conhecimento. Mais alguns depoimentos mereceram destaque:

“É interessante, diferente e dinâmica”.(sujeito 25P)

“A aula torna-se mais atrativa, despertando a atenção e possibilitando a participação dos discentes na aula”.(sujeito 27P)

“Porque ajuda a compreender melhor os textos , a se entrosar melhor dentro da matéria”.(sujeito 30P)

“Acho que esta metodologia é muito eficiente e deve ser levada adiante”.(sujeito 34P)

“Continuar seria bom porque poderemos nos desenvolver melhor”.(sujeito 35P)

“Na minha opinião não deve ser modificado. É uma das poucas disciplinas que aproveita os conhecimentos que já trazemos dos anos escolares anteriores e de nossa própria vida”.(sujeito 38P)

Estes depoimentos demonstraram que os alunos apresentaram um nível de **consciência crítica** favorável em relação à nova metodologia adotada na disciplina de Filosofia, que também possibilitou a participação dos discentes em sala de aula. Essa preocupação demonstrada, confirmou que os alunos souberam distinguir que existem outras formas para “aprender a aprender”, ao contrário da metodologia tradicional, que não valoriza os conhecimentos que o aluno possui. Na nova metodologia, o aluno se utilizou da pesquisa para estudar e ler mais e para **aprender a pensar mais**, como as contribuições dos depoimentos:

“Porque com este estilo, além de inovador no nosso modo de estudar, estimula o aluno a pensar”.(sujeito 4M)

“Porque ela nos leva a ler mais e assim descobre e amplia o horizonte e nos dá senso crítico do que lemos”.(sujeito 8M)

“Esse método faz com que o aluno seja participativo, pense, seja crítico e construtivo”.(sujeito 10M)

“O aluno aprenderá a pensar de forma esquematizada, descartando as coisas que não são úteis ao assunto”.(sujeito16M)

“Pois aprendemos muito mais fazendo o trabalho de análise comparativa”.(sujeito 7P)

“Para não ficar cansativo, assim leva o acadêmico a estudar mesmo”.(sujeito15P)

“Pois com essa metodologia os alunos participam e assim aprendem mais e melhor”.(sujeito16P)

Com esses depoimentos, percebeu-se que a nova metodologia **ampliou o horizonte** dos alunos, porque fez com que participassem mais,

produziram, pensassem e aprendessem mais. Outros depoimentos se destacaram:

“...porque aprendemos a produzir e aprender de uma maneira diferente e interessante”.(sujeito 22P)

“Pois é uma maneira melhor de socializar e aprender, sendo assim só nós vamos ganhar com isto”.(sujeito 26P)

“Pois a Filosofia tem como objetivo pensar, pesquisar. Só pesquisando que aprendemos novos conhecimentos”.(sujeito 29P)

“Porque pesquisando, achamos algo que seja fácil de entender, o que torna mais fácil o estudo”.(sujeito 31P)

“Acho que esta metodologia é melhor, pois desperta o senso crítico e faz com que pensemos mais”.(sujeito 33P)

“Essa nova metodologia desperta o interesse e o senso crítico”.(sujeito 37P)

Todos estes depoimentos demonstraram que por meio da pesquisa, os alunos buscaram um **sentido novo para aprender**, capazes de elaboração própria, do senso crítico mais apurado, tornando mais fácil a compreensão da Filosofia. O aluno que se concentrou e pensou sobre o que estudou, assimilou e aprendeu de forma inteligente o assunto que leu. A capacidade de **“aprender a aprender”**, principalmente, de aprender das experiências vividas é a aptidão de construir, de produzir e de modificar conhecimento. Se o aluno soube conduzir bem a leitura, aproveitou e refletiu sobre o que leu, ele adquiriu conhecimento e criou conhecimento novo, porque soube debater com as idéias do autor, concordou ou discordou e comparou com as idéias de outros autores. Todo esse processo deve ter acontecido com os alunos, para que eles aprovassem a aplicação da nova metodologia, oportunizada pela pesquisadora. Saber pensar, então, é extremamente importante.

4.1.4 Ao serem indagados **de que forma a metodologia proposta em Filosofia, colaborou na formação acadêmica e na formação do futuro profissional**, os alunos demonstraram que estavam mais preocupados com o viver *aqui e agora*, isto é, que a nova metodologia contribuiu primeiramente para a continuidade dos estudos nas séries subseqüentes, como acadêmicos, para depois como futuros profissionais, como mostraram os depoimentos:

“Deu-me um ponto de vista diferente, não agindo por impulsos, e sim raciocinando antes de agir”.(sujeito1M)

“Da maneira com que eu comecei a saber que o aluno também tem o direito de argumentar, lançar novas idéias”.(sujeito 4M)

“Mostrando que em tudo devemos pensar, analisar, criticar, tentar ser correto, dar o máximo de si”.(sujeito 18M)

“Aprendi que toda a motivação é muito importante, que o aluno sendo participativo, torna a aula mais agradável e se obtém um melhor aproveitamento do conteúdo dado, pois a qualidade é melhor”.(sujeito 10M)

“Colaborou muito no modo de pensar, ou melhor, nos ensinou a pensar e a refletir sobre nós mesmos e tudo que nos cerca”.(sujeito 12M)

“Não sei ainda, preciso de mais tempo para poder saber de que forma a nova metodologia pode colaborar com a minha formação profissional e acadêmica, mas de uma coisa eu sei, a nova metodologia nos ajuda a desenvolver melhor a nossa capacidade de pensar e encontrar as respostas”.(sujeito13M)

O que se pôde observar nestas contribuições, é que os alunos perceberam que a metodologia proposta colaborou para refletirem mais sobre eles mesmos, que precisariam raciocinar mais antes de agir e que possuíam **o direito de argumentar, pensar, analisar e criticar** mais durante a formação acadêmica, para se preparar com mais qualidade para a formação profissional. Dentro dessa perspectiva, destacaram-se outros depoimentos:

“Tomando uma visão mais ampla do mundo, coisas que muitas vezes eu não tinha parado para pensar, havendo muita reflexão, pesquisa, etc”.(sujeito14M)

“Despertou a minha curiosidade e poder de raciocínio, percebi que eu também posso dar as minhas opiniões, debater de igual para igual com as pessoas, coisa que eu não fazia antes, pois tinha medo de me comunicar”.(sujeito19M)

“Me aperfeiçoou a maneira de pensar e de encarar a vida, de maneira mais filosófica e coerente”.(sujeito 21M)

“Nós precisamos sempre questionar, buscar saber o porque as coisas acontecem e não aceitar tudo passivamente, precisamos ser críticos”.(sujeito 3P)

“Esse método mostrou-me que o caminho mais fácil para conseguir as coisas é ir atrás, em busca do conhecimento. Sempre que buscamos o conhecimento ou a compreensão das coisas, daremos mais valor do que se estiver tudo pronto. Essa vida é assim, se quisermos alguma coisa, é necessário lutar, e muitas vezes correr contra o tempo”.(sujeito 8P)

“Trazer o tema à realidade do aluno e principalmente valorizar o lado humano, os sentimentos e capacidades de cada um”.(sujeito 9P)

As manifestações destes alunos foram muito significativas, porque perceberam que é preciso **sempre questionar**, não aceitando as coisas passivamente, mas discutir a respeito de qualquer assunto, dando oportunidades a si próprio, dominando o medo que impede de arriscar ou expressar uma idéia e **acreditar no potencial** que cada um tem dentro do seu pequeno universo. Esta metodologia mostrou o caminho mais fácil para **ir em busca do que se deseja**, embora exigiu mais do aluno, porque precisou se esforçar mais. Outro item importante manifestado e que chamou a atenção da pesquisadora, é que o paradigma da **visão holística** despertou nos alunos que o lado humanístico do ser humano, seus sentimentos e suas capacidades são valorizados nesta metodologia. Outras contribuições, se destacaram:

“Levou-me a refletir sobre quem eu sou, e conseqüentemente sobre o que eu quero para o meu futuro. Fez-nos pensar sobre a ética e sobre como ser feliz, como busco minha realização para alcançar a felicidade(entre outras coisas).Foi de grande valia para a minha formação”.(sujeito10P)

“Me fez me conhecer melhor, para me analisar e descobrir o que realmente eu quero”.(sujeito 17P)

“Colaborou bastante, já que assim estarei mais preparada, caso surja em outras matérias essa mesma atividade”.(sujeito 20P)

“Nos debates com os colegas, as colocações da professora nos ajudou muito. Conheci mais maneiras de filosofar, aprendendo a viver melhor e se relacionar com o próximo”.(sujeito 21P)

“Colaborou no sentido de que eu me interessei mais, busquei entender melhor o tema”.(sujeito 22P)

Esta metodologia proposta na disciplina de Filosofia, colaborou, tanto para a **formação acadêmica** quanto para a **vida pessoal** dos alunos. Com as diferentes formas de filosofar e com os debates que a pesquisadora, como docente propiciou, contribuíram para que os alunos fossem conduzidos às reflexões sobre: “quem são”, “o que querem ser”, “como ser feliz” , “como se relacionar com as pessoas”, “pensar sobre a ética” , enfim, “como aprender a viver”, concluindo que estariam mais preparados se outra disciplina se utilizasse desta metodologia. Mais algumas contribuições se destacaram:

“Acredito que “iluminou” meus pensamentos”.(sujeito 26P)

“Até o momento não consegui definir-me sobre este futuro, mas a metodologia ajudou-me como pessoa para analisar os fatos cotidianos”.(sujeito 28P)

“Abrindo novos horizontes em meu pensamento, levando-me a olhar mais o que ocorre ao meu redor de maneira mais crítica e construtiva”.(sujeito 34P)

“Acredito que auxiliou no que diz respeito à parte onde somos obrigados a pensar, a raciocinar, a pesquisar e buscar conhecimentos por conta própria”.(sujeito 35P)

“Contribuiu no que diz respeito a aquisição de novos conhecimentos, bem como no início de um processo de desinibição”.(sujeito 36P)

Nos depoimentos dos alunos das duas turmas, se pôde perceber a ênfase ao “todo” do ser humano, onde apareceram os reflexos da **visão holística** em que os acadêmicos se manifestaram em favor dos

sentimentos, respeitando as **capacidades** e as **opiniões** de cada um, e principalmente, dando oportunidade de se **conhecer a si próprio**. Outro fator importante da pesquisa proposta, demonstrou que os alunos filosofaram que esta metodologia deu-lhes autonomia para se conduzirem não só em direção à futura profissão, mas em relação à própria vida cotidiana.

A finalidade das licenciaturas é preparar os futuros professores para uma formação humana e para a prática profissional. Diante de tal exigência, **a metodologia proposta, pode ter colaborado na formação do futuro profissional**, conforme alguns depoimentos das duas turmas:

“Colaborou de uma forma que nós como professores temos que ser dinâmicos, inovadores, e não apenas ficar no plano de aula(só no papel)”.(sujeito 2M)

“Mostrou que podem existir outros métodos de ensino, além do tradicional, que podem dar resultados tão bons, ou até melhores do que este”.(sujeito 6M)

“No aspecto de não procurar bitolar os alunos e neles desenvolver senso crítico das coisas”.(sujeito 8M)

“No nosso futuro profissional seremos educadores e como tais, será da nossa responsabilidade pesquisar o tema, ler sobre determinado assunto e a partir disso tirar nossas conclusões. Nesse aspecto a metodologia aplicada serviu como preparação”.(sujeito 16M)

Nos depoimentos dos alunos de Matemática, se manifestou uma **postura empática**, colocando-se no lugar de **futuros professores**, compreendendo, o empenho do professor em aperfeiçoar sua prática pedagógica continuamente, com espírito dinâmico e inovador. Perceberam que podem existir outros paradigmas inovadores, melhores do que estes, que também desenvolvam o senso crítico, sem intimidar o aluno. Destacaram-se as contribuições dos alunos de Pedagogia:

“Creio que desta forma, o aluno pesquisando, o professor explicando as idéias se “apoderam” da mente da gente. Fica difícil esquecer determinadas coisas. Tudo que se aproveita (e não se esquece) nos ajuda a sermos bons profissionais”. (sujeito 1P)

“Fazendo ter visões diferentes, podendo até utilizá-la de maneira simplificada com crianças”. (sujeito 4P)

“Tudo o que aprendemos só tende a nos enriquecer; podemos não utilizar tudo o que aprendemos no momento, mas com certeza no futuro, todo e qualquer conhecimento ser-nos á muito útil, tanto pessoal quanto profissionalmente”. (sujeito 7P)

“Abriu novos horizontes, porque na minha opinião o professor não deve se prender ao método tradicional. Ele tem que buscar um modo mais prático para que seus alunos aprendam melhor”. (sujeito 13P)

“Como futuro professor colaborou para vermos que a humildade é o principal valor para um profissional”. (sujeito 16P)

“Exatamente não sei o que colaborou, mas resultados bons não são adquiridos de uma hora para outra. Por enquanto aprendi que “Só sei que nada sei” (Sócrates)”. (sujeito 19P)

“Em muitos pontos, principalmente na questão de “questionar” as coisas (o que são, com são e porquê)”. (sujeito 24P)

“A metodologia utilizada foi muito boa e conseqüentemente os conhecimentos transmitidos e construídos através dela não serão esquecidos”. (sujeito 27P)

“Porque como professora terei sempre que me preparar para as aulas, buscando ler e conhecer vários assuntos para poder explicar aos alunos e é bom então, desde agora ir me acostumando com a idéia de “procurar” informações, e não recebê-las de “presente”, pois no futuro não terei um professor pra me “dar” as informações, terei que eu mesma ir “buscá-las”. (sujeito 31P)

Nestes depoimentos, os alunos de Pedagogia, também se imaginaram como **futuros professores** , que podem adequar essa metodologia proposta para os seus alunos do ensino fundamental. Que **pesquisando** e com o professor expondo seu “currículo oculto” e sua experiência no magistério, pode ajudar seus alunos a ser bons professores. Que **resultados bons** com esta metodologia, não são adquiridos imediatamente. Que a **humildade** é o principal valor para um profissional e que esta metodologia colaborou para que os alunos questionassem mais, na construção do próprio conhecimento e para o planejamento de suas

aulas. Quanto à importância dos **textos pesquisados e produzidos e dos temas trabalhados em Filosofia, dentro da metodologia proposta**, também contribuíram para a formação profissional dos alunos, como destacaram-se as manifestações:

“Colaborou em muito, pois estava acostumado ao sistema tradicional e agora temos uma nova noção e um aprendizado de como fazer um texto”.(sujeito 3M)

“Usar a criatividade para elaborar os textos, buscar uma linguagem clara, aprender a interpretar o texto proposto”.(sujeito 9M)

“Esta metodologia faz com que se desenvolva um espírito de busca e curiosidade, além de fazer com que desenvolva o hábito de leitura. Com isto, procuramos um assunto, obtemos informações e concluímos. Criamos opiniões sobre os assuntos”.(sujeito 11M)

“Creio que se alguém perguntar para mim sobre Platão e Aristóteles, vai receber uma resposta bem dada e correta. Eu achei legal que eu aprendi, afinal muitos trabalhos nós copiamos às vezes sem saber o que é”.(sujeito 5P)

“Me mostrou que apenas através da pesquisa chegaremos ao verdadeiro conhecimento. Precisamos realizar trabalhos para valorizar nosso esforço”.(sujeito 15P)

“Fazendo com que eu pesquisasse mais, interessasse mais sobre o assunto de filosofia e ví como existem coisas que não sabemos explicar, que analisando bem a Filosofia nos dá a resposta”.(Sujeito 23P)

Com os depoimentos destes alunos de Pedagogia, se percebeu que na realização da **leitura reflexiva** e da **pesquisa**, desenvolveu-se o hábito de leitura para aprender como interpretar os textos. Ao produzirem os textos, se utilizaram da **criatividade** e aprenderam sobre os filósofos, despertando o interesse sobre os **assuntos de Filosofia** e concluindo que esta disciplina elucida suas dúvidas. Destacaram-se ainda as seguintes manifestações:

“Assim pude aprender mais, conheci melhor os filósofos, podendo melhorar meus conhecimentos(que não eram muito vastos de filosofia)mas ainda tenho muito que aprender”.(sujeito 25P)

“Fez-me pensar em um mesmo assunto de várias maneiras, visando encontrar o melhor meio de chegar a um consenso em relação a o assunto”.(sujeito 33P)

“A partir do momento que me torno responsável pelo meu conhecimento, aumenta a minha responsabilidade que tenho para com o conteúdo. Se não efetuar o trabalho de forma correta a única prejudicada serei eu mesma, visto que não terei embasamento teórico para efetuar as atividades posteriores”.(sujeito 38P)

Nestas manifestações, se percebeu que os alunos ao realizar a leitura de textos de vários autores, conheceram mais os filósofos, que os fez **pensar num assunto de várias maneiras**, para se chegar num consenso sobre o assunto. Isto veio demonstrar que existem **metodologias diferenciadas** para se adquirir conhecimento. Destaque para a consciência do aluno que foi e é responsável pelo seu conhecimento, pelo contrário, por exemplo, se não produzisse o texto, seria prejudicado pela sua falta de responsabilidade.

Para os dois primeiros anos dos cursos de Pedagogia e de Matemática, foi oferecida junto à metodologia proposta, a prática de **produção de textos** voltados à Filosofia. Segundo BUENO (1999), o que se observa é a extrema dificuldade que os alunos têm de redigir textos com qualidade, que apresentem estrutura coerente e coesa. Nas escolas de ensino médio e no ensino superior essa prática deveria ser normal. Escrever é uma prática que depende da leitura, que se complementam numa relação de interdependência. A oportunidade que os alunos envolvidos na pesquisa tiveram, ao se aproximar desta proposta metodológica, para alguns, foi a primeira tentativa para elaboração de textos e, o que se observou, é que os professores da instituição de todas

as áreas do conhecimento, devem se preocupar mais em desenvolver a produção de textos com os alunos, nas séries subseqüentes, porque estes aprenderam muito com as pesquisas e com as leituras, mas precisam dar continuidade para este tipo de atividade.

4.1.5 Ao serem indagados **como se auto-avaliaram, quanto à produção e elaboração de textos na metodologia Ensino com Pesquisa**, os alunos de Pedagogia e de Matemática, elencaram algumas situações, que se caracterizam pelo fato de que é muito cedo para opinar sobre o seu rendimento, por ser uma das primeiras produções próprias, em que se destacam as manifestações, primeiramente, dos alunos de Pedagogia:

“Considero que fui bem. Foi uma das disciplinas em que posso dizer que estudei, ouvi, pesquisei e aprendi. Foi um bom rendimento, em relação às outras matérias”.(sujeito 1P)

“Tive um rendimento médio, por ser a primeira vez que faço isso”.(sujeito 2P)

“Acho que o meu rendimento foi muito bom, visto que, o assunto e a maneira de se trabalhar, contribuíram muito para aumentar os meus conhecimentos”.(sujeito 7P)

“Eu acho que foi fácil. No começo achei que não iria conseguir, mas com o decorrer do trabalho, as coisas foram ficando mais claras, e eu percebi que sou capaz”.(sujeito 8P)

“Apesar do pouco tempo e do excesso de tarefas que tive que desempenhar, gostei da pesquisa e aprendi muito com ela, apenas acho que falhei em alguns tópicos durante a elaboração do texto”.(sujeito 9P)

“Foi bom, porque eu não estava tão acostumada com isso, mas pode ter certeza que rendeu melhor do que no tradicional”.(sujeito 13P)

“Não digo que foi 100%, pois estou começando a me acostumar a trabalhar dessa maneira e a me dedicar mais ao estudo. Por isso concordo com a idéia de continuar com esse trabalho de “Ensino com Pesquisa”.(sujeito 15P)

“Creio que fiquei no meio termo, mas sei que ainda posso melhorar”.(sujeito 17P)

O que chamou a atenção nestes depoimentos sobre a **auto-avaliação** dos alunos, quanto à produção de textos na metodologia” Ensino

com Pesquisa”, é o fato de que estudaram, não para tirar boas notas, mas para aprender. Em relação às outras disciplinas, constataram que o desempenho foi bom, porque a maneira de como se trabalhou a Filosofia, contribuiu para aumentar os conhecimentos. Reconheceram que poderiam ter melhor desempenho, se tivessem se esforçado mais. Outras manifestações dos alunos de Pedagogia se destacaram:

“Eu achei muito interessante, inclusive aprendi muitas coisas, as quais, muitas vezes eu não as dava o seu devido valor ou atenção, passava despercebida. Com isso fez com que eu mudasse de opinião e questionasse mais as coisas e as observasse”.(sujeito 24P)

“É claro que a gente sempre sabe que poderia ter feito melhor(pelo menos no meu caso). Eu sei que podia ter dado mais de mim, mas eu acho que fui bem, fiz com dedicação”.(sujeito 25P)

“Eu fiz o que achei ser o mais certo, porém sei que ainda tenho muito para aprender e que posso melhorar muito meu desempenho. Não é fácil escrever sobre aquilo que lemos ou mesmo sabemos, mas a prática pode ajudar bastante”.(sujeito 31P)

“Procurei fazer o melhor que pude, dar o melhor de mim,porém por ser a primeira vez que faço este tipo de trabalho, tive um pouco de dificuldade”.(sujeito 34P)

“Foi razoável, houve bastante dedicação da minha parte,mas em algumas partes do texto, acho que me preendi muito aos autores, aos seus textos. Provavelmente, se houver outros, com certeza sairei melhor”.(sujeito 35P)

“Foi significativo pois, após uma pesquisa de diferentes bibliografias, pode-se ter conhecimentos de diferentes autores, os quais embasaram e facilitaram a produção”.(sujeito 36P)

“Tenho achado as aulas de Filosofia muito interessantes.Tive Filosofia em um outro curso e achava as aulas muito “maçantes”. Hoje em dia tenho vontade de assistir as aulas, pois sei que poderei expressar minhas opiniões particulares, que essas serão aproveitadas e que meu conhecimento será aproveitado. Com relação à produção de textos, tenho percebido que de uma maneira geral todos estão aprovando. Com relação à avaliação, não sei bem como será feita, mas espero que continuem sendo respeitadas as opiniões individuais”.(sujeito 38P)

Os depoimentos destes alunos de Pedagogia, demonstraram que reconheceram a **dificuldade para escrever** sobre o que lêem, mas que a **prática e a dedicação** podem ajudar para melhorar o desempenho na produção de textos. A motivação em participar das aulas de Filosofia é

manifestada, devido a variedade de atividades que esta metodologia oportuniza, estimulando a **inteligência e a capacidade** dos alunos e que os conduz para o fascinante mundo do conhecimento. São significativos os depoimentos dos alunos de Matemática sobre a auto-avaliação:

“Razoável, do início das aulas até hoje eu acho que evolui, não tentando enganar-me”.(sujeito 1M)

“Ainda é muito cedo para eu me avaliar.Terei que fazer mais pesquisas para poder ter certeza do rendimento da mesma”.(sujeito 2M)

“Eu acho que consigo, mas é preciso de tempo, pois é preciso ler, pesquisar, analisar. Com o tempo sai alguma coisa boa”.(sujeito 11M)

“Bom, dentro do possível, pois ainda preciso de muita leitura, para que diminuam as dificuldades”.(sujeito 12M)

“Eu avalio que o meu rendimento está bom, mas eu preciso melhorar, pois ainda tenho muito que aprender”.(sujeito 13M)

Quanto à maioria dos alunos das duas turmas, se constatou que obtiveram **rendimento “Bom”**, em Filosofia, melhor do que em outras disciplinas, atribuindo a um dos fatores por serem avaliados, não só pelas “provas”, para as quais, na maioria das vezes precisam “decorar”, mas pela **produção de textos** que elaboraram, tanto individual, quanto coletivamente. Reconheceram, que para tal, foi preciso ler e pesquisar muito, aprendendo mais com as tentativas e erros, até acertar, conscientes que têm muito que aprender e confiando em si para a construção do próprio conhecimento. Destacaram-se as seguintes manifestações dos alunos de Matemática, ainda concernentes à auto-avaliação:

“Os textos ficaram melhores, os assuntos descritos tiveram um caráter mais aprofundado e mais voltado para a opinião própria”.(sujeito 3M)

“Acho que meu rendimento foi proveitoso, não só eu como outros alunos se sentiram mais à vontade”.(sujeito 4M)

“Mas mesmo visto que não era instruído para tal fim? Os meus professores procuraram me bitolar e quase conseguiram”.(sujeito 8M)

“Tive um bom rendimento, aprendi muito sobre os filósofos, pesquisando”. (sujeito 9M)

“Melhorei muito,mas com certeza tenho muito que aprender, pois é praticando que se obtém um melhor resultado e uma melhor qualidade”.(sujeito 10M)

“Ótimo. Pois faz a gente refletir, passar do passado para o futuro, havendo uma grande visão filosófica no Ensino com Pesquisa. Quanto à elaboração de textos é excelente, pois uma coisa que você produziu jamais esquecerá”.(sujeito 14M)

“Não foi muito favorável, mas como todos nós aprendemos muito mais com nossos erros, foi uma grande oportunidade para aprender”.(sujeito 16M)

“Foi um bom rendimento, pois pesquisando por conta própria eu aprendi muito mais, do que se alguém tivesse dado pronto e acabado”.(sujeito 17M)

“Sempre há um receio nas primeiras produções, mas em cada descoberta haverá no futuro sempre um acerto e essa técnica foi uma descoberta produtiva”.(sujeito 18M)

“Ainda não estou muito bem, venho tentando e procurando fazer o melhor que posso, pois não era acostumada com essa maneira de avaliação”.(sujeito 19M)

“Foi Ótimo, pois pude dar minhas opiniões quando oportuno e render de acordo com minha capacidade”.(sujeito 21M).

Os depoimentos dos alunos de Matemática em relação à metodologia do Ensino com Pesquisa, demonstraram que **pesquisando**, os textos ficaram melhores se conduzidos à **reflexão** e a uma grande **visão filosófica**, fazendo com que o aluno se sentisse mais à vontade para expressar a opinião própria. Os alunos afirmaram que ainda não estavam habituados com este tipo de avaliação, que avaliou também, a produção de textos. Valeu a pena destacar as manifestações dos alunos de Pedagogia neste aspecto:

“Através da produção e elaboração de textos a gente interiorizou os conhecimentos. O que a gente pesquisou e os textos que foram produzidos, com certeza a gente não vai esquecer”.(sujeito 3P)

“Deve ser melhor a bom, mas poderia ser muito melhor.Capacidade é uma coisa que todos temos e que nem sempre desenvolvemos a totalidade dela”.(sujeito4P)

“Readiquiri minha confiança em fazer resumos e escrever que já estavam abalados. Só resta saber a nota, aí vou saber com mais certeza meu rendimento”.(sujeito 5P)

“A produção de textos partindo de textos dos colegas, permite-nos melhor compreensão e análise das variadas opiniões”.(sujeito 6P)

“Espero ter ido bem, pois dei o melhor de mim, procurei ler assuntos referentes à pesquisa e livros como “O mundo de Sofia” e penso que o meu rendimento em relação às outras disciplinas foi bastante satisfatório”.(sujeito10P)

“Meu rendimento é médio, às vezes por falta de entender o que é preciso, às vezes por falta de tempo e até de interesse”.(sujeito16P)

“Acho que pesquisando, digamos que se tivéssemos apenas lido um livro, não teria aprendido tanto quanto lendo e pesquisando várias bibliografias”.(sujeito 18P)

“Muito bom, pois eu desenvolvi ainda mais essa técnica de produção e elaboração de textos”.(sujeito 20P)

“Melhorou muito, aprendi a reelaborar assuntos com facilidade e dinamismo”.(sujeito 23P)

“Com certeza o aproveitamento é muito melhor, pois sentimos a necessidade de aprender para elaborar o texto”.(sujeito 27P)

“Para mim está sendo bom. Acho que aprendi melhor construindo textos do que decorando matéria. Quando você elabora um texto, você tem que saber sobre o que está lidando e uma prova você decora e esquece”.(sujeito 33P)

Nos depoimentos dos alunos de Pedagogia, quanto à metodologia proposta, se demonstrou que, **pesquisando os textos**, se aprendeu mais e não se esqueceu do que se aprendeu. Que todos têm capacidade, mas poucos a desenvolvem em sua totalidade. Em relação à produção do texto coletivo, em que somente os alunos de Pedagogia, tiveram a oportunidade de experienciá-lo, permitiu maior compreensão do assunto e a análise das variadas opiniões dos colegas, para que a aprendizagem se efetivasse.

4.1.6 Ao serem indagados sobre: **“Se já foram exigidos para produzir textos de elaboração pessoal no âmbito dos temas trabalhados numa disciplina”**, dos 38 alunos de Pedagogia, 18 não e 20 alunos já foram exigidos a produzir textos. Dos 21 alunos de Matemática, 1 não e 20 alunos,

já produziram textos. O que se constatou que, dos 59 alunos envolvidos, 19 alunos no total, não produziram textos, mas 40 alunos no total, já produziram textos. Isto quer dizer que alguns professores já estão se preocupando em trabalhar com seus alunos esta questão, servindo de pré-requisito para que possam continuar produzindo textos no ensino superior e na sua prática pedagógica.

4.1.7 Quanto à indagação: “Se esta proposta metodológica desenvolvida no decorrer do 1º e 2º bimestres, na disciplina de Filosofia, foi significativa para a formação dos alunos?” Dos 59 alunos envolvidos, no total, 1 aluno respondeu que “não”, 16 alunos responderam que “em parte” e 42 alunos responderam que “sim”. Dos alunos que responderam “sim”, destacaram-se as seguintes manifestações dos alunos de Matemática:

“Ajudou-me muito a avaliar melhor meus atos”.(sujeito 1M)

“Porque me despertou para leitura e aumentou mais a visão e o meu senso crítico das coisas que me cercam”.(sujeito 8M)

“Tive que pesquisar bastante, ler muitos textos, usar muita criatividade”.(sujeito 9M)

“Sim, pois percebi o quanto é importante cada aluno, sua visão crítica e sua maneira de se expressar, na qual a convivência faz do ambiente um melhor relacionamento desde que haja respeito entre os colegas”.(sujeito 10M)

“Sim, através dessa metodologia aprendemos a ver as coisas com outros olhos, os “olhos da alma”.(sujeito 11M)

“Foi significativa porque, agora já conseguimos ler com interesse e pensar sobre o que lemos”.(sujeito 12M)

“Porque me mostrou uma nova visão de um ensino onde os alunos procuram encontrar as respostas, desenvolve melhor nossa capacidade de pensar e encontrar as respostas para resolver nossos problemas”.(sujeito 13M)

“Toda forma de conhecimento é válida, principalmente quando exposta com novas propostas de ensino”.(sujeito 15M)

“Foi uma grande oportunidade para aprimorar meus conhecimentos e melhorar o meu rendimento em elaboração de textos. Também, aprendi bastante sobre a matéria em questão”.(sujeito16M)

“Acho que com essa metodologia eu poderei ter uma boa noção e aplicá-la com meus alunos no futuro”.(sujeito17M)

“Percebi que me tornei mais descontraída, sem medo de participar junto com os demais, participando mais”.(sujeito19M)

“Sim, pois a forma de trabalho onde nos é colocada a pesquisa como única fonte, nos dá a condição de crescermos enquanto pensadores e seres humanos”.(sujeito 21M)

Os depoimentos dos alunos de Matemática, demonstraram que esta metodologia proposta e desenvolvida nos 1º e 2º bimestres, foi significativa para a formação dos alunos, porque passaram a avaliar mais seus atos, despertando para a leitura e a importância de cada aluno ter sua visão crítica e sua maneira de se expressar, oportunizando uma convivência melhor entre os colegas. Evidenciaram-se as presenças do **paradigma emergente** e da **visão holística**, pois os alunos passaram a ver a vida com os “olhos da alma”, o que espiritualmente visualiza a proximidade da “Era da Relações” HARMAN (1996b) In: MORAES (1997, p.209), e que se preparam para o século XXI, na formação de pensadores e de seres humanos mais humanizados. Os alunos de Pedagogia também contribuíram com seus depoimentos:

“Foi muito significativa, pois às vezes penso que não sou capaz de fazer as coisas e quando estão prontas fico indignado com a minha competência”.(sujeito 2P)

“Com certeza, pois a produção de textos e tudo mais é muito importante para o desenvolvimento pessoal e para a formação”.(sujeito 3P)

“Porque debatemos o assunto em grupo, ouvimos as mais variadas opiniões e alternativas, podendo crescer”.(sujeito 4P)

“Sim, ao desenvolver a reflexão, pensei muito no meu futuro e cheguei à conclusão que estou na carreira certa e isso foi bastante válido, pois estava indecisa sobre que curso fazer”.(sujeito10P)

“Porque é sempre ótimo ter novidades. É até um jeito de animar a gente, saber que tem pessoas que querem mudar o método tradicional”.(sujeito 13P)

“Parar para pensar, refletir antes de dar respostas, com certeza, auxiliou-me muito na busca do meu ideal, a partir desta etapa, sinto-me mais preparada para enfrentar o mundo.Tudo tem que ser bem analisado antes de tomarmos qualquer decisão em nossa vida. VALEU!!!”.(sujeito14P)

“Eu pretendo continuar minha formação profissional, então tudo que é proposto agora, ajuda para o futuro. Esta proposta me ajudou demais”.(sujeito 21P)

“Além do conteúdo aprendido, vimos a necessidade de inovarmos a metodologia quando estivermos atuando”.(sujeito 27P)

“Por ser algo inédito nos chamou a atenção. Se paramos para avaliar a frequência dos alunos, perceberemos que a maioria deve ter aprovado. Eu, infelizmente, por motivos profissionais e de saúde, tive que faltar a aula e lamentei muito.Todas as aulas foram extremamente interessantes, bem trabalhadas. Pude observar que a professora apresenta um excelente domínio sobre o conteúdo. Isto nos dá segurança para colocar nossas opiniões e questionamentos”.(sujeito 38P)

Os depoimentos dos alunos de Pedagogia quanto à formação, demonstram que **a produção de textos, os debates, as reflexões**, enfim, tudo que foi trabalhado na metodologia proposta, para alguns alunos, definiu a escolha pelo magistério, **a importância da necessidade de inovar**, que tudo deve ser analisado antes de tomar uma decisão, que se deve parar para pensar antes de dar respostas, concluindo que esta metodologia ajudou na busca de um ideal e no enfrentamento da vida futura. Muito significativos alguns depoimentos de alunos das duas turmas, sobre a Filosofia trabalhada nesta metodologia, que se destacaram :

“Filosofia é uma matéria muito interessante e é melhor que a gente conheça de uma maneira diferente, não somente como matéria passada no quadro, prova, etc”.(sujeito 2M)

“No último trabalho foi o que mais despertou conhecimento, na área da Filosofia”.(sujeito 5M)

“Eu fiquei com mais interesse em estudar Filosofia, me dedicando mais à disciplina, sendo que isso não acontecia comigo”.(sujeito 14M)

“De uma outra maneira, eu nunca teria me interessado por Platão ou Aristóteles. Às vezes, a imposição nos mostra coisas que nos interessam e que de outra maneira não teríamos notado”.(sujeito 8P)

“Esta proposta foi muito significativa, pois trouxe-me conhecimentos novos, diferentes visões de mundo, especialmente da antigüidade, que comparada com a realidade atual, trouxe vários aspectos positivos”.(sujeito 34P)

“Na parte que toca ao raciocinar, ao pensar filosoficamente, foi de grande valia”.(sujeito 35P)

Estes depoimentos sobre a disciplina de **Filosofia** nesta metodologia proposta, despertou nos alunos mais interesse para conhecer os conteúdos referentes, propiciando **diferentes visões de mundo**. Quanto aos alunos, que responderam que a metodologia proposta foi significativa “em parte”, destacaram-se os depoimentos:

“Acho que esta disciplina não deveria existir no currículo de matemática”.(sujeito 4M)

“Abriu novos horizontes no que diz respeito ao estudo do comportamento das pessoas ao se depararem com novas metodologias”.(sujeito 6M)

“Pois, foi muito curta sua duração”.(sujeito18M)

“Na leitura do livro, confesso que ele não chega a me prender por completo. Mas o resto foi de muita valia, tanto os seminários, quanto os trabalhos”.(sujeito 5P)

“O trabalho realizado com a produção textual foi muito bom, tanto a parte individual quanto a coletiva, mas o 1º bimestre foi muito cansativo, visto que participávamos pouco das aulas”.(sujeito 7P)

“Para o meu conhecimento foi válido, mas não para aplicar na vida profissional”.(sujeito 11P)

“Talvez faltou um pouco mais de dedicação de minha parte, para um melhor aproveitamento”.(sujeito 15P)

“Também sou uma pessoa que facilmente se aliena e foge do tema proposto, mas sempre busco uma maneira de colaborar e cooperar com as questões propostas pela disciplina”.(sujeito 19P)

“Para colaborar comigo, depende muito de mim, e eu sei que não ando me esforçando muito(não por querer). Não tirei muitos proveitos, mas os que tirei me servirão muito”.(sujeito 25P)

“Consegui ampliar a minha visão de mundo, porém muita coisa que vimos é normal e seria dispensável. Mas sempre pode ajudar alguém. A professora está de parabéns”.(sujeito 32P)

Nos depoimentos destes alunos, se percebeu que estes ainda não passaram pelo processo do **autoconhecimento**, para expressar sua expectativa em relação à importância do mundo do conhecimento em suas vidas. Nestas manifestações, se observou que faltou **dedicação** para aprender a aprender cada vez mais e, **percepção** de que o que se aprendeu, não é o suficiente para não dar mais continuidade e abertura para novos conhecimentos. Por isto, a metodologia proposta foi significativa somente, “em parte”, para estes alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a proximidade do século XXI, em que tudo está se transformando rapidamente, a busca das pessoas por verdades e certezas, o acesso fácil às informações e à tecnologia, vem atingindo níveis jamais previstos. Estamos vivendo sob um novo paradigma da história da humanidade, que requer novas atitudes por parte das pessoas. Todos necessitamos discernir quais as oportunidades em que podemos ser bem sucedidos e a competência será desenvolvida a partir do uso das inteligências múltiplas, da inteligência emocional e da expansão da criatividade.

Na educação, o desafio também é imenso, mas nem todos os professores estão comprometidos em colaborar na construção de uma nova sociedade. Para FERGUSON (1992,p.265), "Só se pode ter uma nova sociedade, dizem os visionários, se for modificada a educação da geração mais jovem. Contudo a nova sociedade é a força necessária para a mudança na educação. É como no velho dilema: não se pode conseguir emprego sem experiência, mas não se pode obter experiência quando não se consegue um emprego".

Concordando com as idéias da autora, todos nós, professores, temos que buscar alicerçar práticas pedagógicas inovadoras, trabalhando com novas atividades, numa constante e crescente qualificação e aprendizado, produzindo conhecimento necessário para uma sucedida

realização profissional. É preciso aprender a produzir conhecimento, pois segundo DEMO(1997), "ser inteligente é aprender, não ensinar".

Segundo SEABRA (1994,p.78), "o profissional do futuro terá como principal tarefa *aprender*, pois para executar tarefas repetitivas existem os computadores e robôs. Ao homem competirá ser criativo, imaginativo e criador". Pois, afinal, ,já estamos saindo do nosso século, da era material , passando pela era do conhecimento, para entrar no século XXI. A Era das Relações (MORAES, 1997,p.209), significa aceitar o desafio que o ser humano está evoluindo, compreendendo que o poder, anteriormente, voltado para o progresso material, está caminhando para a comunicação com o eu, com o outro, com a natureza e com o mundo. Vem daí, a importância da educação voltada para a formação integral do aluno, do desenvolvimento da sua inteligência, do seu pensamento, da sua consciência e do seu espírito, numa sociedade em permanente processo de transformação. Para tal, a educação deve oferecer instrumentos e condições que ajudem o aluno a aprender a aprender, aprender a pensar, a conviver, a amar, a construir caminhos, a tomar decisões, tanto individual quanto coletivamente. MORAES (1997)

A educação ainda não tem sido vista como instituição dinâmica. Possivelmente, pode ser devido a visão conservadora que vem sendo perpetuada pela maioria dos educadores , que reproduzem os conteúdos, prorrogando o seu processo de expansão. Para BEHRENS (1996,p.90): "A experiência tem demonstrado que nenhum professor altera seu paradigma de trabalho docente, se não acreditar e entender o seu significado". Os que alteram sua postura transformadora, são os

professores e pesquisadores que devotam toda uma vida de pesquisas, para estudar propostas metodológicas inovadoras, que possam apresentar resultados positivos aliados à uma prática pedagógica mais competente. Portanto, todo professor deve ser um pesquisador permanente em sua área.

A Filosofia, como componente do processo educacional, também deve adaptar-se às exigências da nova sociedade. Ao utilizar a reflexão como meio na busca do ser humano integral, pode colaborar no processo educativo do ensino superior. Em se tratando dos cursos de licenciatura especialmente, deve-se procurar fornecer aos futuros professores uma formação de qualidade que lhes amplie os horizontes para trabalhar com as próximas gerações.

Esta pesquisadora já começou a se preparar para enfrentar os desafios do novo século. Foi buscar nos paradigmas educacionais emergentes, contribuições de como produzir conhecimento em filosofia e incorporou uma nova postura para uma prática pedagógica mais consistente e competente, aprendendo com seus alunos uma nova visão de mundo e se preparando para a Era das Relações.

Neste contexto, optou-se por realizar uma experiência vivenciada da prática docente num paradigma emergente. Entendo por paradigma emergente, a aliança entre a abordagem progressista, o ensino com pesquisa e a visão holística da educação.

A aplicação do paradigma da abordagem progressista, propiciou aos alunos o exercício da leitura filosófica e da reflexão, desenvolvendo com eles a leitura paciente e discriminadora, para compreender o modo como o

pensamento se constituiu em cada texto e em cada filósofo. Na sala de aula dialógica, proposta por FREIRE (1995), foi criado um relacionamento interpessoal positivo e dialético entre a professora-pesquisadora e alunos e entre alunos e alunos, onde todos participaram, com desenvoltura e espontaneidade, dos diálogos e debates.

Alguns temas filosóficos propostos pelo livro , “O Mundo de Sofia”, foram discutidos com intensidade, levando os alunos a refletir sobre a própria vida e tirar suas próprias conclusões sobre os fatos. Esta metodologia progressista, despertou o senso crítico e o interesse em aprender mais sobre a filosofia.

Na metodologia do paradigma do ensino com pesquisa, os alunos perceberam que precisam ler mais para realizar a pesquisa, porque durante a produção de textos sobre os filósofos, encontraram algumas dificuldades para escrever. Constataram que é necessário conhecer antes sobre aquilo que será escrito depois. Perceberam também, que é melhor ser avaliado pelas produções de textos, do que por meio de provas, para as quais é preciso decorar e logo se esquecer do que aprendeu. Os alunos destacaram a importância da pesquisa, porque se aprende mais construindo o próprio conhecimento , confiando na própria capacidade, porque, segundo DEMO (1991 , p. 14) : “Quem ensina carece pesquisar, quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina, ,jamais o foi”.

A proposição metodológica do “ aprender a aprender”, que DEMO (1992), propôs para o ensino com pesquisa (1994), exige a superação de uma prática pedagógica, autoritária e conservadora em que o aluno precisa

parar de memorizar, copiar e repetir conteúdos desagregados da realidade e desafia para o enfrentamento que o espera como profissional crítico e criativo.

A visão holística da educação esteve presente em todas as etapas do trabalho, por ser um componente importante para a formação integral dos futuros professores, como também para os que já estão atuando. Tal paradigma oportunizou à pesquisadora e aos sujeitos envolvidos, durante as aulas de filosofia, a prática constante da meditação e do relaxamento para uma conexão mística com o mundo cósmico, como é realizada nas filosofias orientais. Com o desenvolvimento da espiritualidade e transcendência, podemos enfrentar com mais equilíbrio e tranquilidade os desafios cotidianos de nossa existência.

A execução da pesquisa, caracterizou-se, ao mesmo tempo, num clima de tensão e adesão. Tensão, pela minoria dos alunos envolvidos, que freqüentavam o curso de Matemática, composta por alunos adeptos às ciências exatas, que no início do processo, demonstraram pouco interesse pela disciplina de filosofia, porque exigiria muita reflexão e, principalmente, porque não concordavam em produzir os textos sobre os filósofos propostos. Detectado o problema, a pesquisadora dialogou com estes alunos e levou-os à reflexão sobre esta atitude imatura e nada ética, em se tratando de futuros professores. O resultado é que os alunos, mais conscientes, elaboraram a produção de textos individual, mas não aceitaram a proposta da elaboração do texto coletivo. Quanto aos alunos do curso de Pedagogia, a adesão à nova metodologia proposta, foi da maioria, se envolvendo em todas as etapas da pesquisa.

Como pesquisadora, procurou-se adotar uma nova postura frente à disciplina de Filosofia, substituindo a aquisição do seu saber, provocando a sua valorização, pela construção, visando a formação do futuro professor, com um novo estilo de filosofar, que se prepara para uma sociedade que prioriza a produção do conhecimento .

Ao serem convidados a avaliarem a nova metodologia proposta para o ensino da Filosofia, a grande maioria dos alunos manifestou um posicionamento positivo para a vivência nesta proposição metodológica e optou por sua continuidade, porque proporciona maior envolvimento e interesse em aprender esta disciplina, reconhecendo a necessidade de inovar.

A experiência em realizar esta pesquisa foi muito válida para todos os sujeitos envolvidos. Com uma prática pedagógica reflexiva, dinâmica e humana, voltada para a formação integral do aluno, as aulas de filosofia foram momentos privilegiados: todos repousaram no pensamento, propiciando uma oportunidade para que pesquisadora e alunos se relacionassem como cúmplices de um evento, que se preparam juntamente para conviver e criar um mundo com mais harmonia, fraternidade e solidariedade humana, no século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli Elisa e LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e Martins, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993 .
- BEHRENS, Marilda Aparecida . **A prática pedagógica dos professores e universitários : perspectivas e desafios frente ao novo século**. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1996 .
- _____. **A formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.
- _____. O desafio da Universidade frente ao novo século. In: **Educação: Caminhos e perspectivas**. Curitiba: Champagnat ,1996.
- _____. **Paradigmas pedagógicos**. Referenciais produzidos pela leitura, textos individuais, discussão e produção coletiva pelos mestrandos, turma/1996. Curitiba : PUC/PR, 1996.(trabalho escrito)
- _____. **A prática pedagógica no paradigma emergente**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Tese de Titular, Curitiba: 1998 (mimeo)
- _____. **A prática pedagógica dos professores universitários: perspectivas e desafios**. Revista Faculdade de Educação. Porto Alegre: PUCRS, Ano XXI, nº 35, 1998.
- BUARQUE, Cristovam. **Aventura na universidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- BUZZI, Arcângelo R. **Filosofia para principiantes.A existência humana no mundo**. Petrópolis, RJ : Vozes ,1997.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. As Ciências, A sociedade e a Cultura Emergente. São Paulo: Cultrix, 1995 .
- CARDOSO, Clodoaldo M. **A canção da inteireza. Uma visão holística da educação**. São Paulo: Summus,1995.
- CARVALHO, José Jackson de. **Universidade em debate**. João Pessoa: Grafset, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia. Ser, saber e fazer**. São

Paulo: Saraiva, 1996.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

_____. **Relação Ensino e Pesquisa**. In: VEIGA, Ilma Alencastro(Org.) **Didática: o ensino e suas relações**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

DAMKE, Ilda Righi. **O processo do conhecimento na pedagogia da libertação**. Petrópolis, R J: Vozes, 1995.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1989.

_____. **Pesquisa. Princípios científicos e educativos**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Vozes. 1993.

_____. **Pesquisa e construção do conhecimento - Metodologia Científica no Caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____. **Educação e qualidade**. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Professor: mago ou bode expiatório**. In: **ABC. Iniciação à competência reconstrutiva do professor básico**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **Educar pela pesquisa**. Campinas, S P: Autores Associados, 1996.

_____. **Conhecimento moderno: Sobre ética e intervenção do conhecimento**. Petrópolis, RJ: 1997.

DRUCKER, Peter. **A escola responsável**. In: **A sociedade pós-capitalista**. Tradução de Nivaldo Montongelli Jr. São Paulo: Pioneira, 1989.

DRYDEN, Gordon & VOSS, Jeanette. **Revolucionando o aprendizado**. São Paulo: Makron Books, 1996.

FAVARETTO, Celso F. **Sobre o ensino da filosofia**. In: *Revista Faculdade de Educação*. v. 19, nº 1, jan / jun. 1993.

FERGUSON, Marylin. **Voar e ver: Novos caminhos para o aprendizado**. In: *Conspiração Aquariana*. Trad: Costa, Evaristo, 7ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1992.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira . **Medo e ousadia**. O cotidiano do professor . São Paulo: Paz e Terra, 1992 .

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992 .

_____. Neoliberais e Progressistas. In: **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d' água, 1995.

_____. Dialogicidade. In : **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água ,1995.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

FREURY, Afonso Carlos Corrêa e VARGAS, Nilton. **Organização do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1983 .

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GADOTTI, Moacir. **Comunicação docente**. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1994.

GATE: Global Alliance for transforming Education. Educación 2000: Una perspectiva holística. **Holistic education review**, v.4,nº 4, Brandon-EUA, Holist Education Press, 1991.

GAZETA DO POVO. Curitiba. 17 de jul.1998. p. 10.

GAZETA DO POVO. Curitiba. 15 de jan.1999. p. 6.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva,1995.

GRANGER, G.G. **Por um conhecimento filosófico**. Trad. Bras. Campinas: Papyrus, 1989 .

GUSDORF, Georges. **Professores para quê ?** São Paulo: Martins Fontes, 1983.

HRYNIEWICZ, Severo. **Contribuições da filosofia à história da psicologia**. Rio de Janeiro: Santelena, 1996.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1965 .

KOGUT, Maria Cristina. **O ensino com pesquisa numa visão holística : A transformação da metodologia para buscar a formação do**

profissional de educação física. Dissertação de Mestrado. Curitiba, PUC/PR, 1998.

KONDER, Leandro. **O que é dialética.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEBRUN, Gerard. **Por que filósofo?** In: Estudos CEPRAP. São Paulo, nº 15, jan/mar, 1976.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1994.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social.** São Paulo: Cortez, 1991.

MACHADO, Nilson José. Conhecimento e ação docente: Considerações sobre o processo cognitivo. In: **Epistemologia e didática. As concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente.** São Paulo: Cortez, 1995.

MARÍAS, Julián. **Introdução à filosofia.** São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MESQUIDA, Peri. **Rompendo com a inércia: Pistas para uma reflexão sobre a dialética.** Curitiba: 1996 (mimeo.).

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia.** São Paulo: Cortez, 1994.

MIZUKAMI, M^a da Graça Nicoletti. **Ensino: As abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

MONDIN, Batista. **Introdução à filosofia.** Problemas, sistemas, autores, obras. São Paulo: Paulus, 1980.

MORAES, M^a Cândida. **O paradigma educacional emergente.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.

NÉRICI, Imídio. **Metodologia do ensino superior.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OECH, Roger Von. **Um "toc" na cuca.** São Paulo: Cultura, 1995.

PARADA, Dr. Juan E. Basdrech. **¿Cómo hacer operativa la formación humanista en la universidad** México, DF.:Universidad Iberoamericana, 1988.

PEREIRA, José Otaviano. **Aristóteles: O equilíbrio do ser.** São Paulo: FTD, 1994.

- PERRENOUD, Philippe. **Práticas, profissão docente e formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.
- PROFISSÃO. **Guia de informação profissional do Paraná**. nº 8. Gazeta do Povo/Positivo/Seed. Curitiba: Posigraf, 1997.
- RAYS, Osvaldo Alonso. **A leitura para repensar a prática educativa**. Porto Alegre: Sagra, 1990.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Platão. Ousar a utopia**. São Paulo: FTD, 1994.
- RIOS, Teresinha A. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez, 1993.
- RUSS, Jacqueline. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Scipione, 1994.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação: Do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1986.
- _____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1991.
- SEABRA, Carlos. Uma nova era na educação. In: **A revolução tecnológica e os novos paradigmas da sociedade**. Belo Horizonte: Oficina do Livro/ IPSO, 1994.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1996.
- SCHMITZ, E. F. **Caminhos da universidade brasileira. Filosofia do ensino superior**. Porto Alegre: Sagra, 1984.
- SHON, Donald. **Formar professores como profissionais**. In: NÓVOA, Antonio (org.) Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SILVA, Sonia Aparecida Ignácio. **Valores em educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SINGER, Peter. **Ética prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- TÉSSER, Gelson. **Habermas. Teoria Crítica. Escola de Frankfurt**. Anotações da aula de mestrado. Curitiba, PUC/PR, 20 de jun. 1996.
- THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação no campo da comunicação sociopolítica**. Comunicação e Sociedade. Comunicação & Sociedade, nº 4, 1980.

- _____. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.
- TRIVINOS, Augusto N. Silva. **Introdução à pesquisa em estudos sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.
- TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Tradução de João Távora. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. **Repensando a prática pedagógica em história da educação pela adoção do ensino com pesquisa, numa abordagem emergente**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: PUC/PR, 1998.
- WEIL, Pierre. O novo paradigma holístico. In: BRANDÃO, Dênis & CREMA, Roberto. **O novo paradigma holístico**. São Paulo: Summus, 1991.
- WERNECK, Hamilton. **Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata**. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

ANEXOS

**ANEXO 1 - MINUTA DO TERMO DE COMPROMISSO PARA O
DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA**

Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória - PR

Departamento de Educação

Cursos: Pedagogia e Matemática

Disciplina: Filosofia

Professora: Ladi Tamara Benda Witiuk

Ano letivo: 1998 (1º e 2º bimestres)

Assunto: Minuta do termo de compromisso para o desenvolvimento da pesquisa

1. Descrição Geral de disciplina:

Filosofia é uma disciplina obrigatória no 1º ano dos cursos de graduação do Ensino Superior.

O programa foi elaborado de modo a oferecer aos estudantes uma introdução geral da Filosofia baseada na leitura reflexiva de alguns temas importantes do livro, que é um romance da história da filosofia, " O Mundo de Sofia", de Jostein Gaarder.

Por meio de seus personagens, Alberto e sua aluna Sofia, o escritor alerta seus leitores do quanto o pensamento crítico e o questionamento filosófico são importantes para o conhecimento próprio e global.

Mestre e discípulo, para isso, percorrem os séculos através da evolução do pensamento humano, abordando enriquecedoras narrativas, identificando-se com filósofos de antes de Cristo, comparando sociedades e aguçando o espírito crítico, fazendo parte do processo. Julga-se, por vezes, estar chegando a uma verdade absoluta quando, ao virar a página, depara-se com novas perspectivas igualmente consistentes. Para aquele que mergulha nesta aventura, passa a ser incogitável o fato de ficar alheio aos fantásticos mistérios da existência.

Escolheu-se para trabalhar com o livro "O Mundo de Sofia", porque a pedagogia que está implicada no livro, é a de conduzir o leitor a "saber pensar", para perceber que o mundo que habitamos é por fim, " O Mundo de Sofia".

Após esta contextualização, pretende-se focar também, que esta disciplina pode sobretudo mostrar aos estudantes, de forma equilibrada, os caminhos à luz da razão, ao método científico, à crítica da ciência e do humanismo.

É preciso preparar um homem que se adapte melhor ao mundo tecnológico em acelerada mudança e a filosofia mais dinâmica, com os enfoques reflexivo e humanista é o meio de contribuir para a formação de um ser humano mais humanizado, aperfeiçoando suas potencialidades cognitivas para exercer com competência, tarefas e responsabilidades que o progresso exige e, principalmente, preparar-se conscientemente para a futura prática pedagógica.

2. Objetivos específicos:

A disciplina visa especificamente:

a) Analisar filosoficamente os temas propostos para que dessa reflexão, resultem estudantes com maior formação humanística, uma das exigências do mercado de trabalho moderno;

b) Discutir criticamente o envolvimento dos estudantes, com um desempenho solidário e ético, estimulando-os na solução dos problemas sociais da vivência cotidiana;

3. Familiarizar os estudantes com as mais importantes idéias e contribuições dos filósofos que integram o campo do conhecimento, para a adoção de uma filosofia própria de vida.

3. Conteúdo programático:

O programa abrange o estudo dos seguintes temas:

1. Visão panorâmica do início da Filosofia

a) O que é Filosofia

b) O que é filosofar

2. Filosofia Pré- Socrática

3. Filosofia clássica: Sócrates, Platão e Aristóteles

4. Leitura e produção de textos:

a) Construção lógica do trabalho

b) Análise comparativa

4. Metodologia:

A disciplina será trabalhada com ênfase em aulas expositivas dialogadas, na produção de textos filosóficos individuais e coletivos e na discussão crítica e apresentação da produção dos temas propostos.

5. Expectativas:

5.1. dos alunos com o professor:

Tendo em vista que o professor pode ser considerado como um especialista (embora inacabado e sempre em formação) dentro de sua área, como a autoridade formal dentro da sala de aula, um facilitador e um orientador dos recursos disponíveis para a aprendizagem, os alunos podem, mais especificamente, esperar do professor:

-a programação prévia da disciplina e apresentação clara da mesma;

-a seleção da bibliografia básica abrangente da disciplina e específica para cada assunto;

-a preparação e exposição dos temas do programa;

-a coordenação dos momentos de diálogo e de discussão em grupo;

-a orientação para a elaboração dos trabalhos;

-a oferta, quando necessário, de explicações adicionais e clarificações às leituras;

-o atendimento para orientações em eventuais necessidades dos alunos;

-a avaliação da qualidade do desempenho acadêmico dos alunos.

5.2. do professor para com os alunos:

5.2. do professor para com os alunos:

Tendo em vista que a aprendizagem se dá, não quando o professor ensina, mas quando o aluno aprende, para que esta se realize, o professor espera dos alunos:

- o interesse em aprender e o esforço em estudar;
- a freqüência e comparecimento pontual às aulas;
- a participação ativa nas discussões e debates;
- o estudo dos textos básicos e a leitura dos textos complementares;
- a preparação e apresentação dos seminários programados;
- a apresentação, em forma concluída e nos prazos estabelecidos, das atividades programadas e dos trabalhos escritos solicitados.

6.Avaliação:

A qualidade do desempenho acadêmico do aluno será avaliada com base no desenvolvimento das seguintes atividades e dos seguintes critérios:

- a) Presença e participação ativa nas aulas;
- b) Leituras realizadas com anotações e comentários;
- c) Comprovação da leitura de textos indicados e recomendados;
- d) Produção individual e coletiva de textos;
- e) Participação efetiva nas discussões críticas sobre os temas propostos;
- f) Apresentação e discussão dos textos construídos pelos alunos.

7.Orientações para as atividades:

7.1.Leituras

As leituras são provindas de livros indicados na bibliografia, que compreendem temas filosóficos e que estão relacionados com a temática de estudo. Os textos para leitura serão indicados, com o mínimo uma semana de antecedência. Espera-se que os alunos tenham estudado os textos indicados e, igualmente lido o material complementar recomendado para as discussões em

sala de aula e para a produções de textos, tanto individual quanto coletivo. Para tal, os textos estarão disponíveis na central de fotocópias da faculdade.

7.2. Elaboração da pesquisa:

a) **Descrição:** Cada aluno deve de início, produzir pequenos textos (paper) de análise crítica sob um tópico relevante do programa e, sob a ótica filosófica. O trabalho de produção de texto mais consistente, vai adotar a forma de **Análise Comparativa**: Elaborar, com enfoque pessoal, uma comparação entre dois filósofos, resumir seus pontos de vista e mostrar as diferenças e relações existentes entre ambos.

b) **Objetivos:** O propósito deste trabalho é:

- incentivar ao aluno o acesso às literaturas filosóficas, abrindo seus horizontes;
- encorajá-lo a escrever sobre os temas propostos;
- familiarizar o estudante com a produção da pesquisa científica;
- alertar a consciência crítica do aluno;
- estimular à formação da opinião própria ;
- mostrar a relação existente entre o texto escrito e a sua aplicação em situações concretas .

c) **Extensão:** O trabalho deverá ter no mínimo 2 e, no máximo, 3 páginas.

d) **Formato:** Todos os trabalhos devem ser, preferencialmente, digitados no computador. Capas de qualquer tipo são dispensáveis. Devem apresentar uma página de rosto que contenha os seguintes dados: nome da instituição, série, turma, curso, profº , título do trabalho, nome do estudante e a data. A última página deve listar as referências bibliográficas usadas no trabalho, baseadas nas normas da ABNT.

e) **Avaliação:** Ao ler os trabalhos, o professor levará em consideração se o texto usa as referências bibliográficas indicadas e se demonstra capacidade de análise e julgamento, com originalidade.

f) **Estilo:** Espera-se que a redação dos estudantes e/ou dos futuros professores, deverá ser bem elaborada, com linguagem clara, concisa, bem

enfocada, articulada, elegante e na medida certa, com começo, meio e fim. (não escreva mais do que você tem a dizer) Gramaticalmente, deverá ser correta e sem erros de ortografia na digitação. Os trabalhos devem ser limpos e legíveis.

Prazo de entrega: Todos os trabalhos deverão ser entregues na data marcada ou antecipadamente. Entregas fora de prazo, só serão aceitas mediante justificativa muito séria, por escrito.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.

BUZZI, Arcânjelo R. **Filosofia para principiantes. A existência humana no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

CORDI, Santos, Bório et alii. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 1995.

COTRIM, Gilberto. **Fundamento da filosofia. Ser, saber e fazer**. São Paulo: Saraiva, 1996.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1989.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1994.

HRYNIEWICZ, Severo. **Contribuições da filosofia à história da psicologia**. Rio de Janeiro: Santelena, 1996.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1965.

PEREIRA, Otaviano José. **Aristóteles: o equilíbrio do ser**. São Paulo: FTD, 1994.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Platão: ousar a utopia**. São Paulo: FTD, 1994.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Scipione, 1994.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: Do senso comum à consciência filosófica**.
São Paulo: Cortez, 1986.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

SINGER, Peter. **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

**ANEXO 2 - EXEMPLIFICAÇÃO DAS PRODUÇÕES DE TEXTOS
INDIVIDUAIS DE DOIS ALUNOS DE PEDAGOGIA E DOIS ALUNOS DE
MATEMÁTICA**

FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CURSO: PEDAGOGIA SÉRIE: 1.^a
DISCIPLINA: FILOSOFIA
PROFESSORA: LADI TAMARA BENDA WITIUK
ACADÊMICA: [REDACTED] [REDACTED]

10.0
[Signature]

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE PLATÃO E ARISTÓTELES

Platão nasceu em Atenas (427-347 a.C.), filho de uma nobre família ateniense, originariamente se chamava Aristócles, mas, por possuir ombros largos, recebeu o apelido de Platão, que é o termo grego para ombros largos. Foi discípulo de Sócrates e o tinha como um homem sábio e justo. Após ter presenciado a execução de seu mestre, viajou durante algum tempo por diversos lugares, aumentando seus conhecimentos e aprofundando sua pesquisa filosófica. Em 387 a.C. fundou sua própria escola filosófica em Atenas, a qual deu o nome de Academia, em homenagem a seu amigo Academus. Esta surgiu como uma das primeiras Universidades e foi pioneira na pesquisa científica e filosófica, tornando-se também um centro de formação política. Platão dedicou grande parte de sua vida ao estudo e ensinamentos filosóficos. Escreveu também grandes obras, onde transmitia suas idéias. Dentre as que mais se destacam estão: O Banquete, A República, Fédon, Fedro, Mênon e As Leis. Dentre muitos discípulos que passaram por sua academia destacou-se Aristóteles.

Aristóteles (384-322 a. C.), nascido em Estagira, na Macedônia, filho de um médico do rei da Macedônia. aristóteles ingressou na Academia de Platão por volta dos 18 anos e permaneceu nela por aproximadamente 20 anos. Por ocasião da morte de Platão estava entre os mais qualificados para assumir a direção da Academia, mas foi rejeitado por ser estrangeiro. Deixou então a Academia partindo para Assos, na Mísia, Ásia Menor, onde permaneceu até 345 a.C. Depois disso foi professor de Alexandre, filho do rei da Macedônia, até 340 a.C., ocasião em que Alexandre assumiu o reinado do pai. Em 335 a. C. retornou a atenas e fundou sua própria Escola Filosófica, que levou o nome de Liceu, onde permaneceu lecionando por doze anos. Em 323 a.C. novamente teve que deixar Atenas pelos mesmos motivos anteriores e Aristóteles não queria que se repetisse na história de Atenas o que havia acontecido com Sócrates. Aristóteles está entre os mais importantes filósofos gregos.

Platão considerava que tudo o que pertence a natureza e é sensível ao nosso toque se corroe com a ação do tempo, por isso não pode ser objeto de comprovação de conhecimento. Mas acreditava que para tudo havia uma forma no mundo das idéias, uma forma eterna e imutável. Para ele, este mundo das idéias se encontra no abstrato e dá forma a tudo o que existe no meio físico. Assim ele dividia a realidade em dois grupos:

Mundo dos sentidos: ele acreditava que com o uso dos cinco sentidos não chegamos ao verdadeiro conhecimento, pois as coisas que tocamos surgem e depois desaparecem, por isso não podemos comprová-las.

Mundo das idéias: este mundo não pode ser conhecido através dos sentidos, mas sim, pelo lado da razão. Para ele o verdadeiro conhecimento consiste em ver as coisas exatamente como elas são, com a razão, e não através de sombras, imaginando como deveriam ser. deixou isso registrado em um de seus textos : “Mito da Caverna”. O pensamento dele consistia em que não podemos comprovar que algo realmente existe se depois ele desaparece. Já com coisas abstratas, usando como exemplo a matemática, você tem um conhecimento sujeito à comprovação: $2+2=4$, mesmo com o passar do tempo este será sempre o mesmo resultado.

Aristóteles concordava com seu mestre que no mundo sensível tudo se transforma, que um cavalo nasce, vive um determinado tempo e depois morre, mas não concorda que exista essa “idéia cavalo” pairando no ar. Para ele, você só reconhece determinado ser depois de ter algum conhecimento sobre ele. Você não pode dizer que é um cavalo se você não tivesse visto e ouvido falar de um cavalo antes.

Platão dizia que o mais importante era pensar com a razão e que o que víamos na natureza já estava em nossa idéia sem a termos visto antes, mas Aristóteles, achava que só teríamos o conhecimento do objeto após o vermos e ouvirmos falar dele, usando nossos sentidos, portanto, só o comprovaríamos como verdadeiros após o uso de nossos sentidos.

Aristóteles concordava com o mestre a respeito da importância da razão, mas achava que ela era vazia enquanto os sentidos não possuísem contato prévio com a natureza. O ser não surge de idéias soltas pelo ar, ele surge com uma forma pré-determinada e formado por uma substância x. Ele acreditava que tudo o que surge na natureza tem uma finalidade. Ele organizou os seres em dois grupos:

Seres inanimados: pedra, terra e água, não se transformam sózinhos, só ao contato de agentes externos.

Seres vivos: plantas, animais e homens, eles tem capacidade de transformação próprios, e ainda deu-lhes as seguintes características: eles são capazes de se alimentar, crescer e se multiplicar, além disso os animais e os homens podem se locomover e perceber o que há em torno deles, e aos homens ainda a capacidade de falar, pensar, se comunicar e trocar idéias com os outros homens. Para Aristóteles havia um ser supremo; um Deus, criador de todas as coisas, que criou o homem dotado de inteligência e capacidade de discernir entre o certo e o errado.

Aristóteles ainda acreditava em três possibilidades de felicidade: primeiro prazeres e satisfação, segundo vida livre e responsável e por último vida como pesquisador e filósofo, mas, para encontrar a verdadeira felicidade, deve haver equilíbrio entre elas.

Podemos incluir ainda a “ética de Platão e Aristóteles que lembra a ciência médica grega: só através do equilíbrio e da moderação é que podemos nos tornar pessoas felizes ou harmônicas”.(GAARDER, Jostein p.132).

Segundo Platão havia um modelo ideal de Estado regido pela razão o qual ele comparava ao corpo humano:

Corpo	Alma	Virtude	Estado
Cabeça	Razão	Sabedoria	Governantes
Peito	Vontade	Coragem	Sentinelas
Baixo-ventre	Desejo	Temperança	Trabalhadores.

Platão deixou isto bem definido em sua obra A República.

Aristóteles também concordava com Platão neste ponto, que o Estado deveria ser o ponto de união de todos os homens.

Platão considerava as mulheres seres dotados de razão e capacidade iguais as dos homens, achava que elas deveriam ter direitos iguais a eles, que poderiam governar um estado com a mesma capacidade que os homens, e ainda, que a educação das crianças era obrigação do estado.

Aristóteles não concordava com o mestre, pois achava que as mulheres não tinham inteligência e que eram apenas objetos destinados à reprodução, e este pensamento permaneceu durante toda a Idade Média, época em que a mulher ficou relegada a um segundo plano.



BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.

COTRIM, Gilberto. Fundamentos da Filosofia, Ser, Saber e Fazer. São Paulo: Saraiva, 1996.

GAARDER, Jostein. o mundo de Sofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



“ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE PLATÃO E ARISTÓTELES”

Trabalho apresentado à disciplina de Filosofia, no curso de Pedagogia, da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória.
Prof.ª: Ladi Tamara Benda Witiuk

UNIÃO DA VITÓRIA
1998

9,5

Categorias abordadas:

1. Vida.
2. Pensamento Filosófico.
3. Onde se encontram.
4. Onde se diferenciam.

Platão e Aristóteles são considerados os maiores filósofos gregos.

Platão (427-347 a C), nasceu numa aristocrata família ateniense, seu verdadeiro nome era Arístocles, porém recebeu o apelido de “Platão” devido a sua constituição física (ombros largos). Foi discípulo de Sócrates e após sua morte fundou uma escola filosófica chamada de “Academia”, uma espécie de universidade pioneira dedicada a pesquisa científica.

Aristóteles nasceu em Estagira, na Macedônia (384-322 a C), ainda jovem tornou-se órfão e foi enviado por seu tutor a Atenas para estudar. Aos dezoito anos de idade ingressa na escola filosófica de Platão, aí permanecendo por vinte anos. Aristóteles é considerado um dos maiores filósofos gregos da Antigüidade.

O aspecto mais importante da filosofia de Platão é a sua teoria das idéias, a qual procura explicar como se desenvolve o conhecimento humano, esse processo, segundo ele, se desenvolve por meio da passagem progressiva do mundo das sombras e aparências para o mundo das idéias e essências, para ele nada do que existe no mundo dos sentidos é duradouro. Segundo ele “para o conhecimento ser autêntico, ele deve ultrapassar a esfera das impressões sensoriais, o plano da opinião, e penetrar na esfera racional da sabedoria, o mundo das idéias. Para atingir esse mundo, o homem não pode ter apenas “amor às opiniões” (filodoxia); precisa possuir um “amor ao saber” (filosofia).” p.107

O método proposto por Platão para atingir o conhecimento autêntico (epistème) é a **dialética**, o dialogo, ou seja, uma contraposição de uma opinião com uma crítica que

podemos fazer dela. A diferença entre conhecimento e opinião, consiste no fato de que, quem possui conhecimento tem conhecimento de alguma coisa, isto é, de algo que existe, pois o inexistente não é nada. A opinião tem que ser tanto do que é, como do que não é, não se pode opinar a respeito do que não existe, pois isso é impossível, nem tampouco a respeito do que existe,, pois, isso seria conhecimento, concluindo, a opinião se forma do mundo apresentado pelos sentidos, enquanto o conhecimento é um mundo eterno, a opinião, por exemplo, trata das coisas belas determinadas; o conhecimento ocupa-se da beleza em si.

Essa teoria de Platão (teoria das idéias) representava a tentativa de conciliar as duas grandes tendências anteriores da filosofia grega: a concepção do ser eterno e imutável de Parmênides e a concepção do ser plural e móvel de Heráclito.

Aristóteles, por outro lado, era apaixonado por biologia e pelas ciências naturais, dedicando inúmeros estudos à observação da natureza e a classificação dos seres vivos. Tendo em vista a elaboração de uma visão científica da realidade, desenvolveu a lógica para servir de ferramenta ao raciocínio, para ele a finalidade das ciências seria desvendar a constituição essencial dos seres, procurando defini-la em termos reais.

Ao abordar a realidade, reconhecia a multiplicidade dos seres percebidos pelos sentidos, para ele, tudo o que vemos, pegamos, ouvimos e sentimos é aceito como elemento da realidade sensível.

Aristóteles rejeitava a teoria das idéias de Platão, pois para ele a observação da realidade leva-nos à constatação da existência de inúmeros seres individuais, concretos, mutáveis, que são captados por nossos sentidos.

Resumindo, para Platão os sentidos não conseguem fornecer qualquer tipo de conhecimento para o ser humano, já para Aristóteles todo o conhecimento adquirido pelo homem começa exatamente pelos sentidos.

Esses dois grandes filósofos, porém acreditavam na existência da alma e concordavam que a idéia flui, e não dura para sempre, mas a forma (o conhecimento) era eterno e imutável. Para Platão este aspecto eterno e imutável não é um “elemento básico” físico, para Aristóteles a “idéia” ou a “forma” só existirão após uma experiência vivida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires, **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia. Ser, Saber e Fazer**. São Paulo: Saraiva, 1996.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HRYNIEWICZ, Severo. **Contribuições da Filosofia à História da Psicologia**. Rio de Janeiro, 1996.

Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória-Pr.

Curso de Matemática

Disciplina: Filosofia

Professora: Ladi Tamara Benda Witiuk.

Aluno: XXXXXXXXXX

Data: 19/06/1998

Assunto:

Filósofos Platão e Aristóteles.

9,0


Platão

Filósofo grego (427 a.C.? - 347 a.C.?) .

Considerado um dos mais importantes de todos os tempos. Suas teorias, chamadas de platonismo, concentram-se na distinção de dois mundos: o visível, sensível ou mundo dos reflexos, e o invisível, inteligível ou mundo das idéias. Nasce em Atenas, torna-se discípulo de Sócrates e desenvolve a Teoria do Método (ou dialética) e a Teoria da Reminiscência, segundo a qual o homem vive no mundo das idéias antes de sua encarnação e as contempla em seu estado puro. Após a morte de Sócrates, em 399 a.C., deixa Atenas e viaja por muitos anos, passando pelo Egito e pela Itália. Na Sicília é incumbido de ensinar filosofia ao rei Dionísio, que depois o expulsa de sua corte, vendendo-o como escravo. Volta a Atenas em 387 a.C. e funda a Academia, procurando reabilitar a filosofia de Sócrates. Não há consenso sobre a cronologia da obra de Platão. Seus livros mais conhecidos são Apologia de Sócrates , em que retoma as teorias do mestre sobre a idéia, dando-lhes novo sentido; O Banquete, que expõe de forma poética a dialética do amor; e A República , que contém em síntese toda sua filosofia e aborda teorias sobre a imortalidade da alma, a política e a dialética. Morre em **Atenas**.

Aristóteles

Filósofo grego (384 a.C. - 322 a.C.).

Considerado o fundador da lógica, sua obra tem grande influência na teologia cristã na Idade Média. Nasce em Estagira, antiga Macedônia, atual província da Grécia. Muda-se para Atenas aos 17 anos, onde permanece como discípulo de Platão por 20 anos. Após a morte de Platão, passa três anos em Assos, na Ásia Menor, e muda-se para a ilha de Lesbos. Em 343 a.C., é chamado para ser professor de Alexandre, o Grande, da Macedônia. Quando este assume o trono, volta a Atenas e, em 335 a.C., organiza sua própria escola, o Liceu, voltada para a pesquisa das ciências naturais. Aristóteles desenvolve aí um sistema filosófico baseado em uma concepção rigorosa do Universo. De orientação realista, defende a busca da realidade pela experiência. Para ele, deve-se procurar o conhecimento por meio do "intelecto ativo", como denomina a inteligência. Todas as suas obras se perderam, salvo Constituição de Atenas. O pensamento aristotélico foi preservado por seus discípulos e atinge várias áreas do conhecimento, como lógica, ética, política, teologia, metafísica, poética, retórica, antropologia, psicologia, física e biologia . Seus escritos lógicos estão reunidos no livro Organon. Morre em Cálcis, na ilha de Eubéia, na Grécia.



Pensamento Filosófico

Platão

- A primeira etapa do conhecimento é dominada pelas sensações ou emoções advindas dos sentidos, responsáveis pela formação da opinião.
- O método para atingir o saber é purificar a opinião através de críticas e alterá-la até torná-la perfeita.
- Para atingir o mundo perfeito, deve-se levar em conta apenas o lógico, o mundo das idéias (racional). Tudo que percebemos através dos sentidos é incompleto, imperfeito, pois temos uma visão equivocada das coisas, é como se víssemos só a sombra do que nos é apresentado. Segundo Platão, a maioria das pessoas vive no mundo das ilusões (Numa caverna, acorrentados de costas para a claridade, vendo na parede as sombras de tudo o que passa pela entrada da caverna) e só os filósofos é que podem tirá-los de lá e lhes apresentar o mundo na sua perfeição, o que é difícil, pois as pessoas se recusam a acreditar que existe um mundo além daquele que elas vêem retratado na parede da caverna., para Platão, o mundo dos fenômenos é uma sombra do mundo racional.

Aristóteles

- A finalidade básica das ciências seria a de desvendar a constituição essencial dos seres, procurando a sua definição baseando-se em fatos reais.
- Tudo o que vemos, pegamos, ouvimos e sentimos é aceito como elemento da realidade sensível.
- Através de um processo de conhecimento, que partindo do individual ou específico para o universal ou genérico, devemos atingir a essência do ser, partindo da sua existência.
- O ser individual não pode ser objeto da ciência, mas a ciência deve atingir a compreensão universal do ser.
- O processo intelectual básico de aquisição do conhecimento é a indução, que possibilita ao ser humano, chegar a conclusões de âmbito universal, partindo de dados concretos e reais.
- Existe no ser o ATO (aquilo que ele já é) e a POTÊNCIA (aquilo que ele pode vir a ser).
- Há também nos seres existentes a SUBSTÂNCIA (aquilo que forma o ser) e o ACIDENTE (aquilo que o ser pode conseguir, mas que não é necessário para a sua existência). Ex.: Uma árvore, pelo fato de ela possuir flores ou não, não deixa de ser uma árvore.
- O ato de pensar é a essência da natureza humana.
- Para ser feliz, o homem deve viver de acordo com a sua consciência reflexiva.
- A virtude é a perfeição, representa o meio termo entre duas ações extremistas..

Analisando as idéias dos dois filósofos, podemos constatar que, mesmo um Aristóteles tendo sido discípulo de Platão, as suas idéias são completamente diferentes das do mestre, chegando inclusive a criticar várias delas.

No que os dois estavam de acordo é que o ser humano, para atingir a sabedoria, deveria fazê-lo pela lógica.

Para Aristóteles, as ciências tem a finalidade de explicar, em termos reais, ou seja, baseando-se no mundo material, a essência dos seres. Já para Platão, o mundo material seria uma distorção do mundo das idéias, não passando de uma sombra deste.

Platão aceitava a existência de um mundo paralelo ao que sentimos à nossa volta, um mundo onde não existiriam coisas errôneas, mas idéias, conceitos e a lógica. Em suma, um mundo científico, esse mundo seria a real perfeição, e tudo o que nele acontece, teria o efeito de um reflexo no mundo que conhecemos pelos nossos cinco sentidos.

Para Platão, todos os seres seriam únicos, concretos, mutáveis, não interessando estudá-los, pois a verdadeira realidade estaria no mundo perfeito das idéias, teoria que não vingava para Aristóteles, que dizia que todos os seres, na sua formação, são iguais, e as diferenças (feio, bonito, gordo, magro) seria "acidentes", que não alteram a substâncias (o ser em si). O que diferiria de homem para homem são os "atributos", que ajudam a formar a substância e definem a essência. Os atributos seria as qualidades morais.

Assim, Aristóteles rejeitava o mundo das idéias, que para Platão, seria o mundo que todos devia estar, esforçando-se para atingi-lo cada um particularmente. Para Aristóteles, haveria uma igualdade de "essência" entre os seres, o que os diferenciariam seriam os "atributos" e, mais superficialmente, os "acidentes".

Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires, *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia. Ser, Saber e Fazer*. São Paulo: FTD, 1998.

ABRIL, *Almanaque*, Editora Abril, 1998.

FUNDAÇÃO FACULDADE ESTADUAL DE
FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS

UNIÃO DA
VITÓRIA

ESTADO DO
PARANÁ

ARISTÓTELES

E PLATÃO

ALUNA: 

NÚMERO : 

SÉRIE : 1ª MATEMÁTICA

DISCIPLINA : FILOSOFIA

PROF. LADI TAMARA BENDA WETZEL

9,5



Nos primórdios dos tempos medievais, onde a cultura grega preocupava-se com o conhecimento, surgiram dois grandes filósofos : Platão e Aristóteles, que ressaltaram os pensamentos, sendo criticados e altamente respeitados, por possuírem grande capacidade, intelectual de reflexão e interpretação dos acontecimentos e mudanças que preocupavam o povo medieval.

Platão viveu entre os anos de 428 a 347 a C., foi discípulo e particular amigo de Sócrates. Platão fez várias viagens que ampliaram seus horizontes culturais e amadureceram suas reflexões filosóficas. Fundou a famosa Academia em Atenas, marco profundo da vida cultural ateniense, uma vez que de lá saíram grandes pensadores, entre os quais o célebre Aristóteles.

Com respeito, houve na corte mal-entendidos, que privaram-no de sua liberdade de agir e culminaram com uma guerra civil, onde foi assassinado Dionísio II. Platão foi vendido como escravo e comprado por um discípulo que o levou a academia.

Em suas obras transformou as teorias de Sócrates em Sistemas. É autor de célebres diálogos: Fedon, Fedro, Parmênides, O Banquete, Menon, Apologia de Sócrates, Timeu, a República, O sofista, As leis, A Política.

No ano 384 a. C., nasceu em Estagira, o maior filósofo grego da antigüidade ou a maior figura de toda a filosofia : Aristóteles.

O estagirita, assim chamado, ficou órfão muito cedo. Foi educado por Piroxeno, um amigo da família. Desde muito cedo, Aristóteles apresentou interesse pela pesquisa científica, a exemplo do seu pai Nicômano, que foi um célebre médico e prestou serviços ao rei da Macedônia.

Após a morte do seu progenitor seguiu para Atenas, com apenas 17 anos de idade para estudar com Platão, com o qual permaneceu durante 20 anos. Platão possuía uma grande admiração por Aristóteles, e o considerava "a inteligência da escola". Em 335 a C., Aristóteles fundou a escola do Liceu para ministrar ensinamentos. As aulas eram dadas, passeando mestres e alunos, por isso recebeu o nome de peripatética. Morreu com 62 anos de idade, após ser julgado pelo areópago em 322 a C., Os tratados de Aristóteles não foram redigidos por ele, mas sim por seus discípulos e ouvintes. Constituem uma obra vasta dividida em quatro grupos: Organum ou Analíticas, como primeiro momento do conhecimento; da percepção à experiência, a memória prepondera as leis universais. A obra das partes dos animais expõe às ciências anatômica e fisiológica comparadas. Na metafísica surge a teologia "numa teoria de Deus como centro do Universo".

A ética a Nicômano, política é obra de moral e de Política. Aristóteles escreveu ainda, Poética, Retórica.

Platão e Aristóteles foram preceptores de ensinamentos do conhecimento, cada um tinha um sistema filosófico para tentar provar que a razão humana é capaz de atingir a verdade.

Uma das mais importantes maneiras propostas por Platão para atingir o conhecimento legítimo é a dialética, que tem por objetivo desvendar a teoria das idéias.

Esse processo do conhecimento aplica-se em meio a passagens progressivas do mundo das sombras e aparências para o mundo das idéias e essências.

São dois mundos separados, embora relacionados. O mundo das sombras que é a nossa experiência cotidiana é dominado pela aparência, a qual nos cega o verdadeiro conhecimento. Embora as sombras e as aparências não sejam totalmente falsas, pois através delas podemos chegar à Razão, a qual nos leva ao Mundo das Idéias. Para Platão é no mundo das idéias que podemos encontrar a beleza em sua totalidade, onde podemos descobrir seres totais e perfeitos, e tudo que se pode captar fora desse mundo através dos sentidos é o mundo dos seres incompletos e imperfeitos.

Já Aristóteles pensava diferente, esse foi o motivo que ocasionou o rompimento com o mestre.

Aristóteles, deu importância à observação, e dizia que no nosso cotidiano não existem esses objetos ideais, tudo o que existe e sofre transformações são as coisas ou entes. Segundo o filósofo, é através da nossa mente que podemos conhecer a realidade. Porque a realidade é a adequação entre o conteúdo da nossa mente e o que passa na realidade exterior. Tudo o que a nossa inteligência elabora provém da realidade exterior, objetiva, tendo passado em primeiro lugar pelos nossos sentidos.

Esse método de Aristóteles era contrário ao de Platão, que dizia que o objetivo do conhecimento real deve ser percebido diretamente pelo espírito e não pelos sentidos, o qual caracterizou um a diferença de pensamento entre ambos.

Para Aristóteles uma criatura de sensibilidade é capaz de perceber e portando de distinguir aspectos do mundo exterior. O homem obtém conhecimentos seguros, mas isso seria indispensável a participação do espírito, o qual Platão considerava fundamental para chegar ao verdadeiro conhecimento.

Foram dois admiráveis filósofos, entregaram-se ao estudo em busca de conhecimentos.

Não só possuíam uma grande capacidade de reflexão e interpretação filosófica, mas também uma capacidade de bom senso, pois não desistiram apesar da repressão e tiveram coragem de mostrar ao povo o caminho que leva ao conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e Martins, Maria Helena Pires. **Filosofando:**

Introdução à Filosofia. São Paulo : Moderna, 1993.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia.**
Ser, Saber e Fazer.
São Paulo : Saraiva, 1996.

PEREIRA, Otaviano José. **Aristóteles: o**
equilíbrio do ser.
São Paulo: FTD, 1994.

**ANEXO 3 - EXEMPLIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO DE TEXTO COLETIVO
DOS ALUNOS DE PEDAGOGIA**

Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras.

Curso: Pedagogia

Disciplina: Filosofia

Platão e Aristóteles
Análise Comparativa

Trabalho produzido pelos alunos do 1º
ano de Pedagogia, na disciplina de
Filosofia, solicitado pela professora
Ladi T. B. Witiuk

União da Vitória, PR - Julho de 98

95
[Assinatura]

VIDA

PLATÃO

Platão nasceu e viveu em Atenas em 427 a . C. até 347 a . C. Seu verdadeiro nome era Aristócles, devido ao seu porte físico recebeu o apelido de Platão.

Platão descendia de uma família nobre. Foi discípulo de Sócrates. Após a morte de seu mestre Platão publicou o discurso de defesa de seu mestre.

Platão também construiu sua própria escola, que chamou de Academia, onde era ensinado matemática, filosofia e ginástica.

Principais Obras: O banquete, A República, Fedon que compõem o Corpus Platonicum.

Acadêmicas:

ARISTÓTELES

Aristóteles (384-322 a . C.) , nasceu em Estagira, na Macedônia. Era filho de Nicômaco médico do rei de AmintasII. Ainda jovem foi enviado por seu tutor, próximo de Atarnea, para estudos em Atenas. Aos dezessete anos ingressa na Academia de Platão onde permaneceu por vinte anos.

Após a morte de seu mestre, deixa a academia e em 342 a. C. torna-se professor de Alexandre, filho de Felipe II, rei da Macedônia.

Em 335 a.C., Aristóteles regressa a Atenas e funda sua própria escola filosófica, Liceu em homenagem ao Deus Apolo Lício.

Em 323 a. C. se retira para Calcis, onde tem um filho chamado Nicômaco com a cortesã chamada Heryllis.

Escreveu dois tipos de obras: As Exotéricas, praticamente todas perdidas e as esotéricas, que compõem o chamado "Corpus Aristotélicum", sendo as principais: Metafísica (subdividida em quatorze livros) Política, de Anima, Ética a Nicômaco e Poética.

Acadêmicas:

PENSAMENTO FILOSÓFICO DE PLATÃO

Todo seu pensamento foi fundamentado na teoria das idéias. Nesta teoria, Platão divide a realidade em duas partes: o mundo dos sentidos e o mundo das idéias.

O mundo dos sentidos nada é eterno, pois todo conhecimento é aproximado e imperfeito.

O mundo das idéias acontece a esta realidade, de onde provem todo o conhecimento verdadeiro, eterno e mutável. Portanto, no mundo sensível as coisas não passam de sombras distorcidas e ilusórias do que é verdadeira no mundo das idéias.

Só é real o que a nossa razão, ou seja, nossa alma é capaz de reconhecer. O método usado por Platão foi a dialética e seu diálogo mais conhecido é a “alegoria da caverna”.

Platão sonhava com uma república ideal, governada por filósofos, sendo que as demais classes estariam unidas lutando pelo mesmo ideal.

Nesta república homens e mulheres eram iguais, e tinham a mesma capacidade, pois possuíam a mesma razão.

Foi o primeiro filósofo a defender a educação infantil como responsabilidade do Estado .

Acadêmicos:

PENSAMENTO FILOSÓFICO DE ARISTÓTELES

Aristóteles sustenta que todo conhecimento começa pelos sentidos. Ele diz que a observação nos leva a constatar a existência de inúmeros seres individuais, concretos, mutáveis. Diz que toda criatura dotada de sensibilidade é capaz de distinguir fatos particulares e aspectos do mundo exterior. Profere a famosa passagem : “Nada há no intelecto que não tenha passado primeiro pelos sentidos”.

Segundo ele, as idéias não são inatas, pois acreditava que não há idéia sem que primeiramente haja uma experiência vivida pelos sentidos.

Pregava a diferença entre “forma” e “substância”, isto é, “forma” são todas as características próprias de uma espécie a “substância” é a característica peculiar e individual de um ser de uma determinada espécie. Considerava que tudo tem uma “lógica” em nosso conhecimento: cada coisa é ordenada de acordo com o grupo ou categoria que pertence.

A mulher era considerada por Aristóteles “um homem incompleto”, dava-lhe a função de reprodutora.

Dizia que o homem é um ser político, já que este está inserido dentro de uma sociedade.

Para Aristóteles havia um supremo, um Deus criador de todas as coisas, que criou tudo e criou o homem dotado de inteligência e a capacidade de discernir entre o certo e errado, sendo assim, concluiu que Deus é um ato puro, ser necessário, causa primeira de todo

Acadêmicas:

ONDE SE ENCONTRAM

Platão e Aristóteles, apesar de terem pensamentos filosóficos diferentes, concordavam em alguns pontos. Os dois acreditavam que todos os elementos da natureza fluem, ou seja, passam por diversas fases de transformação até a morte, porém quando esta ocorria, algo permanecia.

Para eles, existia a razão, sendo ela, o ponto máximo do pensamento humano. Acreditavam também em uma fonte superior que comandava todo o movimento da natureza, seria o idealizador de tudo Deus.

Também se encontravam no que lembra a ciência médica grega; só através do equilíbrio e da moderação é que poderemos nos tornar pessoas “harmônicas” e felizes.

Acadêmicas:

ONDE SE DIFERENCIAM:

Há nítidas diferenças entre Platão e Aristóteles, até mesmo na forma de escrever, pois Platão era poeta e criador de mitos, os escritos de Aristóteles são sóbrios e pormenorizados.

Para Platão tudo o que os sentidos nos transmitem é imperfeito, são sombras da realidade, reflexos de algo que existe no Mundo das Idéias. Para Aristóteles, não existe nada na consciência que já não tenha sido experimentado antes pelos sentidos. Então, podemos dizer que enquanto Platão usou sua razão, Aristóteles ao contrário, usou também seus sentidos.

A respeito das mulheres ele tinham também opiniões diferentes, pois Platão achava que as mulheres tinham as mesmas capacidades para governar que os homens porque tinham a mesma razão que eles. Aristóteles achava que faltava alguma coisa à elas, sendo portanto, um homem incompleto.

Com relação a natureza, enquanto Platão mergulhava nas formas eternas, no “Mundo das Idéias”, sem perceber as mudanças da natureza, Aristóteles interessava justamente por estas mudanças, ou seja, os processos naturais.

Segundo Platão, o homem é composto de corpo e alma; já para Aristóteles, ele é composto de matéria e forma.

Platão achava que o estado devia ser dirigido pela razão, fazendo uma comparação do estado com o corpo humano, sendo que os dois possuem partes. Dizia que uns nascem para mandar e outros para serem mandados. Aristóteles dizia que para que uma forma de governo fosse boa, ela não poderia se degenerar em “tirania”, nem tampouco virar um governo de poucos.

Acadêmicas:

ANEXO 4- EXEMPLIFICAÇÃO DO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO

FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE UNIÃO DA VITÓRIA.
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROFº LADI TAMARA BENDA WITIUK
FILOSOFIA

Para que possamos avaliar o trabalho desenvolvido durante o 1º e 2º bimestres de 1998,
contamos com a sua colaboração.

**INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA METODOLOGIA DA ABORDAGEM PROGRESSISTA,
DO “ENSINO COM PESQUISA” NUMA VISÃO HOLÍSTICA DA EDUCAÇÃO, UTILIZADO NA
DISCIPLINA DE FILOSOFIA**

1. Você já conhecia a metodologia de ensino proposta na disciplina de Filosofia?

- () Sim
() Não

2. Em relação a metodologia do “Ensino com Pesquisa”, comparada com outras como a tradicional, aponte aspectos positivos e negativos.

Positivos: _____

Negativos: _____

3. Você acha válido dar continuidade a essa nova metodologia de ensino nos próximos bimestres ou acharia melhor retornar à metodologia tradicional?

- () Sim
() Não

Justifique: _____

4. De que forma a metodologia proposta, colaborou com sua formação acadêmica na perspectiva da formação do futuro profissional?

5. Como você avalia o seu rendimento, quanto a produção e elaboração de textos na metodologia do "Ensino com Pesquisa"?

6. Aliado à busca da competência técnica, você já foi exigido para produzir textos de elaboração pessoal no âmbito dos temas trabalhados numa disciplina?

- Sim
- Não

7. Esta proposta metodológica desenvolvida no decorrer do 1º e 2º Bimestres foi significativa para a tua formação?

- Sim
- Não
- Em parte

Justifique: _____

Muito obrigada!